



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**JORNALISMO**

**A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO:**  
**OS DESAFIOS DAS REPÓRTERES DAS EMISSORAS DE RÁDIO CARIOCAS**

**CAMILA CARELLI ARAGÃO**

**Rio de Janeiro**  
**2010**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**JORNALISMO**

**A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO:**  
**OS DESAFIOS DAS REPÓRTERES DAS EMISSORAS DE RÁDIO CARIOCAS**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação social, habilitação em  
Jornalismo.

**CAMILA CARELLI ARAGÃO**

**Orientadora: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa**

**Rio de Janeiro**  
**2010**

## FICHA CATALOGRÁFICA

ARAGÃO, Camila Carelli.

A Mulher no Jornalismo Esportivo: os desafios das repórteres das emissoras de rádio cariocas. Rio de Janeiro, 2010.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Gabriel Collares Barbosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia **A mulher no jornalismo esportivo: os desafios das repórteres das emissoras de rádio cariocas**, elaborada por Camila Carelli Aragão.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa, ECO/UFRJ

---

Prof. Dr. Fernando Antônio Mansur Barbosa, ECO/UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristiane Gomes da Costa, ECO/UFRJ

**Rio de Janeiro  
2010**

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus por ter me permitido alcançar mais este objetivo; a minha mãe Dilma Maria Siqueira Carelli pela compreensão, paciência e o esforço durante toda minha vida para que eu concluísse mais essa etapa; ao meu orientador pela disponibilidade e comprometimento; aos familiares e aos colegas de trabalho pela ajuda e solidariedade; aos entrevistados tão solícitos e interessados no trabalho e às mulheres que inspiraram a realização deste estudo.

A mulher submissa, que era proibida de estudar e trabalhar, é cena perdida de filme em branco e preto, ao mesmo tempo tão próxima às nossas lembranças! É a linha do tempo estranha, mutante, que depende de que ponto o observador está para contar uma história. (SECURATO E DASTRY, 2010)

## Resumo

ARAGÃO, Camila Carelli. **A mulher no jornalismo esportivo – os desafios das repórteres das emissoras de rádio cariocas.** Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

O presente estudo aborda o trabalho da mulher no jornalismo esportivo, com ênfase no rádio. Embora o número de mulheres na cobertura esportiva tenha aumentado, ainda é pequeno nesse meio de comunicação. O trabalho mostra de que forma algumas mulheres conseguiram preencher este espaço, quais as dificuldades que elas ainda enfrentam e o que ainda precisa ser conquistado. O estudo faz uma breve retrospectiva da história do rádio e das conquistas femininas. O trabalho se baseia em entrevistas com pioneiras no jornalismo esportivo, como Marilene Dabus, e mulheres que atuam como repórteres esportivas no rádio, como Andréa Maciel (Maria Chuteira), Thayssa Bravo e Carla Matera. Através de pesquisa, obtivemos dados sobre o que os colegas do gênero masculino pensam sobre o trabalho dessas mulheres. O estudo também reúne entrevistas com grandes nomes do esporte no rádio como Luís Mendes e José Carlos Araújo.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo. Rádio. Mulher

## Abstract

ARAGÃO, Camila Carelli. **A mulher no jornalismo esportivo – os desafios das repórteres das emissoras de rádio cariocas.** Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

This paper is about women working with sports journalism, focusing on the radio. Although the number of women in the sports area has increased, it is still a modest one regarding this media. The essay also talks about how women have been conquering their space, the difficulties they have to deal with and what they still need to achieve. There is a brief retrospective of radio history and feminine achievements. The issue presented here is based on interviews with female precursors on sports journalism, like Marilene Dabus and women who have worked as sports reporters on the radio, as Andréa Maciel (Maria Chuteira), Thayssa Bravo and Carla Matera. Through research, we obtained data about what masculine co-workers think about these women's job. Besides, this work collects interviews in which well-known people on the radio who work with sports, like Luís Mendes and José Carlos Araújo, took part in.

Keywords: Sports journalism. Radio. Woman.



## **SUMÁRIO**

### **1 – INTRODUÇÃO**

### **2 – HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL**

- 2.1 Breve histórico do rádio no Brasil
- 2.2 Retomada: O FM e as rádios musicais
- 2.3 A presença da mulher no rádio
- 2.4 Esporte no rádio

### **3 – EMANCIPAÇÃO FEMININA**

- 3.1 Na política
- 3.2 Na imprensa
- 3.3 Resistência e preconceito

### **4 – A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: REPÓRTERES QUE SUPERARAM AS DIFICULDADES E ALCANÇARAM O SUCESSO NO RÁDIO**

### **5 – CONCLUSÃO**

### **6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **7 – ANEXOS**

#### **ANEXO A - QUESTIONÁRIOS**

#### **ANEXO B – ENTREVISTAS**

## **1. Introdução**

O presente estudo pretende analisar o trabalho da mulher no jornalismo esportivo, com ênfase no rádio carioca, a partir da hipótese de que neste veículo de comunicação, a participação feminina quantitativamente ainda é bem menor que nos demais. O número de mulheres nas redações de esporte das principais rádios do Rio de Janeiro ainda é muito pequeno. O estudo apresenta depoimentos de jornalistas que conseguiram preencher esse espaço e dos colegas que dividem as redações com elas, mostrando como o trabalho da mulher no esporte é visto por homens e mulheres, identificando se ainda existe preconceito ou falta interesse das próprias jornalistas. Toda essa discussão se insere no contexto do rádio no Brasil, na trajetória da narração esportiva, no pioneirismo de locutoras e âncoras que abriram caminho no século passado e na emancipação feminina na sociedade brasileira, saindo do lugar de coadjuvante para protagonizarem eventos de diferentes magnitudes, seja na imprensa esportiva ou até na presidência da república.

O objetivo do trabalho é entender os motivos que levam a pequena participação da mulher enquanto jornalista no radialismo esportivo, levando em conta o papel que ela exerce na sociedade e na imprensa esportiva de maneira geral. Para tal, cabe analisar o trabalho das jornalistas que conseguiram se sobressair nesse veículo, tanto nas transmissões esportivas, como no dia-a-dia da redação, comparando com as funções ocupadas pelos colegas de trabalho do sexo masculino. A pesquisa pretende mostrar as vantagens e dificuldades encontradas pela jornalista esportiva no rádio, identificando que obstáculos a questão do gênero pode ou não criar e tentar apontar os motivos e soluções para tais problemas. O estudo aponta que avanços as mulheres já conquistaram e aonde elas ainda não conseguem intervir, além de trazer questões levantadas pelas próprias radialistas que se dedicam ao esporte, para serem discutidas por todos os profissionais da área, tentando compreender como cada um enxerga e é responsável pela delimitação do campo de atuação feminino no jornalismo esportivo. Também é possível discutir neste trabalho as particularidades encontradas pela mulher no radialismo esportivo em relação às outras áreas do jornalismo e se algumas destas singularidades estão relacionadas exclusivamente ao gênero. Devem ser levadas em conta as particularidades nas relações de trabalho, na linguagem, na exposição das idéias e na execução das tarefas inerentes ao trabalho de jornalista esportivo no rádio.

Todas essas questões, como linguagem, comportamento, preconceitos, tabus, entre outras, precisam ser discutidas, principalmente, pelas jornalistas esportivas, mas também por todos os profissionais da comunicação. Por se tratar de um tema que ainda põe em xeque a suposta igualdade alcançada pelas mulheres no século XXI. Os espaços em que a mulher ainda é discriminada, aqueles considerados eminentemente masculinos, precisam ser pesquisados, discutidos e entendidos. Torna-se necessário conhecer a história das pioneiras no ramo, perceber o que já foi modificado e conhecer as problemáticas atuais. Entender as entraves para o progresso da mulher em um campo específico do jornalismo, é também perceber o quanto a profissão é abrangente e complexa.

Para o desenvolvimento deste trabalho tornou-se necessário entrevistar algumas destas repórteres que ganharam destaque no rádio esportivo, não apenas pela relevância do seu depoimento, mas também pela ínfima quantidade de trabalhos nessa área. Poucos estudos abordam especificamente o trabalho da mulher no rádio, na imprensa esportiva e mesmo no jornalismo, de maneira mais ampla. O espaço ocupado pela mulher na imprensa não é objeto comum de estudos no Brasil, principalmente no que se refere à produção jornalística. As conquistas femininas na profissão, a história das jornalistas que lutaram por estas vitórias, as precursoras da luta pela igualdade de direitos na redação, são alguns dos temas pouco abordados, mas que mesmo em pequeno número, ainda podem ser encontrados. No entanto, se a participação feminina no jornalismo, em geral, já não é muito pesquisada, estudos sobre o trabalho da mulher na imprensa esportiva são praticamente inexistentes. Com tal dificuldade, torna-se absolutamente necessário realizar entrevistas e pesquisas que levem a compreensão de alguns fatos, auxiliem na reconstituição histórica e complementem o estudo. As entrevistas foram imprescindíveis, por exemplo, para identificar as precursoras da locução e os pioneiros na locução esportiva.

Com o objetivo de entender o cenário do rádio esportivo e como se dá a penetração feminina nesse meio foi imprescindível entrevistar as jornalistas que hoje se trabalham no meio, questionando sobre o que despertou o seu interesse, se enfrentam algum tipo de preconceito, quais as dificuldades mais comuns, as facilidades, como se sobressair sendo minoria e outros pontos que permitissem refutar ou corroborar com as hipóteses propostas. Foram escolhidas três repórteres, das duas principais rádios esportivas do Rio de Janeiro (Rádio Globo e Rádio Tupi), são elas: Andrea Maciel, mais conhecida como Maria Chuteira, Carla Matera e Thayssa Bravo. Para complementar a

discussão, também foi ouvida a pioneira no ramo, Marilene Dabus, primeira mulher a cobrir futebol no Brasil. Embora, Marilene não tenha trabalhado em rádio, suas experiências são fundamentais para o entendimento das questões discutidas, até por ter começado em uma época onde a discriminação ainda existia na própria sociedade, não era restrita a alguns setores.

No entanto, não há como falar de preconceito e discriminação dos colegas de redação sem também ouvir o que eles pensam do trabalho da mulher no jornalismo esportivo. É preciso também questioná-los sobre a participação feminina, os casos de discriminação e se eles mesmos percebem alguma resistência em relação à presença da mulher nesse campo de atuação. Para tal, foi distribuído um questionário para vários repórteres que já trabalharam diretamente com alguma repórter no jornalismo esportivo, dez deles responderam.

Dessa maneira, o trabalho pretende contemplar amplamente a questão da presença da jornalista no radialismo esportivo, ouvindo diversos pontos de vista sobre questões específicas, mas cada vez mais latentes nas discussões sociais e que, por isso, merecem ser estudadas, afinal, não influenciam somente na atuação da jornalista no campo profissional, mas também na participação da mulher na sociedade como um todo.

Para chegar à questão central do estudo, é necessário primeiro contextualizar o rádio no Brasil. Esse é o tema do segundo capítulo. Trata-se de um histórico do rádio, desde a primeira transmissão no Brasil, em 1922, no discurso de Epitácio Pessoa até o cenário atual do radialismo esportivo, passando pela Época de Ouro, o declínio com o surgimento da TV, a retomada com a criação da Frequência Modulada e as rádios musicais e o padrão digital estudado para o futuro. Nesse capítulo, merece destaque também a trajetória da mulher no rádio, desde a primeira locutora, em 1936, até os sucessos de audiência dos anos 90, como Monika Venerabile, a Monikinha, e Jussara Carioca, a fofqueira Juju. Ainda é relevante dentro desse capítulo a entrada do esporte no rádio e a contribuição do veículo para consolidação do futebol como paixão nacional. Vale ressaltar que não foi abordada no trabalho a questão das webrádios, visto que isso poderia fugir um pouco do foco do estudo. A questão das novas tecnologias está presente no trabalho, inserida na retomada do rádio, com a criação da frequência modulada e de novas ferramentas como o transistor, que permitiram a sobrevivência do rádio diante do surgimento da Televisão.

Em seguida, percorre-se a história da mulher na sociedade brasileira, desde o século passado, para identificar o processo de emancipação feminina em diversos setores sociais, que permitiram a presença da mulher em lugares onde jamais se imaginou que pudessem chegar. Desde o direito ao voto, em 1932, até a eleição de uma presidenta da República. Dos primeiros jornais para mulheres no século XIX, até a participação feminina nas redações, chefias e até no futebol, um meio considerado anteriormente como estritamente masculino. Se nas redações de cidade, economia e política a figura feminina é natural, o mesmo não se dá na editoria de esportes, onde ainda existe estranhamento e resistência. No caso das jornalistas que trabalham com esporte no rádio, essas diferenças ainda são muito visíveis, tanto pelo reduzido número de repórteres mulheres, quanto à maneira como são vistas pelos próprios colegas de redação. Ainda não são vistas com naturalidade e, por isso, são muito mais exigidas e julgadas, principalmente pelos próprios colegas. É o que fica claro na resposta dos jornalistas do sexo feminino sobre a participação das mulheres nesse campo, muitos reconhecem a existência do preconceito, embora se coloquem contra ele. O que fica claro é que ainda existe uma dúvida em relação ao domínio da mulher sobre o assunto futebol.

O objeto deste estudo, as jornalistas que trabalham no jornalismo esportivo no rádio, ganha espaço no último capítulo. Nesse tópico, serão analisadas as diferentes opiniões de Thayssa Bravo, Carla Matera e Andrea Maciel, além da contribuição da pioneira Marilene Dabus, sobre temas que se apresentam no dia-a-dia de cada uma delas na profissão. Elas contam suas histórias, a paixão pelo esporte, mas não escondem o descontentamento com a pressão e a cobrança que sofrem e, principalmente, com a desconfiança que ainda existe nesse campo. As jornalistas opinam sobre a questão do gênero, se ele é determinante para um bom desempenho na função de setorista, como lidam com o estereótipo e como tentam se afirmar enquanto profissionais diante dos preconceitos que se apresentam. As opiniões são, em geral, muito parecidas, complementam-se mais do que se contradizem e ajudam a entender que o preconceito existe, mas que só o trabalho, a competência, a seriedade e a capacidade de transformar a essência feminina no diferencial podem superar a resistência e construir um futuro em que a discriminação seja lembrada como exemplo e que a presença feminina no jornalismo esportivo seja vista com a naturalidade das demais editorias. Para essas jornalistas, o trabalho que realizam agora é capaz de criar a credibilidade necessária para extinguir o preconceito.

## **2. História do Rádio no Brasil**

No início do século XX, os brasileiros puderam ouvir pela primeira vez irradiações sonoras a quilômetros de distância. Eram as primeiras transmissões via ondas eletromagnéticas, era o surgimento do rádio no Brasil. Desde o discurso do presidente Epitácio Pessoa e a fundação da primeira rádio até o surgimento das FMs, o rádio brasileiro passou por diversas modificações. Viveu a consolidação na época de Ouro e a decadência nos anos 50, com o surgimento da televisão. Viu-se obrigado a mudar para não sucumbir diante das novidades oferecidas pela TV. Surgiram as rádios na frequência modulada (FMs), as emissoras musicais, a segmentação do público-alvo e as novas tecnologias que permitiram maior mobilidade do aparelho radiofônico.

Durante muitos anos, o rádio foi o grande companheiro da dona de casa, o celeiro de grandes talentos artísticos e a fonte primeira de informação. O imediatismo do veículo e a sua capacidade de estimular a imaginação encantavam os brasileiros. No rádio, surgiram talentos como Emilinha Borba, Carmem Miranda, Dorival Caymmi e consagraram-se os programas jornalísticos Repórter Esso e o grande jornal falado da Tupi. Também foi o rádio que estimulou a grande paixão dos brasileiros, o futebol, com as primeiras transmissões esportivas. Todo amante do esporte tem seu jogo inesquecível, o gol que marcou época, a narração que arrepiava e há os que até hoje recorrem aos radinhos de pilha para acompanhar as partidas do time de coração. E é dessa paixão que muitas emissoras, principalmente as AMs, sobrevivem nos dias de hoje.

Mesmo tendo surgido em uma sociedade patriarcal, machista, onde só os homens tinham voz, o rádio, desde o seu início, contou com a participação feminina e acabou se transformando em um lugar de visibilidade e resistência. No entanto, algumas barreiras ainda precisam ser superadas. Rádio, futebol e mulher ainda não estão intimamente ligados. O rádio ainda é o veículo onde existem menos mulheres trabalhando com esporte.

### **2.1 Breve histórico do rádio no Brasil**

A primeira transmissão radiofônica no Brasil aconteceu durante a comemoração do centenário da Independência, em 1922, na Semana de Arte Moderna. A Companhia Telefônica Brasileira e a Westinghouse Electric instalaram uma estação transmissora no alto do Morro do Corcovado e espalharam alto-falantes para que o

público pudesse ouvir o discurso do presidente Epitácio Pessoa, na abertura da grande exposição do Centenário da Exposição do Morro do Castelo. Embora esta tenha sido a primeira transmissão oficial, trinta anos antes o padre Roberto Landell de Moura, do Rio Grande do Sul, já fazia suas primeiras experiências em transmissões de voz e ruídos sem fio. Em 1893, ele fez a primeira transmissão através de ondas eletromagnéticas.

Já em 1890 o padre-cientista Landell de Moura previa em suas teses a "telegrafia sem fio", a "radiotelegrafia", a "radiodifusão", os "satélites de comunicações" e os "raios laser". Dez anos mais tarde, em 1900, o Padre Landell de Moura obteve do governo brasileiro a carta patente nº 3279, que lhe reconhece os méritos de pioneirismo científico, universal, na área das telecomunicações. No ano seguinte ele embarcou para os Estados Unidos e em 1904, o "*The Patent Office at Washington*" lhe concedeu três cartas patentes: para o telégrafo sem fio, para o telefone sem fio e para o transmissor de ondas sonoras.<sup>1</sup>

Quase um ano depois da primeira transmissão radiofônica oficial, surgia a primeira rádio brasileira: no dia 20 de abril de 1923 entrou no ar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto, considerado o “pai do rádio brasileiro”.

Na Rádio Sociedade, Roquette-Pinto comandou o primeiro jornal “falado” do rádio: o *Jornal da Manhã*. O locutor lia e comentava as principais notícias veiculadas nos jornais impressos, analisando minuciosamente diversos aspectos. Além desta edição, ainda havia o *Jornal do Meio-Dia*, o *Jornal da Tarde* e o *Jornal da Noite*, que tratavam de temas como literatura, agronomia, esporte, entre outros.

No início do rádio brasileiro, os programas jornalísticos, assim como o *Jornal da Manhã*, eram literalmente jornais falados. Não havia equipe de repórteres nas rádios. Os locutores apenas liam literalmente as notícias dos impressos, sem qualquer tipo de elaboração. (GUIMARÃES, 2009, 08)

Durante a década de 1930, depois da inauguração da Rádio Sociedade, várias emissoras foram surgindo pelo país. Em 1923 aparecem a Rádio Clube Paranaense (PR) e a Rádio Educadora Paulista (SP). No Nordeste, surge em 1924 a Rádio Sociedade Maranhense (MA), a Rádio Clube do Ceará (CE) e a Rádio Sociedade da Bahia (BA). Ainda neste ano é inaugurada a Rádio Sociedade Riograndense (RS). Também no Rio Grande do Sul, surge a Rádio Pelotense, em 1925. Em 1926, foram

---

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://www.microfone.jor.br/historia\\_radio1.html](http://www.microfone.jor.br/historia_radio1.html)> Acesso em: 15 set. 2010

inauguradas a Rádio Educadora do Brasil, no Rio de Janeiro, mais tarde chamada de Rádio Tamoio, a Rádio Clube do Brasil, também no Rio de Janeiro, e a Rádio Record de São Paulo, a PRB 9. No ano seguinte, foram criadas a Rádio Sociedade Mineira, em Belo Horizonte, a Rádio Sociedade Gaúcha (RS), a Rádio Cruzeiro do Sul, em São Paulo, e a Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro. Esta última foi uma das mais populares na capital carioca nos anos 30. Em 1928, foi inaugurada a Rádio Club Pará, em Belém. Em 1934, é criada a Rádio Difusora, apelidada de "Som de Cristal", onde surgiu o termo "radialista", inventado por Nicolau Tuma.

A Rádio Jornal do Brasil é inaugurada no Rio de Janeiro em 1935. A JB fazia, desde seu início, um rádio bastante informativo, mas em termos de fontes, linguagem e técnica de produção não se diferenciava da prática disseminada no radiojornalismo da época.

As rádios sociedades ou rádio clubes tinham esse nome porque se mantinham com a contribuição financeira dos ouvintes associados, na forma de mensalidades. Na década de 30, as rádios começaram a enxergar o potencial econômico do veículo e como poderiam se manter com os próprios recursos e até lucrar com a comercialização de propagandas, por exemplo.

No dia 1º de Março de 1932, foi sancionado o decreto nº 21.111, que permitia a propaganda no rádio. O decreto proporcionou grandes transformações no rádio e alavancou o crescimento do meio de comunicação no Brasil. Esta ação foi uma das medidas do Governo Vargas visando a valorização do rádio e a consequente expansão da radiodifusão no país. Uma das ações mais importantes do presidente foi a criação da *Hora do Brasil*, em 1937, veiculada por todas as rádios brasileiras. O programa, de certa maneira, foi responsável pela integração nacional.

Em 1935, surgem os primeiros programas de auditório, uma das grandes fórmulas de sucesso do rádio que aumentaram a interação do público com os artistas e locutores. No ano seguinte são fundadas as principais rádios da época e futuras líderes de audiência: a Rádio Tupi e a Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

A década de 40 é considerada a Era de Ouro do rádio. Foi a época da consagração das rainhas do rádio, das rádionovelas - em 12 de julho de 1941 foi transmitida a primeira rádio-novela brasileira na Rádio Nacional do RJ, chamada *Em Busca da Felicidade* - e do surgimento de programas jornalísticos que marcaram história e permanecem na lembrança dos brasileiros.



As rainhas do rádio eram sucesso de audiência, mobilizando milhares de ouvintes. Em 1953, a cantora Emilinha Borba foi consagrada a "Rainha do Rádio", na Rádio Nacional.

As rádionovelas também foram responsáveis pelo auge do rádio na década de 40 e trouxeram novas maneiras de pensar a linguagem. Entre 1943 e 1955, foram ao ar 11.756 horas de rádionovelas na Rádio Nacional.

No dia 28 de agosto de 1941 foi veiculado na Rádio Nacional o mais importante programa jornalístico do rádio brasileiro: o *Repórter Esso*. A primeira transmissão do jornal, que tinha o slogan “Testemunha Ocular da História”, anunciava um ataque da Alemanha a Normandia na Segunda Guerra Mundial. O noticiário era marcado pela narração inconfundível do gaúcho Heron Domingues, que assumiu a locução do programa na Rádio Nacional, em 1944. Antes disso, a leitura era feita pelos locutores do horário. A partir deste ano, então, cada emissora passou a ter um único locutor para o programa.

Apesar se ter sido um marco no radiojornalismo brasileiro, o *Repórter Esso* não foi uma criação brasileira. Foi produzido durante muitos anos por uma agência de notícias americana, a United Press, e era patrocinado pela empresa petrolífera Standart Oil, mais tarde conhecida como Esso Brasileira de Petróleo LTDA.

O *Esso* chegou ao Brasil através da agência de publicidade McCann-Erickson, dos Estados Unidos, aqui instalada dentro da política de aproximação norte-americana desenvolvida através do “Birô Interamericano”. Era patrocinado pela empresa petrolífera Standard Oil, também norte-americana e depois denominada Esso Brasileira de Petróleo Ltda. (ZUCULOTO, 2003:9) <sup>2</sup>

Durante os 27 anos em que esteve no ar, as quatro edições diárias do *Repórter Esso* foram transmitidas simultaneamente, por várias emissoras em todo Brasil, como a Record de São Paulo, a Farroupilha de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a Rádio Clube de Recife, em Pernambuco, e a Rádio Inconfidência de Belo Horizonte, em Minas Gerais. O noticiário introduziu uma nova maneira de informar

---

<sup>2</sup> Disponível em:

<<http://www.locutor.info/Biblioteca/NOTICIA%20NO%20RADIO%20NA%20EPOCA%20DE%20OURO.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2010

diferente dos outros jornais falados, com pouco tempo de duração (cerca de cinco minutos) e uso das frases curtas e diretas, extremamente objetivas.

Outro destaque do rádiojornalismo foi o *Grande Jornal falado da Rádio Tupi*, baseado no *Jornal Falado Tupi*, transmitido desde 1939 pela emissora. O novo noticiário, comandado por Corifeu de Azevedo Marques, entrou no ar no dia 03 de abril de 1942. Diferente do *Repórter Esso*, o *Jornal da Tupi* não era uma síntese curta de notícias, ele começava a edição com os destaques e depois dividia as reportagens em blocos, de acordo com o tema. Esta maneira de organização do jornal foi trazida por Corifeu, baseada na experiência do jornal impresso. *O Grande Jornal Falado* tinha uma única edição por dia - à noite - e também era retransmitido por diversas emissoras.

Os dois noticiários marcaram a trajetória do jornalismo no rádio e influenciam até hoje a maneira de transmitir informações no meio de comunicação.

É nesta fase, do nascimento e consolidação do *Repórter Esso* e do *Grande Jornal Falado Tupi*, portanto, que se encontram as mais fortes raízes - aquelas que vingaram e que mesmo sofrendo transformações posteriormente influíram de forma decisiva na trajetória da notícia de rádio no Brasil. O *Esso* e o não menos famoso noticioso da Tupi legaram ao nosso rádiojornalismo dois modelos com diferenças e semelhanças que, juntos, construíram essa trajetória. (ZUCULOTO, 2003:15)

Também fizeram sucesso na década de 40, os programas de humor como o *PRK-30* na rádio Mayrink Veiga e o *Balança, mas não cai* na Nacional, além do *Programa Casé*, de Ademar Casé, um dos pioneiros do Rádio. O programa foi ao ar pela primeira vez no dia 14 de fevereiro de 1932 e durou até os anos 50, quando Casé foi se aventurar na TV com Chateaubriand. No *Programa Casé* foram ao ar o primeiro jingle e a primeira rádio-novela. Casé também inovou ao pagar cachê aos artistas. Participaram do programa nomes como Carmen Miranda, Braguinha, Lamartine Babo, Sérgio Caldas e Dorival Caymmi.

Em 18 de setembro de 1950 inaugurava-se, em São Paulo, a televisão Tupi difusora, instalada por Assis Chateaubriand. A ascensão do novo meio de comunicação foi determinante para o declínio do rádio. Além de atrair os grandes talentos do rádio, a TV também atraiu os investimentos e a publicidade. Com a queda nos rendimentos, o rádio trocou os artistas pelas fitas gravadas e as novelas e programas de auditório por

notícias e serviços. As novelas e os atores migraram para a TV e até o *Repórter Esso* tentou repetir o sucesso no novo veículo.

Nos anos 50 as estatísticas são auspiciosas para o rádio e revelam que por seu intermédio quase o dobro das pessoas que lêem jornais se baseiam nas emissões radiofônicas para saber os fatos nacionais e internacionais, entretenimento e educação. É a televisão que a partir daí irá mudar esse horizonte em que vive o rádio. (BAHIA, 1990:174)

As emissoras de rádio buscaram no jornalismo e nas novas tecnologias, uma forma de manter a audiência fiel. Principalmente, a partir dos anos 50, quando o gravador magnético e o transistor revolucionaram a qualidade e velocidade da informação. Essas inovações foram determinantes para a sobrevivência do rádio, na medida em que conseguiram ampliar a característica que já era mais relevante no veículo: a portabilidade.

O jornalismo radiofônico, porém, resiste e se recondiciona. Para tanto, contribuem elementos objetivos – como o transistor, a estereofonia e a frequência modulada, que beneficiam todo o veículo; e subjetivos, como o coloquialismo e o revigoração dos padrões noticiosos. (BAHIA, 1990:174)

Além disso, o uso dos gravadores também trouxe novidades no radiojornalismo. A nova tecnologia permitiu a utilização de sonoras nas matérias, dando mais credibilidade e dinamismo.

A introdução do som ambiente no rádio através das sonoras contribuiu para a criação da imagem mental, permitindo ao ouvinte acompanhar o fato como se estivesse presenciando, se envolvendo emocionalmente, apesar da distância física do acontecimento. A notícia ganhou vida, diversidade de sons, e passou a não depender só da entonação do locutor no estúdio (BAUMWORCEL apud MOREIRA e DEL BIANCO: 2001, 111)

Outro avanço tecnológico foi a frequência modulada, que começou a ser utilizada no Brasil a partir dos anos 70. Depois vieram o uso de micro-ondas, satélites e celulares, que hoje apelam para o imediatismo, permitindo a entrada ao vivo dos repórteres.

## 2.2 Retomada: O FM e as rádios musicais

Para tentar sobreviver à concorrência da televisão, as emissoras de rádio apostaram na especialização, montando a programação voltada para um público específico. Algumas se dedicaram à programação musical, outras só a notícias, tentando atender às expectativas do novo consumidor.

Em 1959, a Rádio Tamoio inaugurou a rádio musical, com pequenos intervalos para comerciais e blocos de mais de 10 minutos só de músicas. O radiojornalismo como prestação de serviço ganhou destaque junto com a programação esportiva, que virou a principal fonte de renda, atraindo publicidade para o rádio. A riqueza e o brilhantismo dos programas de auditório e das rainhas do rádio deram lugar à comunicação ágil e noticiosa. A grande atração não era mais a programação, mas o imediatismo e a mobilidade, a capacidade estar presente em qualquer hora e lugar.

A partir de meados da década de 70, começa a transformação para que o rádio conseguisse sair do marasmo em que caiu a partir dos anos 50[...] As emissoras passaram a identificar-se cada vez mais com determinadas faixas sócio-econômico-culturais da população, procurando dirigir-se a elas e buscando uma linguagem nos próprios padrões das classes que desejavam atingir. (GONÇALVES & OLIVEIRA, 1982, 19-20)

No início desta década, o rádio já era muito acessível aos brasileiros e era utilizado por mais de 85% da população: um alcance jamais atingido pelo veículo, nem mesmo na época de maior prestígio. É neste cenário, que o rádio vive uma nova revolução: o surgimento das FMs. Surgem cada vez mais emissoras, cresce o número de estações em todo o Brasil e a programação torna-se ainda mais segmentada.

Em 1977 é inaugurada a emissora que revolucionou o FM: A Rádio Cidade. Antes da Cidade, as FM funcionavam como transmissoras de música ambiente. O sucesso da emissora atraiu publicidade e apontou novas vertentes de programação para as FMs. A Rádio Cidade abriu caminho para o aperfeiçoamento das emissoras e a sobrevivência do rádio como veículo de massa.

Baseado em sua vivência como DJ, nos muitos anos como ouvinte das Rádios Mundial e Tamoio AM e com os conhecimentos adquiridos dos Estados Unidos, Carlos Townsend idealizou a Rádio Cidade e foi o seu primeiro coordenador. Ele formatou o relógio comercial da Rádio, selecionou um arquivo de 2000 músicas antigas, implantou o playlist, criou os programas *O Sucesso da Cidade* e *Cidade Disco*

*Clube* e treinou os primeiros locutores, estabelecendo um novo estilo de operação e apresentação conjunta que, até então, era inédito no Brasil. (XAVIER & CERQUEIRA, 2004, 235)

Em menos de 30 dias, Carlos Townsend colocou a Rádio Cidade no primeiro lugar nas pesquisas de audiência e foi assim durante oito anos. Como coordenador de projetos especiais, Townsend implantou o formato da Rádio Cidade em vários estados do país. Todas foram sucesso de audiência.

Carlos Townsend foi promovido a coordenador de projetos especiais em 1983 e viajou pelo Brasil implantando as Rádios Cidade de Recife, Goiânia e reformulou a Rádio Cidade Belo Horizonte. Todas atingiram o primeiro lugar do Ibope. (XAVIER & CERQUEIRA, 2004, 236)

Na década de 80, as novas tecnologias aumentaram a qualidade das transmissões e contribuíram para o desenvolvimento das FMs, com um som muito mais “limpo”, ou seja, sem ruídos. Para tentar atingir a mesma qualidade, as rádios AM inovaram com a transmissão com som estéreo. Todas essas mudanças ajudaram o rádio a atrair investidores e a ser valorizado comercialmente, fortalecendo a sua imagem como meio de comunicação de massa.

Com o surgimento das FMs, a segmentação foi se acentuando cada vez mais. A lógica era que quanto mais específica fosse a programação de uma emissora para um determinado público, mais fácil atrair anunciantes cujos produtos interessem a estes ouvintes.

A segmentação também foi geográfica. As rádios começaram a se expandir pelo país, formando grandes redes, com emissoras filiadas em vários estados. A programação nacional era intercalada com a regional, uma estratégia que tinha como objetivo despertar o interesse do mercado publicitário.

Ainda hoje as rádios continuam no processo de segmentação e sobrevivem do apoio dos anunciantes. Nas rádios FM predomina a programação musical, com a presença de algumas emissoras de notícias, por exemplo, a CBN e a Band News no Rio de Janeiro. Já nas emissoras AM, são os grandes comunicadores e o esporte que atraem os ouvintes, no entanto, a programação jornalística também tem grande relevância, bem mais do que nas rádios FM, de maneira geral.

O rádio brasileiro vive agora um novo processo de modernização: o padrão digital. O governo federal está próximo de anunciar o modelo que será utilizado, o

americano (In-Band-On-Chanel - Iboc) ou o europeu (Digital Radio Mondiale - DRM). A vantagem deste último é que o Brasil não precisa pagar royalties para implantá-lo. No dia 30 de março deste ano, o Governo Federal publicou a Portaria nº 290, que cria o Sistema Brasileiro de Rádio Digital, mais ainda não define o sistema a ser utilizado. De acordo com o Ministério das Comunicações, testes ainda estão sendo feitos e o novo modelo terá que atender da melhor maneira as expectativas em relação ao rádio digital.

Dessa forma, os testes com o padrão americano (Iboc) e europeu (DRM) prosseguem por um prazo de aproximadamente dois meses. Em seguida é feito um relatório técnico, que será analisado por um grupo de trabalho do MC, que envolve também universidades como a UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), a UnB (Universidade de Brasília), o Cetuc (Centro de Estudos em Telecomunicações da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), a Abert (Associação Brasileira de Rádio e Televisão) e o Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Normatização e Qualidade Industrial). Depois da aprovação do ministro das Comunicações, o Presidente da República tomará a decisão final.<sup>3</sup>

Além de melhorar a qualidade de som, a intenção de adotar um padrão digital no rádio, segundo o Ministério, é também promover a inclusão social e a democratização da informação, reconhecendo as particularidades econômicas e geográficas de cada região.

### **2.3 A presença da mulher no rádio**

O Rádio era a novidade do início do século XX, e tendo surgido em uma sociedade conservadora, era produzido apenas por homens. Dos locutores aos técnicos todos eram do sexo masculino. Mas, aos poucos, como em vários outros setores da sociedade, as mulheres foram conquistando seu espaço. Primeiro com as cantoras do rádio, depois como anunciantes, na produção, locução e ancoragem de programas até surgirem as emissoras em que trabalhavam apenas mulheres.

Ao estudarmos a história do rádio no Brasil, notamos que poucas vezes a mulher é citada como uma pessoa atuante e presente no início das transmissões radiofônicas. Apenas nomes tais como Carmen Miranda, Emilinha Borba, Dalva de Oliveira e Marlene são

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/noticias-do-site/22493-governo-anuncia-criacao-do-sistema-de-radio-digital-brasileiro>>. Acesso em: 03 out. 2010.

mencionados com mais destaque. (TESSER apud XAVIER & CERQUEIRA, 2004, 30)

Essa trajetória começou em 1936, com a locutora Lúcia Helena, na Rádio Nacional. Inicialmente, ela emprestava a voz apenas para anúncios. Ficou famosa pelo comercial dos sabonetes Eucalol. Depois atuou como locutora, ancorando programas na rádio.

Entre os speakers (locutores), havia também as mulheres procurando seu espaço como Lúcia Helena, que no ano de 1936, abria na Rádio Nacional, todos os domingos do meio dia às 21 horas, o programa *Quando os Ponteiros se Encontram ao Meio-Dia*. (SANTOS apud XAVIER E CERQUEIRA, 2004:22)

José Carlos Araújo, locutor da Rádio Globo, acompanhou a carreira de Lúcia Helena e conta que ela também ancorou um dos programas humorísticos de maior sucesso no rádio, o *Balança mais não cai*.

Historicamente, as grandes locutoras de rádio surgiram no auditório da Rádio Nacional, como a Lucia Helena, que era locutora comercial e ficou tradicional do *Balança Mas Não Cai*, o programa de maior audiência de humorismo na Rádio Nacional, e era repetido sábado à tarde. Ela fazia a propaganda do Eucalol, uma marca de sabonete de uma fábrica chamada Mirta S.A.<sup>4</sup>

Mas antes de ficar conhecida na Rádio Nacional, Lúcia chegou a atuar como locutora esportiva em rádios do interior, como conta Luiz Mendes.

Eu me recordo de uma grande locutora da Rádio nacional que quando estava no interior de SP, transmitiu futebol. Foi primeira mulher a meu ver que ingressou nas transmissões esportivas foi a Lúcia Helena, principalmente no futebol.<sup>5</sup>

Outras mulheres que fizeram sucesso no início do rádio brasileiro, tanto na locução de comerciais quanto na ancoragem de programas, foram Maravilha Rodrigues, na Rádio Eldorado e na Rádio Jornal do Brasil AM, Anita Taranto e Isis Lettieri, na Rádio Metropolitana e Graciete Santana na Rádio Guanabara. José Carlos Araújo lembra de todas elas.

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida no Sistema Globo de Rádio, em 11/10/10. cf. Anexo B, pg. XIX.

<sup>5</sup> Entrevista concedida por telefone, em 04/10/10. cf. Anexo B, pg. XXIV.

A Anita Taranto foi a voz mais bonita que eu conheci de locutora. Agora, se me perguntar qual foi a voz de mulher mais marcante através dos anos, eu diria que foi a Iris Leitere. Ela começou trabalhando comigo e é a voz do aeroporto do Galeão.

Esses são alguns exemplos de mulheres que se destacaram no rádio, nas principais emissoras do país e conseguiram penetrar em um espaço dominado pelos homens. No entanto, eram apenas algumas peças em uma estrutura ainda muito masculinizada, onde a programação era feita por homens e para homens. A primeira rádio brasileira a se especializar de fato em assuntos femininos foi a Rádio Mulher, inaugurada em São Paulo, em 1969. A emissora foi responsável por uma grande revolução no rádio da época, da produção até o microfone. As mulheres passaram a ocupar o centro das atenções, produzindo, informando, apresentando programas e, sobretudo, tendo como ouvintes outras mulheres. E a inovação não se restringiu aos temas considerados “femininos”, pelo contrário, também interferiu em outros universos tidos até então como propriamente masculinos, como o esporte, por exemplo. Luiz Mendes lembra que “a Rádio Mulher tinha uma equipe esportiva toda formada por mulheres. Apenas vozes femininas.” Desde a locutora até a operadora de áudio eram mulheres. Uma das locutoras era Claudete Troiano, que transmitia partidas de futebol e atuava também como repórter.

Pela Rádio Nacional, Cidinha Campos também se destacou fazendo uma cobertura esportiva. Luis Mendes lembra da sua participação em um momento histórico do futebol brasileiro no dia 19 de novembro de 1969.

A Cidinha Campos participou, no campo, da transmissão feita pela própria Rádio Nacional na noite em que o Pelé marcou o milésimo gol. Ela foi a primeira a entrevistar o Pelé, antes de qualquer homem.

Outra rádio a priorizar a participação feminina foi a Fluminense FM, revelando algumas locutoras que ganhariam notoriedade nacional e se firmariam no universo radiofônico, como Monika Venerabile, Mylena Ciribelli e Selma Boiron. Inaugurada em 1972, em Niterói, no Rio de Janeiro, a Rádio Fluminense FM, ou “A Maldita”, como ficou conhecida, transmitia corridas de cavalo. A maioria dos profissionais vinha da Fluminense Difusora AM. Em 1981, a rádio que inovou na linguagem com o slogan “jovem não é imbecil” sofreu uma reformulação com a entrada da equipe formada por Amaury Santos, Sérgio Vasconcellos e Luiz Antônio Mello. A



nova Fluminense FM, 94,9 MHz, entrou no ar no dia 1º de março de 1982 na voz de Selma Borion, uma locução exclusivamente feminina.

A Rádio Fluminense dinamitou o preconceito que reinava no rádio brasileiro, onde mulher praticamente não falava. Inteligentes e bem informadas, as locutoras da Maldita criaram um padrão sóbrio que contrastava com a programação musical maravilhosamente caótica (MELLO apud XAVIER & CERQUEIRA, 2004,30).

Alguns estudos, como o de Xavier e Cerqueira, apontam a Fluminense AM como a precursora na participação da mulher no rádio, sendo a primeira emissora no Brasil a dar espaço à locução feminina. No entanto, José Carlos Araújo explica que a Maldita teve papel fundamental na entrada e ascensão da mulher no rádio, mas não foi precursora, já que nomes como Lúcia Helena, Anita Taranto e Maravilha Rodrigues já eram conhecidos, além da experiência da Rádio Mulher.

A Rádio Fluminense foi uma rádio “pauleira” FM, que hoje tem a frequência ocupada pela Band News, mas não teve as primeiras locutoras, foi a primeira rádio a só ter locutoras. Lá na Maldita, como era chamada, surgiram Mylena Ceribelli, Monikinha Venerabile, entre outras. [...] A Fluminense, como a Rádio Mulher em SP, foi a primeira a ter uma equipe só de mulheres cobrindo futebol: locutora, comentarista e repórter.

A Fluminense deu mais notoriedade à locução feminina porque abriu um novo espaço para as mulheres, o universo das FMs. A partir daí, nomes como Adriana Riemer e Márcia Santos foram ganhando espaço nos programas radiofônicos.

Atualmente, existe um número razoável de mulheres atuando em rádio, principalmente nas FMs, tanto como repórteres, como locutoras. Entre os nomes mais conhecidos nas rádios musicais estão Monika Venerabile, na Nativa FM, Gislaine Martins, na Transamérica FM, Isabella Saes, na Sul América/Paradiso, e Selma Boiron na OI FM, entre outras. Nas rádios Hard News, destacam-se Lúcia Hipólito na Rádio CBN e Fernanda D'Ávila na Band News FM.

Já nas rádios AM, o número de locutoras ainda é muito pequeno. Há um número considerável de repórteres, mas locutoras são poucas. No *dial* em que se consagraram Cidinha Campos, Nena Martinez, Zora Yonara e Daisy Lucidi, atualmente brilham poucas mulheres. Na Tupi, Monika Venerabile apresenta o *Show da Monikinha*. Cláudia Ferreira solta a voz na Rádio Manchete e na Rádio Globo, Jussara Carioca dá voz ao famoso personagem: a fofoqueira Juju. Jussara começou no rádio trabalhando no

esporte, na tribuna de honra do Maracanã. José Carlos Araújo foi quem lançou a radialista.

Quando eu fui para a Rádio Nacional, em 1977, eu lancei a Juju com a *Paquera Social*. Era uma repórter, que circulava na tribuna de honra, no saguão primeiro. As pessoas chegavam e ela entrava no ar falando “chegou fulano, mas ele está muito cafona, uma calça marrom com sapato preto”. Era um quadro social dentro do futebol. Hoje, no Maracanã, o camarote tem esse perfil, tem até entrada isolada. Quando não tinha o camarote, era uma tribuna principal que juntava as pessoas mais importantes. A *Paquera Social* quem começou fui eu com a Juju, na época, só Jussara Carioca. Depois surgiu a Maria Chuteira, que ficou mais famosa, fazendo reportagens, entrevista e tudo mais.

Jussara Carioca ganhou destaque no rádio com a personagem Juju, fazendo fofocas e comentários sobre os artistas no programa *Show do Antônio Carlos*. Com o sucesso, Jussara ganhou um programa próprio. Atualmente, além do quadro no programa, apresenta o *Revista de Sábado* na Rádio Globo.

## 2.4 Esporte no rádio

A locução esportiva no rádio teve início logo nos primeiros anos de existência do meio de comunicação. Ainda hoje é a principal fonte de renda das emissoras - principalmente das AMs, como Tupi, Globo, Tamoio, Brasil e Fluminense - atraindo audiência e, conseqüentemente, muitos anunciantes. As corridas de cavalo tiveram grande importância na programação das emissoras brasileiras no século XX, junto com a transmissão das corridas de Fórmula Um, mas o “carro-chefe” da programação esportiva no rádio sempre foi o futebol, que mesmo concorrendo com a televisão ainda atrai muitos ouvintes pela maneira emocionante e peculiar de transmitir as partidas.

A descoberta das possibilidades do rádio nas transmissões de eventos esportivos – e em particular do futebol – elege uma nova especialidade de expressão, como uma técnica, um estilo e uma dinâmica próprios, e que se mantém inabalável até a televisão provar suas aptidões para modernizá-la. (BAHIA, 1990:175)

Desde a década de 1930, o rádio sofreu grandes transformações, mas as transmissões dos jogos de futebol nunca perderam sua importância dentro da grade das emissoras. A programação esportiva no rádio tem início, em 1925, na Rádio Educadora de São Paulo, com a transmissão dos resultados das partidas de futebol. A primeira transmissão de um jogo de futebol no Brasil aconteceu em 1931. O pioneiro foi o paulista Nicolau Tuma, pela Rádio Sociedade Educadora Paulista (primeira emissora de SP, fundada em 1923). O jogo era válido pelo VIII Campeonato Brasileiro e reuniu as seleções paulista e paranaense. O confronto aconteceu no dia 19 de julho de 1931 no campo da Chácara da Floresta, no bairro da Ponte Grande, em São Paulo, e a equipe local venceu por seis a quatro.

Chama a atenção o fato de a irradiação esportiva manter-se ativa desde o início da década de 30, enquanto estão extintos o radioteatro, a radionovela, os grandes musicais, os programas humorísticos e os de auditório, seus contemporâneos. (SOARES, 1994, 13)

Antes de Tuma, algumas emissoras apenas informavam os resultados das partidas que estavam em andamento. O paulista foi o primeiro a transmitir um jogo na íntegra, lance a lance, descrevendo o que acontecia em campo, para tentar criar uma imagem na cabeça do ouvinte. Tuma foi quem inventou a divisão do campo em duas partes na narração, colocando uma equipe de cada lado para facilitar a compreensão de quem não podia ver a partida. Esse método é utilizado até hoje, quando os locutores dizem que do lado direito está uma equipe e do lado esquerdo a adversária. No entanto, muito diferente da tecnologia que se tem hoje, Tuma enfrentou dificuldades para conseguir transmitir toda a partida; o *speaker*, por exemplo, não parava de falar um segundo, porque não havia ainda propaganda durante os jogos, nem repórteres e comentaristas e ele não admitia que ficasse um silêncio para o ouvinte.

Não há cabines de rádio nos clubes. Os responsáveis pelo campo da Chácara da Floresta deixaram-no ocupar um espaço, junto ao público das gerais. Ali, o locutor improvisa o seu posto de trabalho, que pomposamente chama de “reservado de imprensa”. (SOARES, 1994, 29)

Em muitos estádios não havia linhas telefônicas e os locutores precisavam realizar diversas “manobras” para conseguir fazer a locução das partidas.

Na época romântica do Rádio esportivo, locutores e operadores faziam grandes esforços para colocar no ar a irradiação de um jogo. Às vezes, subiam até em postes de rua e contemplavam uma ligação telefônica clandestina. (SOARES, 1994, 32)

No Rio de Janeiro, o pioneiro da locução esportiva foi Amador Santos no Rádio Clube Brasil. Como a maioria dos locutores da época, o que movia o seu trabalho era a paixão pelo rádio e pelo esporte. Amador chegou a ser impedido de realizar seu trabalho, mas sempre dava um jeito de não deixar o ouvinte na mão.

Era um locutor sóbrio da Rádio Clube, de voz pausada. Irradiava uma partida de futebol como se estivesse transmitindo uma ópera no Municipal. [...] Com uma tenacidade à prova de fogo. Os clubes, já nessa época, através de seus cartolas, achavam que as irradiações prejudicavam as bilheteiras, como hoje acontece com a televisão. Mas o Amador Santos não esmorecia. Foi proibido de entrar em todos os campos de futebol nos dias de jogos. Mas ele inventava sempre um meio de transmiti-los: de binóculo, de alguma casa distante, atrás de um muro etc. (MURCE apud SOARES, 1994:19)

Sobre o mesmo assunto, Maria Elvira Bonavita Frederico explica que os clubes temiam perder dinheiro com a transmissão das partidas pelo rádio: “Nessa época eram vedadas as transmissões esportivas, pois os clubes não queriam que se prejudicassem as entradas da bilheteria porque o rádio podia diminuir o fluxo de torcedores”. (apud Soares, 1994: 19)

Tuma e Amador Santos foram pioneiros nas transmissões locais de partidas de futebol; no entanto, a primeira transmissão de um jogo na Europa foi de Leonardo Gagliano Neto, da Rádio Clube do Brasil do RJ, em 1938, durante a Copa do Mundo. Gagliano narrou a vitória do Brasil sobre a Polônia por seis a cinco. Antes desta partida, alguns locutores já tinham narrado jogos em países sul-americanos. Essa transmissão também foi a primeira em rede nacional. O sucesso de Gagliano inspirou muitos jovens, como Luis Mendes.

Gagliano Neto foi o locutor mais famoso da sua época. Foi ele que me inspirou a ser locutor. Eu comecei a ensaiar, imitando o Gagliano. Depois, coincidentemente, fui substituí-lo na Rádio Globo. De 1944 até 1947, ele era o locutor esportivo da Rádio Globo e saiu para fundar a emissora Continental, que era especializada em esportes. Aí, eu passei a ser locutor esportivo e fiquei oito anos, de 1944 até 1955.

Os locutores faziam de tudo para prender a atenção do ouvinte e marcar o seu estilo. Ary Barroso, por exemplo, ficou famoso em 1938, pela gaita que tocava na hora dos gols da partida.

Na Rádio Cruzeiro do Sul, Ary Barroso começa sua carreira de narrador esportivo, que o consagrou como o “Speaker da Gaitinha”. Isso porque por diversas vezes o locutor era obrigado a transmitir os jogos da arquibancada. A barulheira feita pela torcida no momento do gol acabava por encobrir a voz do narrador. Criativo, Ary Barroso soprava uma gaita no momento do gol, superando em altura o barulho feito pela torcida. Flamenguista fanático, Ary tocava com uma vontade muito maior sua gaita quando o gol era do time rubro-negro. Em um campeonato Sul-Americano, o locutor e compositor chegou a desmaiar no meio da transmissão.<sup>6</sup>

Os locutores faziam o que era possível para transmitir os principais eventos esportivos em tempo real para os ouvintes. Aos poucos, os investimentos foram aumentando, novas tecnologias foram incorporadas e as transmissões foram ficando cada vez melhores e mais fáceis de serem realizadas.

A persistência em realizar transmissões esportivas diretas provocou a busca de melhoria nos equipamentos e o gênero acabou influenciando o desenvolvimento do jornalismo radiofônico brasileiro. Essa contribuição se deu principalmente com as coberturas externas. (SOARES, 1994, 33)

O transistor não só revoluciona o rádio como também altera o seu conteúdo. Não só torna a audiência móvel, portátil e cômoda com seus micros aparelhos como ainda individualiza a utilidade do veículo, assegurando à recepção um caráter de intimidade. Esse fenômeno se configura, por exemplo, no espectador de um jogo de futebol ou de uma corrida de Fórmula Um que, além de estar presente para ver por si mesmo o que acontece, sintoniza como quer o seu transistor para acompanhar detalhes do espetáculo que não percebe, um comentário ou uma outra visão, ou para também ouvir música e notícias. (BAHIA, 1990:181)

Com o sucesso das primeiras transmissões, as principais emissoras do país começaram a dedicar parte da sua programação ao jornalismo esportivo. Na Rádio Nacional, dois programas ganharam destaque: a seção *o mundo da bola* recordista de audiência no horário e a *resenha esportiva*, considerada inovadora pelo horário em que

---

<sup>6</sup> Disponível em: < <http://www.locutor.info/Biblioteca/HistoriaLocucaoEsportiva.doc> >. Acesso em: 10 out. 2010

ia para o ar, depois das 22h. Mesmo com o sucesso dos programas esportivos da Rádio Nacional, em 1947, a líder de audiência foi a Rádio Panamericana de São Paulo, que se tornou a emissora dos esportes.

Nessa década se destacavam Raul Longras e Ailton Flores, com as expressões características das suas locuções. O último não teve o mesmo reconhecimento, mas foi pioneiro na invenção de frases de efeito para descrever os lances. Já Raul Longras ficou famoso por expressões como “balançou o véu da noiva” e “pimba”. Luis Mendes destaca quatro locutores desta época.

Tínhamos quatro locutores bons que empolgavam o público nessa época: Gagliano na Rádio Globo, Oduvaldo Cozzi na Mayrink Veiga, Ary Barroso na Rádio Tupi e Antônio Cordeiro, na Rádio Nacional. Eram locutores que tinham um público grande e eu tive que enfrentar. Fui comendo pelas “beiradinhas” que nem mingau quente, até chegar lá também.

Nos anos 60, ganha destaque a figura do comentarista de futebol, com o sucesso de Washington Rodrigues, o Apolinho, na Rádio Guanabara:

Por ser jogador de salão profissional, foi chamado por uma rádio para explicar as regras do jogo para a equipe esportiva. Mas ninguém se interessou muito pelo futebol de salão, um esporte amador. Por não estar podendo jogar na época, devida a uma fratura na perna, Apolinho acabou sendo convidado para fazer o programa.<sup>7</sup>

O trabalho de Apolinho fez tanto sucesso e deu tanta notoriedade que, em 1995, ele foi convidado para treinar o time de maior torcida no Brasil, o Clube de Regatas do Flamengo.

Na década de 60, o esporte se tornou a principal fonte de publicidade para as emissoras e ganhou a importância que tem até hoje em algumas rádios, principalmente nas AMs. Seja pelo imediatismo, pela linguagem ou pela capacidade de estimular a imaginação dos ouvintes, a transmissão esportiva pelo rádio continua atraindo milhares de pessoas. No entanto, a audiência sofreu um grande impacto com o surgimento da televisão e, mais recentemente, da internet. Com isso, os locutores e as emissoras precisaram se reinventar e continuam tentando encontrar a saída para manter o público fiel, seja pelo estímulo à interatividade ou pela praticidade e mobilidade.

---

<sup>7</sup> Ibid.

O rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro. Os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude os artistas. Os aspectos mais comuns do teatro, segundo Bertolt Brecht, são recreação e diversão. O que os radialistas esportivos fazem na narração tem um pouco disso tudo, é show e entretenimento. (SOARES, 1994, 33)

Nos anos 70, destacou-se na locução esportiva um dos grandes ícones da profissão até os dias de hoje, Osmar Santos, que teve a brilhante trajetória interrompida por um trágico acidente de carro em 1994.

Um símbolo dessas novas vozes que surgiram foi Osmar Santos. Com seu jeito descontraído e uma narração recheada de expressões que acabaram caindo no gosto popular, o "garotinho" Osmar Santos se transformou no grande locutor de sua época. Expressões como "ripa na chulipa" e "pimba na gorduchinha" ou "bota sal na água" começaram a ser repetidos nos estádios e nas peladas pelo Brasil. O "pai da matéria", como também era conhecido teve uma passagem marcante pela Jovem Pan, onde trabalhou de 72 à 79. Mais tarde foi para a Globo, onde continuou sua trajetória de grande sucesso, chegando inclusive a fazer várias aparições na televisão, popularizando ainda mais sua carismática figura.<sup>8</sup>

Também nesta década, Luiz Mendes voltou para o Rádio, agora como comentarista, depois de trabalhar na TV durante 15 anos. Outro grande nome da locução esportiva surgiu na década de 70, o narrador Jorge Cury. Mendes conta que ele começou como locutor reserva na Rádio Nacional.

O Jorge Cury começou na Rádio Nacional, mas era substituto do Antônio Cordeiro, o titular. A Rádio não dava preferência ao futebol, futebol era um detalhe, só transmitia jogos aos domingos, porque sábado tinha o programa do César de Alencar que tinha uma audiência estupenda e eles não tiravam do ar.

Depois, Jorge Cury foi para a Rádio Globo onde ficou até 1984, quando se transferiu para a Rádio Tupi. Para o seu lugar, foi contratado José Carlos Araújo, o Garotinho. Na década de 80, também trabalharam na Rádio Globo os locutores Valdir Amaral, Edson Mauro, Antônio Porto, Ayrton Rebelo, Luiz Penido e Cesar Rizzo. Na Rádio Tupi, destacaram-se Dualcei Camargo, Celso Garcia e José Cabral. Depois o próprio Jorge Cury.

---

<sup>8</sup> Ibid.

Na década de 90, Luis Penido deixou a Globo e foi para a Tupi. Também surgiram outros nomes na locução esportiva como Luis Carlos Silva, Mauricio Menezes e Gilson Ricardo na Rádio Globo e Dario de Paula, Jota Santiago e Geraldo Senna na Rádio Tupi.

Nessa época, fizeram sucesso na Rádio Globo programas como o *Portugal Esportivo*, aos sábados, após o *Futebol Show*, apresentado por Ivan Mendes; o *Globo na Bola*, nos dias de semana, que foi apresentado por Elso Venâncio e Washington Rodrigues; o *Panorama Esportivo*, que já foi apresentado por Eraldo Leite e hoje é comandado por Gilson Ricardo; e o *Globo Esportivo*, apresentado por Kleber Leite na década de 80 e nos dias de hoje ancorado por José Carlos Araújo. Na Tupi destacaram-se o *Futebol Total*, nas décadas de 80 e 90, e até hoje o *Giro Esportivo* e o *Show do Apolinho*, durante a semana, e o *Bola em Jogo*, aos domingos.

Os mais famosos e mais reconhecidos locutores esportivos, atualmente, são José Carlos Araújo e Edson Mauro, na Rádio Globo, Luís Penido, Jota Santiago, Odilon Junior e Geraldo Senna, na Rádio Tupi e Evaldo José na Rádio CBN.

Também são grandes nomes a serem lembrados no jornalismo esportivo: Edson Leite, Rebelo Júnior, Pedro Luiz, Geraldo José de Almeida, Joseval Peixoto, Fiori Giglioti e José Silvério.



### **3. Emancipação Feminina**

O direito ao voto foi uma das muitas conquistas da mulher no século XX. Sem dúvida, a luta feminina conseguiu derrubar muitas barreiras que se opunham à ascensão moral e social da mulher. Além disso, a entrada no mercado de trabalho também foi determinante para que a mulher conquistasse um novo espaço dentro da sociedade e promovesse uma mudança radical no antigo sistema patriarcal.

O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um. Lugar das mulheres: A Maternidade e a Casa cercam-na por inteiro. (PERROT, 1988: 186)

O papel de trabalhadora do lar, responsável pelos afazeres domésticos e pelo cuidado com os filhos, deu lugar à mulher capaz de se realizar em diferentes tarefas, fora do ambiente familiar. Trabalhar fora significou mais que independência financeira, representou a quebra com o pensamento que defendia a aptidão natural da mulher para os trabalhos domésticos. Foi a conquista de um espaço, não só pela necessidade econômica de ajudar no sustento da casa, mas no bom desempenho em diferentes ramos da atividade profissional. A mulher adquiriu o direito à educação e, a partir daí, provou sua capacidade intelectual para qualquer atividade, conquistando um novo espaço na sociedade.

A participação feminina no mercado de trabalho triplicou o nível educacional médio já ultrapassou o dos homens e as mulheres já compõe a maioria das matrículas nas universidades. Sem contar a presença crescente do sexo feminino no Judiciário, assim como em diversos cargos do setor público e privado. (ALVES apud PAIVA, 2008: 228)

As mulheres já podem votar, estudar, atuar em diversas profissões e, algumas, até ocupam cargos de liderança e representatividade, como Dilma Rouseff, que inicia em janeiro de 2011 o mandato de presidente do Brasil. Contudo, quando analisamos profissões tidas como masculinas, seja porque exigem algum tipo de força, ou por uma questão cultural, percebemos que ainda há uma resistência à presença feminina nestes meios.

Não obstante, admite-se que, ao longo da história, a mulher conquistou maior visibilidade pública, saindo dos espaços estritamente privados para ocupar posições de destaque nas esferas de poder [...] Entretanto, não se pode esquecer que, ainda hoje, a mulher é vítima de preconceitos e de representações estereotipadas, sobretudo, quando [...] ambiciona ocupar funções tidas como eminentemente masculinas (PAIVA, 2008: 23)

No caso das jornalistas que trabalham com esporte no rádio, essas diferenças ainda são muito visíveis, tanto pelo reduzido número de repórteres mulheres, quanto à maneira como são vistas pelos próprios colegas de redação. Se nas editorias de Cidade, Cultura e Política é tão comum ver jornalistas mulheres, no esporte a presença feminina é uma exceção. Além disso, as poucas jornalistas que conseguem trabalhar neste campo, em geral, ocupam funções de menor importância, ou que exijam menos “domínio” do assunto, confirmando a representação estereotipada do senso comum, na qual a mulher é vista como aquela que não “entende” de esporte. Os próprios colegas de profissão reforçam este preconceito. Entendem que as mulheres que atuam neste ramo da atividade jornalística ainda têm mais dificuldade do que os homens e não tem a mesma aptidão.

Mesmo com todas as conquistas femininas nos últimos séculos e os inúmeros exemplos de que as mulheres têm a mesma capacidade dos homens para atuar em qualquer profissão, ainda que possuam aptidões diferentes, a sociedade ainda inventa formas de manter e reforçar as desigualdades.

Se as mulheres conquistaram o direito ao trabalho, que se pague menos a elas. Se atingiram o direito ao prazer, que se exija delas um padrão de inatingível de corpo, para fabricar a frustração. Se querem deixar de ser objeto dos maridos, que assumam sozinhas a responsabilidade pela educação dos filhos. (ÁVILA apud PAIVA, 2008: 24)

### **3.1 - Na política**

Há o caso em que a exclusão das mulheres do poder político ocorre pura e simplesmente; há outros em que essa exclusão vem acompanhada por justificativas ou compensações, e outros ainda onde ele se dá em graus variados. Seria preciso examinar e comparar teorias e práticas. As mulheres e a política: é ainda um vasto campo de reflexão para nossos esforços conjuntos. (PERROT, 1988: 173)

A trajetória política feminina começa com a conquista do voto, em 24 de fevereiro de 1932, conforme fica explícito no artigo segundo do Decreto Lei nº 21.076<sup>9</sup>. No entanto, as mulheres lutaram durante anos para que esse direito fosse conquistado. Nos anos 20, surgiu a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, a primeira organização de mulheres, que além de lutar pelo direito ao voto, defendia a igualdade de condições com os homens. Em 1927, o governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, mudou o código eleitoral do estado, de maneira que a mulher pudesse votar e ser votada. Em 1931 surgiu a Aliança Nacional das mulheres, por influência do Partido Libertador e da Aliança Liberal.

Na constituição de 1932, o Presidente Getúlio Vargas legitima o voto feminino para todas as mulheres do Brasil. No entanto, esse foi apenas um pequeno passo para a emancipação política. Mais do que poderem fazer valer sua vontade, as mulheres desejaram participar efetivamente das práticas políticas. Não se satisfizeram em eleger os melhores homens para os cargos políticos, mas quiseram representar a classe, criar as leis e fazer com que fossem cumpridas.

A idéia de que a política não é assunto das mulheres, que aí elas não estão em seu lugar, permanece enraizada, até muito recentemente, nas opiniões dos dois sexos. [...] É, uma vez mais, todo o problema do consentimento que aí se coloca. Na história e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres. (PERROT, 1988: 184)

Algumas mulheres conseguiram entrar nas Câmaras, no Senado, e até chegar a Presidência da República. No entanto, ainda hoje, quase 80 anos depois, são poucas as mulheres exercendo cargos de liderança política.

Se a presença do machismo na sociedade atual não passa de um delírio de alguns grupos feministas, como explicar então que, ainda hoje, se tenha em todo o mundo um número tão diminuto de mulheres que respondam pelos rumos da nação, do Estado, da cidade e do Parlamento? (PAIVA, 2006:16)

As mulheres vêm ocupando os lugares públicos e conquistando posições de poder por seus próprios méritos e não mais por serem de família tradicional ou ligadas a

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacao-1-pe.html>> Acesso em 20/11/10

personalidades políticas masculinas. Essa trajetória começou em 1933, com Carlota Pereira Queiroz, primeira mulher brasileira assumir um lugar na Câmara dos Deputados. Carlota foi eleita deputada em São Paulo. Três anos depois, em 1936, com a renúncia do deputado Candido Pessoa, Bertha Lutz assume o cargo na Câmara dos Deputados. Bertha foi precursora do movimento feminista, defendendo os direitos da mulher como educação e regulamentação do trabalho feminino. Nesse sentido, uma de suas ações foi apresentar o Estatuto da Mulher, que dava direito à licença maternidade. As duas primeiras brasileiras a ocupar um cargo legislativo tiveram os mandatos cassados em 1937, com a ditadura do Estado Novo.

As mulheres só voltaram ao poder nas eleições estaduais e municipais de 1947. Neste ano, as mulheres comemoraram pela primeira vez o Dia das Mães, no segundo domingo de maio, e o Dia Internacional da Mulher, em 08 de março. Em 1950, Ivete Vargas, com 22 anos de idade, é eleita deputada, a única mulher no Congresso Nacional na época. Em 1970, já aparece uma mulher como suplente em uma chapa para senador e quatro se candidatam à Câmara Federal. Uma delas foi eleita deputada federal. Em 1978, o número de mulheres eleitas tem um crescimento expressivo, em consequência da comemoração do Ano Internacional da Mulher.

As eleições de 1978 tiveram características diferentes das anteriores. Após o Ano Internacional da Mulher celebrado pela ONU, em 1975, houve a criação de diversos grupos femininos, espalhados por todo país. A celebração colocou o tema da mulher em voga e trouxe, para os partidos, mulheres conscientes de sua posição social. (PAIVA, 2008:215)

Com a redemocratização do país na década de 80, houve um crescimento significativo no número de mulheres eleitas. Em 1978, foram eleitas duas deputadas no Rio; em 1998, foram 29. Em 1982, o Brasil tem a primeira ministra mulher: Esther de Figueiredo Ferraz, Ministra da Educação. Em 1987, é eleita a primeira deputada negra para o Congresso Nacional: Benedita da Silva. Benedita sempre lutou pelo direito das mulheres, dos negros e dos favelados. Teve uma trajetória meteórica: de vereadora em 1982, chegou a governadora do Estado do Rio em 2002 – com a renúncia de Anthony Garotinho para se candidatar à presidência – e a Ministra da Ação Social em 2004.

O crescimento no número de mulheres no poder público continua na década de 90, agora como consequência da Lei de Cotas, instituída em 1996. A lei determinava o percentual mínimo de 30% e máximo de 70% de candidatos de cada sexo, tentando obrigar os partidos a investirem nas candidaturas femininas. Até hoje, este número

ainda não é cumprido pelos partidos, mas a lei já é responsável por um aumento contínuo na candidatura de mulheres. Em 2000, sete mil mulheres se elegeram para cargos municipais. Em 2003, no Governo Lula, cinco ministras tomaram posse, entre elas Marina Silva e Dilma Rousseff, que agora, em 2010, disputaram a Presidência da República. E foi eleita a primeira presidenta brasileira, em um momento que entra para história do país e pode ser determinante na ascensão social da mulher e na mudança de mentalidade da sociedade, capaz de confiar o cargo de maior poder do Estado a uma mulher. Independentemente das ações e medidas que serão tomadas, esse governo será um divisor de águas na história da emancipação feminina no Brasil.

### 3.2 - Na imprensa

A permissão para imprensa no Brasil data do início do século XIX. Nesta época, as mulheres não freqüentavam a escola. Apenas na metade do século, as famílias de posse começaram a enviar as filhas para estudar. Por isso, se já eram poucos os homens alfabetizados, as mulheres letradas eram exceções.

Seguindo os costumes portugueses, devido à influência moura, a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa. Vivia cozinhando e fazendo rendas; raramente os pais deixavam as filhas estudarem, sob a alegação de que elas poderiam assim manter correspondências amorosas não consentidas. (BUITONI, 1990: 36)

Com a permissão para a imprensa, começam a surgir os primeiros periódicos escritos por mulheres para mulheres. O primeiro deles foi o *Espelho Diamantino*, lançado em 1827. O jornal abordava assuntos como política, moda e literatura.

Em 1º de fevereiro de 1831, surge em Recife o segundo jornal voltado para as mulheres, *O Espelho das Brasileiras*. A capital pernambucana era palco de grande efervescência intelectual, por abrigar uma das duas faculdades de Direito existentes no Brasil até então. A outra ficava em São Paulo.

Mas todo este caminho percorrido foi consequência do esforço das primeiras mulheres engajadas no movimento feminista que, ainda no século XIX, decidiram fazer publicações periódicas, defendendo os direitos femininos. A primeira delas foi Francisca Senhorinha da Motta Diniz, professora mineira que editou o jornal *O Sexo Feminino*, em 1873.

Francisca Diniz lutava pela educação, instrução e emancipação da mulher, no jornal que tirava 800 exemplares para uma população de 20.071 mulheres, das quais apenas 1.158 sabiam ler. Em 1875, Francisca S. Diniz transferiu-se para o Rio, reimprimiu os dez primeiros números de *O Sexo Feminino*, e conseguiu manter o jornal por dois anos. Nessa fase, entre os seus assinantes, estavam D. Pedro II e sua filha, a Princesa Isabel. (BUTONI, 1990: 53)

Se Francisca Diniz já brigava pelos direitos femininos, Josephina Alvarez de Azevedo, irmão do poeta, foi além. Ela usou o jornal *A Família*, fundado em 1988 em São Paulo, para brigar pelos direitos femininos contra a autoridade masculina e, inclusive, defendia o divórcio.

No século XX, as mudanças na sociedade brasileira influenciam a imprensa. O crescimento das cidades, a industrialização, a abolição da escravidão, a república e a imigração estrangeira, foram algumas das grandes transformações sociais, que indiretamente modificaram o perfil dos periódicos brasileiros. Surgem nessa época, os primeiros jornais ligados aos sindicatos e a imprensa feminina ganha força.

Em junho de 1914, Virgínia de Souza Salles funda a primeira grande revista feminina no Brasil. A publicação, chamada *Revista Feminina* durou até 1936 e tinha a colaboração de grandes nomes como Olavo Bilac, Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida.

A grande inovação, porém, da *Revista Feminina* foi o esquema comercial, que permitiu sua longa sustentação. A revista era propriedade da Empresa Feminina Brasileira, que fabricava e comercializava produtos destinados à mulheres, desde cremes de beleza a livros de culinária, romances etc. (BUTONI, 1990: 44)

A revista alcançou tiragens recordes, chegando a vender entre 20 e 25 mil exemplares em 1918, quando a maioria das revistas vendia 10 mil. A *Revista Feminina* funcionava principalmente à base de assinaturas e já usava um método freqüente hoje em dia de estimular as leitoras com concursos e promoções. O sucesso da Empresa Feminina, dona da revista, influenciou decisivamente no crescimento da publicação. A *Revista Feminina* foi inovadora nos assuntos que abordava, mas também na diagramação. Além disso, pode-se dizer que foi a precursora das publicações atuais destinadas ao público feminino. Esse estilo de publicação teve um bom crescimento ao longo do século XX, contribuindo para a formação de uma classe feminina mais combativa e ciente de seus direitos.

Em 1961, a Editora Abril lança a revista *Cláudia*, indo de encontro às novas expectativas da mulher da década de 50. Foi na revista *Cláudia* que se destacou Carmem da Silva, que “de 1963 até sua morte, em 1985, tratou da problemática feminina de modo corajoso e instigante, contribuindo para maior consciência de algumas gerações de mulheres”. (BUIIONI, 1990: 49).

Ao longo dos anos as mulheres deixaram de freqüentar apenas as redações de publicações femininas para penetrar em diversas áreas do jornalismo. Aos poucos, foram chegando às redações dos jornais, rádio e tv e trabalhando nas mais diferentes editorias, como cidade, polícia, geral a até naquelas que, até então, eram consideradas restritas aos homens, principalmente no jornalismo esportivo.

A precursora nessa incursão das jornalistas no mundo do esporte foi Marilene Dabus, a primeira mulher a ser setorista<sup>10</sup> de um clube no Brasil. Carioca da Zona Sul, frequentadora da Praia de Ipanema, onde conheceu grandes nomes do futebol, e apaixonada pelo Flamengo, em 1969, Marilene foi convidada para participar do Programa *Vença com o Vencedor*, com Blota Júnior, na TV Tupi, respondendo sobre futebol e nunca mais largou o esporte.

Eu até falei que entendia mais do Flamengo do que dos outros clubes, mas fui. E, aí, foi um sucesso. Moça de Zona sul, cílio postiço, mini-saia, respondendo sobre futebol na TV e sendo flamengo, foi casa cheia. As torcidas começaram a ir com as bandeiras, comecei a dar entrevista para todos os jornais.<sup>11</sup>

Com o sucesso na TV, Marilene virou repórter e colunista do Jornal Última Hora de Samuel Wainer, convidada pela amiga Danuza Leão.

Em um dessas entrevistas eu falei que gostaria de escrever sobre futebol, aí, a minha amiga Danuza Leão ligou para dizer que o Samuel Wainer queria falar comigo. Ele era dono da Última Hora e marido dela nessa época. Eu fui conversar com ele e já me contratou para ser a primeira jornalista de futebol do Brasil. Já com coluna, com foto, com nome assinado, uma revolução. Comecei assim meio do nada. Naquela época não havia faculdade de jornalismo, fui da última turma que pegou registro.

---

<sup>10</sup> É o profissional que acompanha o dia-a-dia do clube: os treinamentos, os jogos e todos os demais assuntos que envolvam o clube

<sup>11</sup> Entrevista concedida por telefone, em 28/10/10. cf. Anexo B, pg. XXVIII

Saiu do Última Hora e foi para o Jornal dos Sports, sempre conciliando o trabalho no jornal com um certo status de “celebridade” na televisão, onde era vista como uma grande novidade. Era júri do programa *Flávio Cavalcanti*, participou de um programa só para mulheres, comandado por Cidinha Campos e escrito por Manoel Carlos, na época marido de Cidinha, entre outras aparições na TV.

Mesmo tendo feito também a cobertura da Seleção Brasileira, Marilene nunca escondeu que sua grande paixão era o Clube de Regatas do Flamengo. Talvez, por isso, tenha recebido a ligação de Walter Clarck, em 1976, que determinaria os próximos 30 anos da sua vida.

Em 1976, me telefonou o Magaldi, diretor da TV Globo da área de comunicação, dizendo que o Walter Clark queria falar comigo. Eu fui até lá e eles formavam um grupo que queria apoiar um presidente para o Flamengo. Então, eu fui convidar o Márcio Braga que era meu amigo de infância. Nós fizemos um movimento de fora para dentro e elegemos o Marcio numa época de ditadura, onde não tinham eleições diretas para presidente. Até o doutor Roberto Marinho foi votar no Márcio. Eu entrei com ele para o Flamengo nesse grupo: Magaldi, Clark, Luis Carlos Barreto, um grupo forte. Fiquei lá com o Márcio e toda vez que ele entrava eu entrava com ele, quando ele saía, eu saía. Fui também vice de comunicação do Antonio Augusto, fiz assessoria para vários presidentes, mas como amadora.

Sua última passagem pelo Flamengo foi em 2004, quando profissionalizou a Assessoria de Imprensa do clube, formando uma equipe e delegando funções.

Dessa última vez, em 2004, quando o Márcio entrou, eu fui para trabalhar com ele, mas falei que só entraria se fosse para fazer apenas Assessoria de Imprensa. Não tinha mais idade, não tinha pique nem para ir ao clube todo dia. Montei uma Assessoria de Imprensa, um grupo no flamengo. Eu trabalhava em casa, cuidando do site e dos contatos com a imprensa, por telefone e e-mail. Como quase todos os jornalistas que estavam nas editorias tinham trabalhado comigo, eu tinha uma penetração muito grande, um nome forte. Eu tinha dois garotos que cuidavam do futebol e uma menina que tratava dos esportes olímpicos, mais a parte de marketing. Trabalhei esses seis anos fazendo assessoria pro flamengo. Quando em dezembro, o Marcio saiu, eu saí com ele e me aposentei.

Marilene Dabus foi, durante trinta anos, assessora de imprensa do clube, só deixando o cargo em dezembro de 2009, com a saída de Márcio Braga e a eleição de Patrícia Amorim. Marilene se aposentou, mas como lembrança do seu pioneirismo e da



fidelidade ao clube, foi homenageada, emprestando seu nome para a Sala de Imprensa do Flamengo.

Outra pioneira foi Regiani Ritter, que em São Paulo, na década de 80, já entrevistava os atletas, entrava em vestiários e comentava jogos, sendo eleita a melhor jornalista esportiva do Estado em 1991. Cobriu o São Paulo e a seleção brasileira na Copas de 1994. “Foi justamente o fato de ser mulher e gostar de futebol que me ajudou a ingressar nesse meio. Não sofri preconceito, apenas tive de impor uma postura mais dura e reservada do que realmente sou” (RITTER apud SECURATO E DASTRY, 2010: 90).

Depois do exemplo de Marilene e Regiani, outras mulheres foram conquistando espaço e reconhecimento no jornalismo esportivo. Na TV, destacam-se Milena Ciribelli, que começou a carreira na Rádio Fluminense AM, mas ganhou notoriedade nacional apresentando o *Esporte Espetacular* e o *Globo Esporte* na TV Globo. Hoje, Milena apresenta o *Esporte Fantástico* na TV Record. Ainda na TV, há que destacar o trabalho de Glenda Koslovski e Mariana Becker, companheiras de Milena na TV Globo, de Renata Fan na TV Record e Bandeirantes e de Soninha Francine na ESPN Brasil.

Soninha começou a carreira na imprensa esportiva narrando um jogo do programa *Rock Bola* da MTV, uma competição que reunia bandas de rock brasileiras. Depois foi convidada para integrar a equipe de comentaristas do canal ESPN Brasil. É uma das poucas jornalistas a trabalhar como comentarista na imprensa esportiva.

Ouvi algumas vezes: “é isso que dá colocar mulher para comentar”. Existem mulheres extremamente profissionais sim, e são elas que estão fortalecendo essa abertura de mercado. O importante é não dar desconto apenas porque foi uma mulher. Errou, errou. Acertou, acertou. Não pode ter compaixão, porque senão o crescimento será mais difícil. Vamos precisar ter acúmulos de histórias, precisamos de tempo, só isso. (FRANCINE apud SECURATO E DASTRY, 2010: 90)

A TV Gazeta é uma referência na participação de mulheres nos programas esportivos. Além de Regiani Ritter, que participava dos debates dominicais, também foi na emissora que Helô Campanholo teve sua primeira oportunidade como produtora no programa *Mesa Redonda*, em 1989. Em tanto tempo de carreira, Helô reuniu uma agenda com contatos de grandes craques do futebol e tem entrada livre nas residências

de vários deles. O bom relacionamento com os jogadores e suas famílias é garantia de excelentes matérias. Mas no começo da carreira, não foi fácil lidar com o preconceito.

Eu entrava nos vestiários para falar com os jogadores. Da porta, já avisava que estava entrando e não olhava para os lados [...] No começo, eles ficavam incomodados com a minha presença, chegaram a reclamar, mas eu não iria deixar de seguir a minha carreira por causa de frescura. Por ser profissional, fui chamada de homossexual; depois, inventaram que eu era mais uma Maria Chuteira. Até pararem de falar. Eles se acostumaram comigo, fiz muitos amigos e consigo me aproximar de todos com facilidade. (CAMPANHOLO apud SECURATO E DASTRY, 2010: 121, 122)

Também na TV Gazeta, destaca-se o trabalho de Michelle Giannella, no programa *Mesa Redonda - Futebol Debate*. A modelo e jornalista começou como estagiária de jornalismo na emissora, até ganhar um espaço na equipe de esportes. Apesar da paixão pelo futebol, Michelle ainda vê dificuldades para as mulheres neste meio.

Nosso país é muito machista ainda; infelizmente, as mulheres não têm o mesmo espaço que os homens no futebol. Temos a Martha para ajudar a incentivar o esporte, mas precisamos ainda de estrutura, investimento dos clubes, apoio do governo e patrocinadores. O caminho é longo, mas é possível e vale a pena (GIANELLA apud SECURATO E DASTRY, 2010:99)

José Carlos Araújo lembra ainda de outra repórter a trabalhar na TV na década de 1980.

Eu me lembro da Denise Rocha de Almeida que foi Miss Flamengo e Miss Estado da Guanabara. Ela foi repórter de campo. A Denise era muito bonita, era minha ouvinte, mandava muita cartinha para mim, não sei nem se ainda está viva ou vive no Rio. Ela fez reportagem de campo na TV.

Se já é comum vermos mulheres atuando como repórteres na TV, nos cargos de chefia essa presença ainda é muito restrita. Por isso, não há como não destacar o trabalho de Fátima Roggieri, que há 25 anos comanda o Departamento de Esportes da TV Gazeta. Em 1984, Fátima deixou o jornalismo para assumir a gerência de esportes e organizar o departamento.

Havia a necessidade de alguém para colocar ordem no trabalho. Montar escalas, férias, dividir as pautas entre os profissionais, organizar verbas, transporte, enfim, a parte burocrática do jornalismo. Foi com essa missão que aterrissei no futebol. (ROGGIERI apud SECURATO E DASTRY, 2010:102)

Outro grande avanço neste percurso da mulher pelo jornalismo esportivo se deu neste ano, no dia 22 de agosto, com a estreia do *Belas na Rede*, um programa esportivo da Rede TV, comandado apenas por mulheres. Uma espécie de mesa-redonda, debatendo a rodada do final de semana, com a apresentação de Paloma Tocci, comentários de Milene Domingues, Juliana Cabral, Marília Ruiz e reportagens de Gabriela Pasqualini.

Embora a TV seja o espaço mais democrático em relação à participação feminina, também no jornal impresso é possível citar alguns nomes que ganharam notoriedade. Assim como a TV Gazeta, o Jornal o Dia é o veículo que reúne mais mulheres na equipe esportiva entre os impressos e jornais on line. Marluce Martins é a grande referência. A jornalista começou como estagiária do jornal em 1988 e hoje é chefe de reportagem, além de participar de alguns programas no canal de TV a cabo SporTV. Começou cobrindo esportes olímpicos, depois foi setorista do Vasco, até a primeira Copa do Mundo em 1993. Ao todo foram três Copas e um Mundial de Clubes no Japão. Para Marluce, o preconceito não impediu seu sucesso na profissão.

As pessoas sempre me perguntam isso, mas eu acho que o preconceito é sempre muito velado. O cara que tem preconceito racial ele dificilmente expõe aquilo na frente da pessoa, ele vai guardar para si com aquele olhar diferenciado que ele não deveria ter. Eu não sei se perdi alguma oportunidade de trabalho por ser mulher, mas já fui a três copas, fiz o jogo da paz da seleção no Haiti e fui ao Japão fazer o mundial de clubes, então, olhando o meu currículo, não dá para dizer que fui vítima de preconceito nenhum [...] Agora, lá, muito no início, tinha um jogador ou outro que me olhava estranho, que não me levava a sério, mas isso nem era a regra. Eu acho que as pessoas acabam usando isso como desculpa. Acho que assim fica fácil demais para justificar as suas deficiências. Há mais homens no meio do que mulheres mesmo.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida ao Blog Bela da Bola. Disponível em: <<http://www.beladabola.com.br/noticias.asp?txtId=374>>. Acesso em 29 out. 2010.

Marluci trabalhou muito e conquistou o respeito colegas. O trabalho dela é acompanhado e admirado por grandes nomes do jornalismo esportivo, como José Carlos Araújo.

Eu acho a mais completa jornalista mulher a Marluci Martins do jornal o Dia. Hoje ela está no Marca Campeão. Ela tem uma personalidade muito forte, foi muito discriminada. Ela entrava nos vestiários e, na época, os jogadores corriam para colocar a toalha. Ela dizia “eu não vim aqui para ver homem nenhum não, eu vim aqui para trabalhar!”, ai já deixava os caras mais “desarmados”. Ela foi discriminada até pelo Romário, que depois a reverenciou. Chegou a ridicularizá-la. Ela era inteiramente independente e é uma profissional do mais alto gabarito. Nunca trabalhei com ela, mas convivi em Copa do Mundo, amistosos internacionais e acompanho o trabalho dela no jornal.

Hoje, Marluci comanda várias jornalistas no Jornal O Dia, como Márcia Oliveira, setorista do Botafogo, Sabrina Grimberg, setorista do Vasco da Gama e Amanda Kestelman.

Ainda nos jornais impressos, encontramos outras jornalistas trabalhando na editoria de esportes como Tatiana Furtado, setorista do Fluminense no Jornal O Globo, Bruna Oliveira, Mariana Fraga, Ana Luiza Prudente e Natália Lopes no Jornal O Lance e Marjorie Silva no Jornal Extra.

No Rádio, a presença feminina ainda é muito pequena. Desde a participação de Cidinha Campos no gol 1000 de Pelé, foram poucas as mulheres que comandaram os microfones das rádios cariocas. Aquelas que conseguiram ingressar neste veículo tão restrito conquistaram o respeito dos colegas.

Nos anos 90, André Maciel começou a carreira no jornalismo esportivo na Rádio Tropical FM, como setorista do Botafogo. No entanto, ganhou notoriedade como a Maria Chuteira na Rádio Globo, entrevistando torcedores no estádio, sempre com irreverência e humor. Outro nome de destaque é o de Carla Matera, da Rádio Tupi. Carla trabalhou como setorista do Fluminense na emissora. Com o reconhecimento pelo excelente trabalho, transferiu-se para Rádio Globo São Paulo. Em 2009, Carla voltou ao Rio de Janeiro e à Rádio Tupi. Também atuaram no rádio Márcia Ramos, que cobriu Vasco para a Rádio 1440 AM e Camila Ventura, fazendo Fluminense na Band AM. Na Rádio Globo/CBN destaca-se ainda o trabalho de Thayssa Bravo. Depois de ser estagiária do Sistema Globo de Rádio e do Infoglobo, a repórter foi efetivada no caderno de Bairros do Jornal O Globo, onde ficou por apenas duas semanas até ser

chamada para integrar a equipe de esportes da Rádio Globo. Em fevereiro, Thayssa completa três anos trabalhando como repórter esportiva na emissora. Além desses grandes nomes do jornalismo esportivo no rádio, também atuam no meio atualmente, Nina Lessa, Samira Ponce e Claudinha Magalhães na Rádio Transamérica e Renata Ximenez na Rádio Tupi.

No momento não existe no Rio de Janeiro nenhuma locutora ou comentarista no Rádio.

### **3.3 Resistência e preconceito**

Depois de anos de luta, é possível reconhecer que as mulheres já conquistaram o seu espaço em vários setores da sociedade, realizando um trabalho respeitado e não mais contestado. Isso porque conseguiram se impor e provaram que eram capazes de exercer as mesmas funções que os homens, sem qualquer distinção relativa ao gênero. Até a Presidência da República as mulheres conquistaram. No entanto, ainda existem setores conservadores, que durante anos foram restritos aos homens, e que ainda resistem à presença feminina, onde permanece a desconfiança em relação ao trabalho das mulheres. Um deles é, sem dúvida, o esporte, principalmente o futebol. Nos outros esportes, a presença feminina já não assusta tanto, de alguma maneira já é natural.

Essa resistência pode ser entendida se observarmos a história recente deste esporte, sobretudo da década de 30 até 80. O futebol era um espaço estritamente masculino, tanto como profissão, como forma de lazer. As mulheres eram completamente excluídas desse meio. Aos poucos, majoritariamente a partir dos anos 80, começaram a se informar e a se interessar pelo futebol. Surgiram as primeiras mulheres dispostas a praticar o esporte e jornalistas interessadas em trabalhar nessa editoria. E como em todo começo, houve muita desconfiança e resistência.

Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. A coisa mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino. [...] Normal não é que haja preconceito. Homens e mulheres devem ter os mesmos direitos. Têm. Os mesmos níveis salariais, o que incrivelmente se verifica nas redações, ao contrário das demais profissões. Devem ter as mesmas oportunidades. O que não se pratica em boa parte das editorias do país. Menos ainda nas de esportes. (COELHO, 2003:34)

Durante muito tempo, defendeu-se a idéia de que mulher não entendia de futebol e não era capaz de trabalhar com o esporte. Entretanto, depois de Marlucci Martins, Marilena Dabus, entre outras, terem mostrado excelente desempenho nessa função e provado que tinham competência para tal, ainda é possível identificar alguma resistência dos homens em relação à qualificação feminina para o jornalismo esportivo. A própria imprensa, por vezes, subjuga a capacidade feminina e tende a ter um olhar machista sobre o trabalho das mulheres. Às vezes, priorizam a forma em detrimento do conteúdo, lançando sobre a profissional um olhar masculinizado e preconceituoso, que é repassado para a sociedade como um todo.

Sendo assim, pode-se admitir que, de uma maneira geral, grande parte do fluxo discursivo existente na atualidade se torna responsável pela permanência de estruturas sociais nas quais o preconceito e a exclusão consolidam-se como regra. Dentre as práticas agenciadoras dessa estrutura, encontram-se as piadas, os chistes populares e as anedotas, mas também, e de maneira extremamente mais consolidadora, porque massiva, as mensagens difundidas pela mídia. (PAIVA, 2008: 20)

Se considerarmos que ainda hoje a imprensa esportiva é composta em grande parte por homens, conclui-se que essa imagem preconceituosa e distorcida é construída por eles. Depois de tantos bons exemplos, por que a mulher ainda não é vista com naturalidade no jornalismo esportivo? O que falta para que seu trabalho seja reconhecido e valorizado pelos próprios colegas? Para tentar compreender exatamente o que os jornalistas pensam sobre o trabalho da mulher no jornalismo esportivo, nada melhor que ouvir os próprios repórteres e suas idéias sobre o trabalho de algumas companheiras no dia-a-dia dos clubes.

Foram ouvidos dez jornalistas de vários veículos da imprensa esportiva carioca que já trabalharam com alguma mulher na cobertura de clubes. Eles responderam sobre o preconceito, competência e postura feminina. Embora a maioria diga que o gênero não interfere na capacidade para o trabalho, alguns ainda incorrem em preconceitos como acreditar que o conhecimento não é o mesmo e que mulheres precisam se dedicar mais, por exemplo.

Antes de perguntar se eles percebiam algum preconceito em relação ao trabalho da mulher, no sentido de serem preteridas por causa do gênero, foi feito o contrário. O primeiro questionamento era se eles achavam que as mulheres poderiam levar vantagem, ganhar algum tipo de exclusividade e se já tinham presenciado exemplos desse tipo. Dos entrevistados, seis nunca souberam de um fato como esse ou

acreditam que as mulheres sejam capazes de conseguir suas pautas pela competência e profissionalismo, da mesma maneira que os homens, como Mario Marra, comentarista do Sistema Globo de Rádio: “Já trabalhei com mulheres e não percebi que ela estava sendo privilegiada por ser mulher. Ela conseguia informações porque era boa de serviço. Outros tantos tinham outras informações também por competência deles”.<sup>13</sup>

Outros vivenciaram ou souberam de situações em que as mulheres foram beneficiadas por serem amigas de jogadores, ou simplesmente por serem bonitas, como contam o repórter da Rádio CBN, Antônio Carlos Duarte: “Eu nunca tive nenhum problema, mas sei de pessoas que tiveram principalmente com uma repórter do Jornal O Dia que era amiga de Romário e cansou de dar exclusivas para ela”<sup>14</sup> e o repórter da Rádio Globo, Rafael Marques:

Nestes 11 anos de profissão, aconteceu sim, uma vez. O Fluminense estava em evidência pela campanha na Libertadores, e Renato Gaúcho deu uma entrevista exclusiva a uma revista de comportamento. Ele só vinha falando em coletivas, mas abriu essa exceção quando soube que era uma mulher (e bonita) que queria entrevistá-lo.<sup>15</sup>

Embora os jornalistas tenham tomado conhecimento destas situações, não expuseram suas opiniões, se consideravam correta esta postura. Quando questionados sobre a facilidade maior dos homens se destacarem no jornalismo esportivo, nenhum deles citou esses exemplos como uma maneira das mulheres se destacarem, pelo contrário, quatro deles acreditam que os homens ainda levam vantagem, seis que o gênero é indiferente e, desses, apenas um citou a pergunta anterior: o narrador da Rádio CBN, Evaldo José.

O cenário está mudando e a presença feminina é cada vez mais percebida com qualidade. Não acredito que alguém possa ter facilidade apenas por ser mulher, mas pela sua competência, seu preparo e dedicação à profissão.<sup>16</sup>

Muitas questões importantes surgiram a partir desta pergunta. Rafael Marques apontou um preconceito maior no rádio em relação ao trabalho da mulher e, por isso, nesse meio, os homens ainda teriam mais facilidade para se destacar.

---

<sup>13</sup> Questionário respondido por e-mail, em 24/09/10. cf. Anexo A, pg. VIII

<sup>14</sup> Questionário respondido por e-mail, em 28/09/10. cf. Anexo A, pg. I

<sup>15</sup> Questionário respondido por e-mail, em 05/10/10. cf. Anexo A, pg. XI

<sup>16</sup> Questionário respondido por e-mail, em 30/09/10. cf. Anexo A, pg. IV

Talvez tenha ainda por uma questão de linhagem. O rádio esportivo se consagrou alicerçado por homens, numa época em que o preconceito ia ao extremo. Em TV, site e jornal, não acho que haja tanta diferença na questão do gênero.

Alguns ainda ressaltaram o papel das chefias como determinante na produtividade das repórteres, se elas têm espaço, o gênero é indiferente. Também apontaram o pequeno número de mulheres nas chefias das redações. Outra questão que aparece em muitas respostas diz respeito ao preconceito. Para o repórter da Rádio Globo, Jorge Eduardo, este ainda é o grande impedimento para que as mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens para obterem sucesso: “O meio ainda é muito machista e só agora as mulheres têm começado a conquistar seu espaço. Por isso a evolução ainda parece imperceptível, mas já é grande para quem milita no meio”.<sup>17</sup>

Para Antônio Carlos Duarte, o cenário mudou e o preconceito está acabando, mas ele ainda vê resistência à penetração feminina no universo do futebol: “Acho que o machismo no jornalismo esportivo já está acabando, mas acho que ainda existe um certo pé atrás de alguns profissionais principalmente no futebol com relação a mulher como repórter”.

Muitos desses entrevistados foram testemunhas de casos de preconceito contra uma repórter, apenas por ser mulher. O Produtor e ex-repórter esportivo da Rádio Globo São Paulo, César Mocarzel, relembra um situação que presenciou em 2004.

Lembro de uma pré-temporada do Fluminense, em Juiz de Fora, em 2004. Uma semana após o início dos trabalhos na cidade mineira, houve uma coletiva de um dirigente do clube. Ao ser questionado por uma repórter que estava lá, ele foi curto e grosso: “Não vou responder sua pergunta, pois como você não deve entender nada de futebol e de administração esportiva, nada vai adiantar. Se fosse culinária, eu responderia com o maior prazer. Aliás, cozinheiro muito bem”. Uma certa revolta aconteceu e a repórter deixou a coletiva chorando.

De acordo com os repórteres, na maioria das vezes, a discriminação vem dos jogadores e dirigentes. Todavia, Mário Marra reconhece a resistência dos próprios colegas, muitas vezes por puro preconceito.

Em Belo Horizonte, na cobertura do Cruzeiro, vi colegas excluindo uma outra colega jornalista por pura maldade ou preconceito. A

---

<sup>17</sup> Questionário respondido por e-mail, em 24/09/10. cf. Anexo A, pg. V



assessoria não sabia o que ocorria, era uma atitude que partia dos colegas repórteres.

Se alguns acreditam que o preconceito vem diminuído com o passar dos anos e o bom desempenho de algumas mulheres no meio, outros ainda se mostram um pouco preconceituosos, na medida em que acreditam em uma “cultura esportiva” maior entre os homens. Um repórter da Rádio Globo, que prefere não ser identificado, explica que o homem começa a acompanhar o futebol mais cedo, por isso tem um conhecimento maior.

Tudo depende da criação. A cultura esportiva muitas vezes se faz obrigatoriamente necessária para que se crie uma oportunidade legal de matéria. Se a mulher gostar de esporte e acompanhar desde bem nova, acredito que ela possa render tanto quanto o homem, mas isso infelizmente acontece em poucos casos. Por exemplo, normalmente o homem gosta de futebol desde os 4, 5 anos, motivado pelo pai. A mulher passa a gostar com 15 ou 16, motivada por namorado ou amigo. Isso faz diferença!<sup>18</sup>

Embora muitos tenham falado em preconceito, quando questionados sobre a falta de espaço para as mulheres no jornalismo esportivo do rádio, metade dos jornalistas diz acreditar que o espaço é o mesmo, dependendo apenas do potencial de cada um. Surgem explicações como “o espaço se abre com o talento” ou “um dia o espaço foi menor por causa do preconceito, hoje é o mesmo”. O Preconceito para eles não atrapalha a entrada da mulher no mercado. O repórter da Rádio Globo, André Marques, engrossa o coro dos jornalistas que acreditam que o talento pode abrir portas: “Não acredito que o espaço seja pequeno. Surgindo mulheres capacitadas o espaço se abre naturalmente”. Para o repórter e narrador da Rádio CBN, Leandro Lacerda, o gênero é indiferente na hora de conquistar um espaço.

Basta que as mulheres batalhem por este espaço que vão ocupar as vagas. O que não pode acontecer é querer ingressar no veículo pelo simples fato de ser mulher. Elas podem ser tão competentes quanto os homens.<sup>19</sup>

Outros ainda percebem o preconceito como um entrave para a emancipação feminina no meio. Ainda veem o machismo como a principal causa do número reduzido de mulheres no esporte, principalmente no rádio, como Mauro Santana, repórter da Rádio Tupi.

---

<sup>18</sup> Questionário respondido por e-mail, em 13/10/10

<sup>19</sup> Questionário respondido por e-mail, em 02/10/10. cf. Anexo A, pg. VI

Claro que o espaço ainda é ridículo. O rádio é uma mídia antiga e carrega o ranço de sua época de ouro, de uma sociedade chauvinista e reacionária. Como foi um meio exclusivamente masculino durante muito tempo, é natural a resistência à presença feminina e o preconceito quanto ao trabalho da mulher no futebol.<sup>20</sup>

Para Rafael Marques, o cenário já está mudando e as mulheres tendem a estar cada vez mais presentes no jornalismo esportivo do rádio: “Ainda há pouco espaço por uma questão de tradição, que no rádio é mais difícil de ser quebrada. Mas as tendências de mercado indicam justamente o contrário, e naturalmente as mulheres já estão ocupando este espaço”.

Quanto à resistência no rádio, há quase unanimidade. Oito dos dez entrevistados entendem que no veículo o preconceito ainda é maior, principalmente por ser historicamente um meio mais machista que valorizava a voz masculina, acreditando que ela dava mais credibilidade, como explica Mauro Santana.

Com certeza no rádio o preconceito é maior. Mas já foi muito pior. Deve-se muito ao árduo trabalho das pioneiras no meio a redução do preconceito, principalmente em virtude da postura íntegra e ética no exercício da profissão, impondo respeito.

Uma questão que geralmente intriga as jornalistas que pretendem ingressar no meio é sobre o comportamento diante dos colegas e até dos entrevistados. É natural que elas tenham dúvida em relação à maneira de se comportar para conquistar o respeito dos colegas e ao mesmo tempo, mostrarem-se à vontade no trabalho. Mas o que os homens pensam disso? Será que eles aprovam um comportamento mais masculinizado ou mais feminino? A resposta é unânime: todos defendem um comportamento natural, condizente com a personalidade da profissional. Para André Marques, “A mulher é diferente do homem na essência. Não adianta tentar mudar a maneira de ser. Acho que a pessoa sempre deve ser ela mesma”.

O Chefe de Reportagem da Rádio CBN, Marcus Vinicius Pinto, acredita, inclusive, que a mudança de comportamento só reforça o preconceito: “Se você muda sua forma de ser para se igualar a outros, você está aceitando que o sistema mude você. Não é preciso mudar sua atitude ou seu jeito de ser para se tornar respeitada”.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Questionário respondido por e-mail, em 06/10/10. cf. Anexo A, pg. X

<sup>21</sup> Questionário respondido por e-mail, em 13/10/10. cf. Anexo A, pg. VIII

Se para a maioria dos entrevistados o gênero não influencia na carreira profissional e a receita para o sucesso é a mesma, outros conseguem perceber que as diferenças entre os sexos são naturais e por isso devem ser utilizadas como diferencial. Se as mulheres são mais observadoras, sensíveis e disciplinadas, por que não usar isso a seu favor? É o que defende Jorge Eduardo: “A mulher pode se destacar, exercendo a sensibilidade, a habilidade e a educação natas, inerentes ao sexo feminino. Características que humanizam o trabalho. Tanto na cobertura direta, quanto na convivência diária”. Mauro Santana ressalta que, além da sensibilidade, a mulher é mais detalhista e objetiva do que os colegas do sexo masculino.

A mulher encara o futebol de maneira diferente. Essa visão detalhista, comparada a dos homens que observam as coisas de maneira mais ampla e quantitativa, revela coisas que poderiam passar sem serem percebidas. A mulher é mais cuidadosa, mas precisa aprender a ter praticidade e objetividade, fundamentais no rádio esportivo.

Embora nas respostas todos os entrevistados defendam a maior presença da mulher no jornalismo esportivo, reconheçam as particularidades positivas no fato de ser mulher e refutem o preconceito, uma pergunta é capaz de identificar aqueles que realmente acreditam que o gênero não interfere na capacidade para o trabalho com futebol. Será que as mulheres entendem de futebol tanto quanto os homens? Para metade deles as mulheres ainda são deficientes em detalhes do jogo ou deixam a desejar por não terem a “cultura esportiva”, por terem se interessado tardiamente pelo futebol. Jorge Eduardo partilha desta idéia.

Meninos brincam de jogar bola desde que nascem e, logo, se habitua com os termos e ações utilizadas no futebol. O pai, o avô, o padrinho, o tio, sempre levam ao estádio. É algo quase que naturalmente genético. Porém, as meninas estão cada vez mais ligadas ao universo futebolístico e jogando bola também. Se analisarmos os públicos nos estádios facilmente notaremos a presença crescente das mulheres nos estádios. O que é excepcionalmente benéfico a elas na hora de entrar no mercado de trabalho. Elas já não se sentem mais um peixinho tão fora d'água!

Para Mauro Santana, é “natural” que os homens tenham um conhecimento maior que as mulheres sobre futebol, mas que essa “aptidão” não interfere no crescimento profissional das jornalistas.

É inevitável! Assim como os homens não dominam assuntos tradicionalmente ligados ao universo feminino. Mas não vejo como impedimento, do contrário Joelmir Betting jamais poderia falar de economia, ou Marcos Uchoa passar informações sobre uma guerra. A internet e o pay-per-view democratizaram o acesso ao futebol, acabando com a sentença preconceituosa de que mulher só vê jogo para observar as coxas dos atletas. Hoje elas discutem regra do impedimento, questionam contratações e até criticam a maneira como o atacante bateu na bola, o que é de veras positivo.

Marcos Vinicius Pinto discorda de Mauro Santana e acredita que como em qualquer outra editoria do jornalismo, o conhecimento vem com o estudo e o interesse e que, por isso, as mulheres não têm nenhuma deficiência em relação aos homens, mesmo que não tenham sido criadas no universo do futebol: “As informações estão cada vez mais disponíveis e não tem essa de o homem ser mais bem informado que a mulher”.

Para Rafael Marques, ainda há também pouco interesse das mulheres pelo assunto, até pelo histórico de discriminação do meio.

As mulheres devidamente interessadas e preparadas podem perfeitamente conhecer tanto ou mais de futebol que os homens. O problema é que não se percebe ainda um grande volume de mulheres interessadas, e isso se explica pelo componente histórico.

Observando os exemplos e as histórias destes repórteres, além das próprias opiniões que defendem, ainda notamos que o preconceito existe nos clubes e na própria imprensa. Essa discriminação, entretanto, não impede o sucesso de algumas repórteres talentosas, porque muitos desses profissionais apenas desconhecem ou desconfiam do trabalho da jornalista e com a convivência acabam reconhecendo o talento dessas mulheres. No entanto, a presença feminina na cobertura de futebol ainda causa estranhamento, não é natural, principalmente no rádio.

#### **4. A mulher no jornalismo esportivo: repórteres que superaram as dificuldades e alcançaram o sucesso no rádio.**

As jornalistas foram pouco a pouco invadindo o universo do esporte, trazendo a sua sensibilidade e profissionalismo para essa editoria e provando que são capazes de realizar qualquer atividade. No início, foi preciso muita coragem e determinação para superar o preconceito e conseguir colocar a mulher nesse lugar ainda tão resistente a elas. Hoje, há um número bem maior de mulheres no jornalismo esportivo do que na década de 70, quando a precursora Marilene Dabus escrevia suas primeiras linhas no Jornal A Última Hora. No entanto, se nas grandes redações de TV e jornais impressos já há um número considerável de mulheres, o mesmo não se pode dizer do rádio. Nesse veículo são poucas as mulheres a se destacarem e alcançarem um espaço. Por quê? Será que ainda hoje, no século XXI, ainda existe algum tipo de discriminação com trabalho na mulher nessa editoria, alguma dúvida de que elas sejam tão capazes de tratar de futebol quantos os homens? Será que a presença da mulher já é natural nos campos de futebol, nos treinamentos, nas viagens, nas redações de esporte? Algumas das principais repórteres esportivas do rádio carioca tentam responder a essas questões falando sobre suas experiências e percepções do dia-a-dia. Mas se hoje Andrea Maciel, Carla Matera e Thayssa Bravo já conseguem ocupar esse lugar é porque uma mulher deu um pontapé inicial, trata-se de Marilene Dabus, a primeira jornalista a cobrir futebol no Brasil. Por ter sido a precursora dessa emancipação, suas experiências também merecem destaque nesse capítulo.

Torcedora fanática do Flamengo e frequentadora da Praia de Ipanema, Marilene sempre gostou de discutir futebol com os amigos Carlos Nieymayer, Sandro Moreira, Carlos Dolabela, Sérgio Noronha e João Saldanha. Até 1969, quando foi chamada para participar do programa *Vença com o Vencedor*, de Blota Júnior na TV Tupi, respondendo sobre futebol.

Eu até falei que entendia mais do Flamengo do que dos outros clubes, mas fui. E, aí, eu comecei a responder e foi um sucesso. Moça de Zona sul, cílio postiço, mini-saia, em 1969, respondendo sobre futebol na TV e sendo Flamengo era casa cheia. As torcidas começaram a ir com as bandeiras, para incentivar, comecei a dar entrevista para todos os jornais.

Desde então, Marilene passou 40 anos de sua vida dedicando-se ao clube que amava. Tanto como repórter e colunista dos jornais A Última Hora e do Jornal dos Sports, como chefe da Assessoria de Imprensa do Flamengo. Trabalho tão bem feito que foi retribuído com uma homenagem: a sala de imprensa do clube foi batizada com o nome da jornalista.

Enquanto Marilene se destacava com suas matérias especiais, suas entrevistas exclusivas, outras jornalistas iam chegando ao esporte, influenciadas pelo seu trabalho. No entanto, se nos jornais e na TV a entrada da mulher foi contínua e crescente, no rádio esse processo foi bem mais lento e, de certa maneira, o veículo também não deu o mesmo destaque e reconhecimento dos outros meios. Das mulheres que estão atualmente trabalhando com futebol no rádio, uma alcançou grande notoriedade entre o público amante do esporte, trata-se de Andrea Maciel, mas conhecida pelo personagem “Maria Chuteira”. Andrea está em todos os clássicos e grandes jogos no Maracanã, entrevistando os torcedores e, como diz o slogan, “zoando a galera”, sempre com muito bom humor e grande receptividade do público. No entanto, a trajetória de Andrea no esporte começou bem antes da “Maria Chuteira”. Tricolor e apaixonada por rádio e futebol, cresceu ouvindo o pai ligar o radinho para acompanhar as transmissões de Jorge Cury e Valdir Amaral. Começou falando de esportes em um programa na Rádio Teresópolis, depois foi chamada para trabalhar na Rádio Tropical no Rio de Janeiro, como setorista do Botafogo, onde ficou até surgir o convite para incorporar a Maria Chuteira na Rádio Globo. O esporte sempre esteve muito presente na vida dessa mulher que mesmo amando o rádio e o futebol, formou-se em enfermagem, fez pós-graduação em UTI e até hoje exerce as duas profissões.

Eu comecei num domingo de manhã, numa rádio lá em Teresópolis. Eu fazia um programa chamado *Andrenalina*, mistura de Andréa com adrenalina e eu falava muito de futebol. Falava da rodada do sábado, da rodada do domingo, aí foi acontecendo, mas eu nem imaginava. Tanto que minha formação acadêmica é em Enfermagem, sou pós-graduada em UTI, então, a rádio foi uma consequência natural na minha vida e ela veio muito atrelada ao esporte.<sup>22</sup>

Se para Andrea o esporte sempre foi uma paixão, o mesmo não aconteceu com Carla Matera, que hoje é considerada uma das melhores repórteres esportivas da Rádio Tupi. Carlinha, como é conhecida pelos colegas de profissão, sempre pensou em

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida no Sistema Globo de Rádio, em 09/11/10. cf. Anexo B, pg. XIII

trabalhar no rádio e com 19 anos já era locutora noticiarista da rádio Tupi. O que Carla não esperava era que a cobertura de um torneio de futebol feminino no Dia internacional da Mulher, mudaria tanto a sua trajetória profissional.

Eu fiquei desesperada porque eu não sabia nada de futebol e era uma equipe de esportes bastante conceituada. Eu só tinha ido uma vez ao Maracanã, para ver o papai Noel chegar de helicóptero, nem era para ver futebol. Quando cheguei lá, as pessoas estavam na cabine discutindo se era 4-3-3 ou 3-5-2 e eu pensei que estavam falando de linhas de ônibus. Foi o primeiro “mico” da minha vida, pelo menos no esporte. Eu perguntei para onde eles queriam ir porque eu sabia todos os ônibus que iam para o Maracanã. Só que foi muito legal e no dia seguinte o dono me falou que estava me tirando do noticiário e me incorporando a equipe de esportes. E daí eu comecei a gostar de verdade a querer aprender e isso se tornou um grande desafio na minha vida. No primeiro momento não foi uma escolha, depois sim, uma escolha bem consciente que era isso que eu queria para a minha vida.<sup>23</sup>

Carla passou por várias rádios, entre elas a Manchete, Guanabara, Tropical, 94 FM, Tupi RJ, onde trabalhou como setorista do Fluminense, e Rádio Globo SP. Nessa última, tornou-se repórter exclusiva de Oscar Ulisses, ou seja, todos os jogos que ele transmitia, ela fazia as reportagens de campo. Esse posto ela alcançou graças ao sucesso e ao bom trabalho desempenhado na emissora, conquistando o respeito dos colegas. Em fevereiro de 2009, Carla voltou para o Rio de Janeiro e para Rádio Tupi, onde está até hoje.

O pioneirismo de Marlene Dabus na década de 60, a popularidade de Andrea Maciel nos anos 80 e o profissionalismo de Carla Matera na década de 90 influenciaram o surgimento de novas repórteres no rádio, caso de Thayssa Bravo, há três anos trabalhando na equipe esportiva do Sistema Globo de Rádio. Assim como Carla, Thayssa descobriu tardiamente o interesse pelo esporte.

Esse interesse de trabalhar com futebol foi no último ano da faculdade, na verdade até o sexto período eu trabalhei com jornalismo político e gostava bastante. Aí no último ano de faculdade eu fui fazer um estágio, que era um convênio entre o Sistema Globo de Rádio e o Infoglobo. Nesse estágio, a gente rodava as editorias da rádio, do Globo e do Extra. Eu passei a viver um pouco do dia-a-dia de política, quando eu passei pela Nacional, e de cidade que era outra coisa que na época eu achava legal. Só que eu não senti algo diferente, eu

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida por telefone, em 14/10/10. cf. Anexo B, pg. XVI

não me vi fazendo aquilo. Eu não gostei essa que é a verdade. E quando eu passei pelas editorias de esporte, eu gostei muito dos assuntos, da forma mais leve com que você aborda e da forma principalmente de como você lida com a emoção das pessoas. Que foi, se eu voltar lá atrás, o motivo pelo qual eu decidi fazer jornalismo.<sup>24</sup>

Apesar de ter descoberto o interesse pelo esporte e deixado claro que gostaria de trabalhar com isso, Thayssa primeiro foi contratada pela editoria de Bairros do Jornal O Globo. Mas por apenas três meses. Bastou surgir a primeira vaga e ela foi chamada para integrar a equipe de esportes do Sistema Globo de Rádio. A dedicação e o interesse de Thayssa fizeram com que ela ganhasse a admiração e o respeito dos colegas e dos ouvintes. Hoje, com a divisão das equipes em Rádio Globo e CBN, Thayssa Bravo destaca-se como a única voz feminina nas transmissões da CBN.

O que todas essas mulheres têm em comum é o fato de se destacarem em um meio onde o público e as profissionais do sexo feminino são minoria. E é através da entrevista realizada com cada uma delas que se tenta entender o motivo dessa pequena participação e os desafios enfrentados por elas nesse trabalho.

A primeira questão que se aborda naturalmente é o preconceito. Será que ele ainda existe e será que elas pensam nisso quando resolvem seguir a profissão? Para todas elas, a paixão pelo esporte moveu de tal forma que a discriminação não foi sequer analisada na escolha, no entanto, não significa que não tenha sido sentida durante os anos de trabalho. Para Marilene Dabus, precursora dessa emancipação feminina, o meio ainda era muito preconceituoso, principalmente por parte dos dirigentes dos clubes e dos colegas.

Entrei para um mundo novo, só de homens, cheio de preconceitos, não dos jogadores, muito por parte dos dirigentes, dos coleguinhas, que faziam piada, mas depois acabaram todos meus amigos. Eles achavam que eu estava ali para arranjar namorado, isso para ser sutil, ou para ocupar o lugar deles. Sofri muita discriminação neste aspecto, dos jogadores não. Eram todos muito bem educados. Dos leitores também não e os jornalistas “top”, Armando Nogueira, João Saldanha, Sandro Moreira, esses não tinham preconceito algum. Fernando Horácio, que depois me levou pro Jornal dos Sports, também não tinha. Tinham eram os setoristas, aquele que iam cobrir treino comigo.

---

<sup>24</sup> Entrevista concedida no Sistema Globo de Rádio, em 09/11/10. cf. Anexo B, pg. XXXIII



Essa idéia exposta por Marilene de que os colegas reagem com desconfiança à chegada de uma mulher aos treinos, é para a maioria das jornalistas esportivas o exemplo de que ainda existe algum preconceito, ou como explica Thayssa Bravo, não há naturalidade na presença da mulher no meio.

Eu acho que existe dos colegas a desconfiança inicial. Se você fosse um homem e chegasse numa coletiva, todo mundo ia no automático pensar que aquele cara entende de futebol e que ele sabe o que ele está fazendo. Quando chega uma mulher para fazer algum evento, cobrir alguma coisa, imediatamente as pessoas vão prestar atenção para ver se você realmente sabe, se veio preparada, se é “Maria Chuteira”, se está ali porque você quer ou se caiu ali de pára-queadas. Essa desconfiança ainda me incomoda porque a mulher ainda não é algo natural no meio. As pessoas ainda estranham. Eu acho que com o tempo, com um trabalho bem feito, e sempre se exigindo mais do que se você fosse um homem, você consegue conquistar essa confiança. Agora, vai ter sempre aquilo, quando você cometer um erro, vai ser porque é mulher e não entende nada de futebol. É como se você constantemente tivesse que provar alguma coisa. Isso é muito ruim. Além disso, eu sempre fui muito feminina e as pessoas têm um estereótipo de que quem vai trabalhar no futebol tem que ser machão e também é ridículo isso.

As repórteres acreditam que ainda seja necessário provar a cada dia que são tão capazes como os colegas do sexo masculino de realizar um bom trabalho na imprensa esportiva. Sentem-se testadas e a todo o momento. No entanto, Andréa Maciel acredita que é possível ditar a regra e superar o preconceito.

De uma forma geral, eu acho que para a sociedade, para você mesma, para os seus colegas, eu acho que a mulher ainda tem que se superar em algumas coisas para poder ser respeitada, ela é mais cobrada, é mais visada. Mulher eu acho que tem que provar duplamente que entende. Quando você faz um comentário de futebol, você tem que ter muita certeza do que você faz. Eu já tive uma experiência de estar num jogo e falar que estava impedido ou foi pênalti e o cara falar que eu não entendia nada porque ele discordava de mim, aí que você sente o preconceito. Mas, de uma forma geral, não sofri muito, é raro. Eu acho que você dita muito a regra. Quando você começa, se você chega e alguém vai te mandar uma cantada, você não pode se deslumbrar, você tem que ser profissional, tem que procurar ter uma linha. Então, a partir do momento que você vai conquistando teu espaço, tua confiança, você tem as suas fontes, os seus contatos, suas boas entrevistas e suas matérias especiais.

Assim como Andrea, que acredita na postura como uma maneira de lidar e superar o preconceito, Carla Matera defende que a relação que a jornalista tem com o preconceito pode levá-la, ou não, a ter sucesso na profissão. Ela não acredita que tenha sofrido com o preconceito e prefere ver com o humor as discriminações sofridas do dia a dia.

Eu tava tão preocupada em não falar besteira, em não fazer besteira, em aprender aquilo que naquele momento passou a ser um objetivo mesmo meu, que eu não parava para pensar muito em preconceito e eu não sei se eu tive muita sorte, mas as pessoas que me cercaram não tinham, eu tenho grandes amigos que me carregaram no colo praticamente. Aliás, preconceito é uma coisa que eu não sofri. Eu acho muito engraçado as pessoas que até hoje têm algum tipo de preconceito. Existe o preconceito, mas ou você sofre com ele ou você acha engraçado. Eu prefiro achar engraçado, eu acho meio que inadmissível em pleno ano de 2010 as pessoas ainda imaginarem que uma mulher não é capaz de fazer determinada coisa ou que um homem não tem a condição de ter a sensibilidade feminina, enfim, eu acho isso uma grande piada.

Cada uma tem a sua maneira de ver e lidar com o preconceito, mas todas já vivenciaram alguma situação em que foram subjugadas pelo gênero, principalmente por parte de dirigentes e treinadores de futebol. Marilene, além de lidar com um técnico machista do Flamengo, ainda tinha que se defender das especulações sobre a forma como conseguia suas matérias exclusivas.

Eu sofri um preconceito muito forte por parte do Wilstrique, que era o técnico do Flamengo na época. Tinham alguns jornalistas que me passavam as matérias, porque para mim ele não dava entrevistas. Ele não dava porque “ali não era lugar de mulher”. Uma coisa horrorosa, falava mal de mim, um horror. A resistência ainda é muito grande porque eles ainda acham que futebol é coisa para homem. No dia que eu consegui uma exclusiva com Pelé, logo no principio, quando eu estava no meu segundo ou terceiro dia no A Última Hora, eles ficaram intrigados e chegaram a supor que eu me prostituí, eles acham que mulher tem que ceder para conseguir as coisas. É aquela mentalidade machista. Ainda perdura, infelizmente. Mas nunca me arrependi. Tem coisas que acontecem que te dão mais prestígio, ou então, de repente, mais inveja.

Thayssa também foi vítima de um técnico, que a tratava sempre com grosseria e desprezo. O motivo ela nunca soube e prefere não acreditar nas suposições.

Teve um caso de um técnico que me tratava muito mal quando tinham as coletivas e vieram me falar que era porque ele não gostava de

mulher e inclusive tratava mal outras mulheres. Eu me recusei a acreditar. E algum tempo depois realmente apareceu outra explicação, que era o meu time de coração. Ele achou que fosse um e na verdade era o time que ele treinava. Enfim, é péssimo também a pessoa te tratar mal porque ouve dizer que você torce por um time. Eu espero que não tenha sido. Para entrar nesse meio você tem que ser um pouco surda.

Os técnicos são os grandes vilões das coletivas, sempre lembrados nos casos de discriminação com alguma repórter. Algumas vezes a agressão é explícita, em outras o preconceito é tão natural que o próprio profissional não percebe, como aconteceu com Carla Matera.

Teve uma vez que um técnico discutiu comigo, porque não gostou de uma pergunta que eu fiz na coletiva e é um técnico que eu adoro e sei que ele não tem nada contra mim também. Mas é um exemplo de preconceito. E aí, ele pediu para entrar no ar depois porque admitiu que foi grosseiro. Então, no final do discurso dele ele disse: “eu queria dizer que a Carla é uma moça muito trabalhadeira e que apesar dela ser mulher, é uma excelente repórter!” Teve outro também em São Paulo, que declaradamente não gosta de cobertura feminina, mas isso a gente passa batido.

Todas as repórteres, mesmo que não acreditem terem sido afetadas pelo preconceito de forma a impedir o bom desempenho do trabalho, concordam que ele ainda existe, às vezes de forma explícita, outras vezes mais velado. No entanto, o que elas defendem, através da própria experiência, é que a discriminação não é a única causa do pequeno número de mulheres na cobertura esportiva do rádio e que também não é tão forte a ponto de impedir o sucesso e o reconhecimento profissional. O que a maioria delas acredita é que existe espaço para a mulher no veículo, mas não há tanta disponibilidade. Thayssa defende essa idéia e acredita que com o interesse crescente das mulheres, esse mercado se tornará mais equilibrado.

Eu acho que é um pouco de tudo, algumas emissoras ainda têm alguma resistência, porque têm uma galera que a gente diz que é “das antigas”, ou seja, pessoas que ainda carregam algum tipo de preconceito. Só que eu acho também que muita mulher não se interessa. Tem o lado do preconceito, mas tem o lado de que, desculpa, mas a maioria das minhas amigas não fala de futebol comigo. É uma coisa rara. As mulheres estão entrando aos poucos, estão conquistando seu espaço, e conforme elas vão conquistando, elas vão sendo reconhecidas. Eu acho também que a mulher tem que enfrentar os desafios e não pode ficar nessa de coitadinha e de

preconceito não, tem que ir conquistando seu espaço. Você tem de ser muito boa para conseguir um espaço, tem de lutar para caramba, tem de ter sorte de encontrar um chefe que te veja com bons olhos, como graças a deus eu tive desde o início, que veja potencial em você. Tem de dar a sorte de ser respeitada pela sua equipe, e tudo isso é muito mais fácil para o homem. Um cara que é mediano, reunindo tudo, ele vai conseguir uma vaga, a mulher tem de estar sempre tentando se superar. Eu acho que o caminho da mulher é mais difícil, não é que não tenha espaço, mas talvez seja mais difícil porque tem essa desconfiança.

Para Carla, o rádio ainda impõe mais desafios e dedicação que os outros veículos, por isso ainda tem um número menor de repórteres.

Eu acho que é pouca disponibilidade talvez das mulheres em trabalhar em rádio porque de todos os veículos o rádio é o que exige mais, você tem de respirar o rádio, não é uma coisa de você cumprir horário. Você está lá, acompanha um clube, viaja com aquele time, respira aquele time todo dia, está nos jogos, fica ligada porque se acontecer alguma coisa, tem possibilidade de entrar no ar e se você não entrar, você será cobrada por isso. Então, por exigir tanta entrega e disponibilidade, acho que poucas mulheres estão dispostas a fazer isso. É falta de disposição mesmo para tanta entrega. Porque quando você está disposta a alguma coisa, quando você demonstra que você quer mesmo, as pessoas vão abrir as portas para ti. Agora, se você chegar e falar “ah não, eu não carrego peso, eu não viajo sozinha”, se você começar a colocar obstáculos, aí fica difícil.

Além da questão da disponibilidade, outra questão importante apontada por Andrea Maciel é que atualmente a TV desperta um fascínio maior das estudantes, tanto pela visibilidade, quanto pelo reconhecimento. Enquanto o rádio perdeu um pouco do prestígio, até mesmo entre os homens.

A rádio tem uma estrutura, de você ser setorista, do dia-a-dia, de você estar acompanhando, de viajar junto com o clube. Você tem que associar a dois fatores: talento e disponibilidade, então, eu acho que é mais complicado. Talvez seja essa a explicação. Como tem um número menor de mulheres no esporte, também tem na rádio. Eu acho que a televisão fascina mais, a imagem. Não sei se tem alguma coisa a ver com o fato de ser mulher ou não, porque homem também faz essa escolha às vezes. Televisão te dá uma visibilidade maior. Talvez tenha até um pouco de preconceito do rádio também que dificulta, acho que tem um pouquinho dos dois. De uma forma geral, o mercado está muito fechado para todo mundo. A mesma chance que tem para os homens tem para as mulheres. Tem que ser boa.

No entanto, Marilene Dabus lembra que mesmo no jornalismo esportivo, de maneira geral, em todos os veículos, a presença feminina evoluiu muito pouco desde a sua entrada no mercado.

Tem muita mulher na produção, mas para ir cobrir clube eu não vejo. No Flamengo, nunca vi mulher nenhuma. A TV Globo põe algumas mulheres para aprender o ofício, mas elas não são setoristas, elas vão com a pauta feita já para fazer uma determinada matéria, que o editor pede. Mesmo assim, são poucas mulheres. Eu abri esse mercado em 1969, de lá para cá são exemplos pontuais, você conta nos dedos quantas mulheres têm fazendo futebol. Não sei se é uma resistência dos próprios órgãos de imprensa, se elas não têm interesse, eu não sei. Mas o fato é que ainda são muito poucas.

Se o preconceito ainda existe, é porque, de alguma maneira, ainda existe dúvida sobre a competência feminina para trabalhar com futebol. Acredita-se ainda, como identificado no capítulo anterior, que as mulheres têm mais dificuldade com algumas práticas do rádio esportivo, seja pela criação ou pelas características inerentes ao comportamento feminino. Para Carla Matera, existem dificuldades que se apresentam não pelo gênero, mas pelo conhecimento específico do assunto.

A única coisa que eu senti muita dificuldade por ser mulher foi na hora de fazer ponta nos jogos, de ficar atrás do gol, comentar e falar depois do narrador quando ele chama. Eu senti dificuldade porque eu nunca joguei bola. Então, qualquer homem faz isso com mais facilidade ou qualquer pessoa que já tenha mais intimidade com a bola, porque sabe o efeito que a bola toma quando você dá um chute com o bico da chuteira, quando você bate de chapa, enfim, sabem exatamente qual efeito que é dado. Com certeza uma mulher que tenha intimidade com a bola, que saiba jogar futebol, vai fazer da mesma forma. Como eu não tinha experiência com o futebol, eu nunca tinha jogado nem trabalhado antes com isso, foi uma dificuldade que eu encontrei. E aí tem que ralar um pouquinho para entender esse tipo de coisa, não é uma coisa que é só teoria ou é só técnica, você precisa ter vivenciado isso. Quando eu senti que realmente tinha essa dificuldade, eu comecei a tentar buscar o meu próprio estilo. Já que eu não posso fazer melhor ou igual, então, eu vou fazer do meu jeito, porque aí pelo menos eu vou ser autêntica.

No entanto, para Thayssa Bravo e Andrea Maciel, as dificuldades existem para todo mundo, mas a mulher pode apresentar um diferencial interessante no rádio, agradando os ouvintes e as próprias emissoras. Thayssa, desde o início da carreira, buscou esse diferencial.

Eu não pensei nas dificuldades, algumas até vieram depois, mas quando eu escolhi, eu pensei no diferencial que eu tinha por ser mulher. Eu pensei: “estou entrando em um trabalho em que eu sou uma coisa meio rara”, especialmente no rádio. Na TV nem tanto porque tem mais, mas no rádio eu pensei “eu tenho um diferencial que é o fato de ser mulher”. O preconceito existe, mas tem coisas boas de ser mulher. Muitas vezes – infelizmente por um lado - te tratam melhor porque você é mulher. É o caso da pessoa que está na estrada pedindo uma carona, se é um homem o cara não para, se é uma mulher ele para. Muitas vezes pode até ajudar. E também, o jogador, às vezes, vê em você uma figura maternal, uma irmã, sei lá, Freud deve explicar. Às vezes, ele se sente muito mais à vontade para falar sobre assuntos que mexem com a emoção dele com uma mulher e para a gente no jornalismo isso é muito bom.

Andrea também percebe uma vantagem na sensibilidade feminina e acredita que os obstáculos para se destacar como jornalista esportivo no rádio são as mesmas para ambos.

Tem um montão de repórter homem que nunca vai ter fonte nenhuma, nunca vai ter contato nenhum, porque às vezes é uma figura nula. Tem muito disso também, vai da característica de cada um. Tem gente que se lança, tem gente que é enturmada por natureza, acho que isso cabe muito do repórter, não tem a ver com que tem “no meio das pernas não”, tem a ver com o que tem na cabeça. Além disso, muitas rádios têm procurado hoje em dia fazer o diferencial e eu acho que a mulher ajuda muito nisso na transmissão.

Outra questão importante na discussão do trabalho de uma repórter na imprensa esportiva é em relação ao comportamento. Como se comportar, agir, falar, se vestir, se fazendo respeitar, mas sem perder a naturalidade? É preferível adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, é melhor manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho? Para todas as repórteres, a personalidade sempre deve falar mais alto, mas levando em conta o bom senso e a dignidade. Para Marilene Dabus, o determinante é a postura, independente da linguagem ou da roupas que se veste.

Você tem que ter postura, não importa a sua roupa. Você tem que ter dignidade, seriedade. Você pode estar de mini-sai ou de jeans, camiseta e tênis, isso não importa, a mulher não deixa de ser feminina porque está de jeans e tênis. Isso é menor. A principal condição é a seriedade, postura. E a credibilidade que você vai adquirindo para as pessoas te respeitarem.

Andrea acredita que a personalidade não pode ser modificada de maneira nenhuma. Para a repórter, a identidade tem que se sobrepor ao possível preconceito.

Eu acho que ela tem que ser ela. Mas depende de como é o teu jeito, o teu estilo, acho que você tem que ser você. Não adianta você querer ir lá já querendo se mascarar, ou ir toda gostosa, fatal, pensando que todo mundo vai te dar uma entrevista boa porque você é gostosa para caramba, ou então, falando um monte de sacanagem, porque vão achar que você é que nem homem, vão te tratar que nem homem, eu acho que está errado. Você tem que ir lá pela sua cabeça. Se gosta de ser perua, ir “no saltão”, de perna de fora, aí o problema é seu, você vai ser assim sempre. Agora não tem que pensar: “tenho que ir assim porque vou lá”. Acho que tem que ser você mesma, tem que ser original.

No entanto, embora defendam uma postura natural, sem alterações, temendo a discriminação, Thayssa e Carla contam que tiveram esse tipo de preocupação, principalmente, no início da carreira.

Isso era uma preocupação que eu tinha muito forte. Principalmente no começo. Acho que a postura que você deve adotar, não deve fugir da sua personalidade. Eu não me imagino me masculinizando para ser aceita no ambiente. Eu continuei usando o tipo de roupa que eu usava, camisetinha, calça mais apertada, eu nunca mudei a minha forma de me vestir. Agora, é claro que a gente tem que ter um pouquinho de sensibilidade, você não vai aparecer no clube de mini saia, de saltinho 25, com uma mini saia que parece um cinto, esse tipo de sensibilidade você tem que ter. Agora, perder a feminilidade? Perder as suas características? Deixar de ter a sua personalidade de falar com as pessoas do jeito que você tem que falar? Ou então, se fechar porque senão vão achar que você é perua? Não, de jeito nenhum. Até porque você passa muito mais tempo no clube, nesse meio do futebol do que na sua casa, então, daí se você tiver que representar o tempo todo, não dá certo.

Thayssa confessa que chegou a mudar algumas coisas, principalmente na forma de se vestir para evitar os estereótipos, mas que é uma questão de conquista de credibilidade.

Eu acho que ela tem que ser quem ela é. Não tem que mudar. Claro que você - e isso não acontece - não vai de saia curta, de mini blusa, porque aí você vai ser taxada de uma pessoa que está ali para outra coisa e não para trabalhar. No início, quando eu comecei a frequentar os treinos, eu era muito insegura das pessoas pensarem que eu estava

ali por outro motivo, então eu ia sempre de tênis, preocupada com essa coisa da aparência, eu não ia muito feminina. Conforme foi passando o tempo, eu fui me sentindo mais segura, as pessoas já me conhecem hoje, já sabem como eu sou, já sabem de onde eu vim, já sabem que eu quero estar ali porque eu quero estar ali, então, hoje eu não vou botar um salto plataforma, mas se eu quero botar um sapatinho com um salto curtinho, eu boto. Eu vou de saia, antes eu não ia de saia. Conforme eu fui me sentindo mais segura, eu fui me sentindo mais à vontade para ser quem eu sou. Eu sou uma pessoa que gosta de se sentir mulher, então, eu procuro ter esse lado ainda.

As repórteres ressaltam que é preciso manter a postura e uma distância “afetiva” para não envolver sua vida pessoal e prejudicar o trabalho. No entanto, como em qualquer profissão, quando se trata de um trabalho que envolve homem e mulher, naturalmente acontecem relações afetivas que fogem do controle da profissional. Das entrevistadas, apenas Marilene Dabus viveu essa situação, mas preferiu se distanciar do trabalho no Flamengo para que a vida pessoal não interferisse na imparcialidade e no bom desempenho das suas funções.

Eu comecei cobrindo Flamengo, porque eu conhecia muito bem o clube, as coisas do time, aí já me botaram “de cara” para fazer o Flamengo. Mas aí, um ano depois, eu conheci um jogador chamado Manicera, um uruguaio, que eu me apaixonei perdidamente por ele quando vi a fotografia no jornal, antes dele começar. Quando comecei a namorá-lo, disse para o Samuel Wainer: “me tira do Flamengo porque eu to namorando um jogador e não tem condições de eu continuar trabalhando lá”. Eu não misturo trabalho com vida afetiva.

Diante de um mercado ainda restrito, onde permanece o preconceito e a mulher precisa estar sempre provando que é capaz de penetrá-lo, é mais cobrada e precisa sempre se exigir mais, como essas jornalistas conseguiram se destacar, preencher este espaço? Que indicações elas dão para as futuras repórteres esportivas para alcançarem essa vitória? Para Marilene Dabus, como em qualquer profissão, tem que fazer bem feito, mas o caráter deve falar sempre mais alto.

Tem que entrar em igualdade de condições e mostrar serviço. Tem que ter retidão e dignidade, é a primeira coisa. Tem que ter dignidade em qualquer profissão, seriedade e respeito. Aí vai competir no mercado. O mercado tá aí, o diferencial vai ser o trabalho dela, para poder mostrar que está fazendo melhor que os outros. Aí não tem homem e mulher, é tudo igual, é mercado de trabalho.



Carla Matera também defende o trabalho íntegro e com dedicação e aponta o diferencial feminino como uma boa ferramenta para alcançar o sucesso na profissão.

Tem que se apaixonar pelo que tá fazendo, tem que fazer com o coração, tem que ter sensibilidade. A gente tem que usar todos os nossos atributos femininos, de paixão, de capricho, de entrega, de sensibilidade, para se sobressair. Uma coisa que não pode acontecer em hipótese alguma é jogar charme para conseguir, por ser mulher. Não. A mulher tem condições de fazer isso como todo homem tem condições de fazer o que ele quiser. Acho que essa questão do gênero não chega a interferir tanto quando a gente fala em fazer bem feito, em trabalhar com honestidade e dignidade.

Thayssa também acredita que o diferencial feminino pode ser o segredo para o sucesso, mas, além disso, é preciso estar bem informada, entender do assunto e reunir alguns atributos que ajudam a cativar o público.

Eu acho que em primeiro lugar tem que ter conhecimento, porque eu acho que até hoje ainda tem essa visão de que mulher não entende nada, então, o fato de entender acho que é um baita diferencial. Você tem que se esforçar. Segundo, que a mulher tem um olhar diferente, tem uma presença diferente que muitas vezes leva a matérias diferentes. Talvez se você der uma pauta para um homem e a mesma pauta para a mulher, ela entregue algo voltado para um outro lado que hoje no esporte não tem. Acho também que o fato de ser bem humorada, de ser uma pessoa simpática no ar, isso conquista o ouvinte. Muitos brincam: “É a mulher perfeita: simpática, bem humorada e que gosta de futebol”. Se você consegue reunir isso tudo, para o ouvinte você fica uma pessoa que ele passa a querer ouvir, passa a querer no rádio dele, na vida dele.

Para Andrea Maciel, em qualquer profissão, se a mulher for talentosa, determinada e apaixonada pelo trabalho, conquista o sucesso profissional: “Não só no jornalismo como em qualquer coisa, tem que ser boa. Mais ou menos tem muita gente fazendo. Tudo que você se propõe a fazer na vida tem que ser boa para caramba”.

Cada uma dessas jornalistas, à sua maneira, conseguiu driblar as adversidades, os preconceitos e realizam o seu trabalho da melhor maneira com seriedade e profissionalismo, conquistando o respeito do público, dos colegas, e da sociedade, de maneira geral.

## 5. Conclusão

Diante da pesquisa histórica, da análise sobre o cenário do jornalismo esportivo no rádio carioca e das entrevistas realizadas, o que esse trabalho pode concluir é que a mulher, nos últimos anos, conseguiu penetrar em espaços antes eminentemente masculinos, buscando um lugar na sociedade pelo seu trabalho, competência e merecimento, mostrando que o gênero não é determinante na capacidade do ser humano de seguir qualquer profissão. No entanto, foi possível identificar que em alguns lugares a presença feminina ainda não é vista com naturalidade, gera desconfiança, estranhamento e, por isso, mais cobrança. No rádio e no jornalismo de maneira geral, a mulher já ocupa um espaço de destaque, sendo valorizada e respeitada pelos colegas, livre de qualquer desconfiança em relação a sua competência, todavia, quando se fala em jornalismo esportivo e, principalmente, no rádio, nota-se claramente que ainda existe, se não uma resistência, um receio de que as mulheres não estejam preparadas o suficiente para lidar com um tema tão ligado ao universo masculino, como o esporte, principalmente, o futebol. Através das entrevistas com os repórteres que trabalham nesse campo, é possível perceber que alguns ainda acreditam que a mulher não domina o assunto tão bem quanto os homens, defendendo uma “cultura esportiva” que começa na infância, em que as mulheres levariam desvantagem. Outros, no entanto, entendem essa “cultura esportiva” como informação e que está disponível para quem quiser buscá-la, seja de que sexo for.

Com os exemplos das jornalistas que conseguiram entrar nesse meio e conquistaram o reconhecimento dos colegas e da sociedade, conclui-se que, embora exista ainda a desconfiança e a cobrança que todas apontam, um trabalho realizado com seriedade, profissionalismo e competência consegue se sobrepôr a qualquer resistência e, naturalmente, dá lugar ao respeito e reconhecimento, a ponto de algumas dessas jornalistas serem apontadas pelos próprios colegas, que um dia as discriminaram, como profissionais do mais alto gabarito e referência na profissão.

A partir da discussão de todas essas questões é possível concluir que a pequena participação das mulheres no jornalismo esportivo do rádio se dá tanto pela falta de interesse em trabalhar com esporte e em um veículo que não é tão valorizado se comparado com a televisão, quanto pela cobrança, pelas dificuldades e pela pressão que essas jornalistas precisam enfrentar para serem reconhecidas nesse campo da profissão. No entanto, as repórteres que conseguiram se destacar nesta área acreditam que com o

seu esforço e o respeito que conquistaram, nos próximos anos, as mulheres tenham alcançado a credibilidade que já possuem em outras editorias e, com isso, o interesse das jornalistas por esse tema seja maior e as empresas busquem o diferencial da voz e da sensibilidade feminina, tão ressaltado por essas profissionais como ingrediente fundamental para o sucesso.

Diante dessas constatações, propõe-se uma discussão mais abrangente, convocando repórteres de outros veículos de comunicação, onde a presença feminina seja maior, para analisar as diferenças entre o trabalho das mulheres nos mais diversos ambientes da imprensa esportiva. Também devem ser interrogados os ouvintes, leitores, enfim, o público em geral, para que mostrem a sua visão sobre o trabalho das profissionais no esporte. Será que eles acreditam que um repórter homem transmite a mesma credibilidade que uma mulher? Como eles reagem quando vêem uma mulher na cobertura esportiva do clube para o qual torcem? O objetivo é tentar entender como a visão dos colegas, do público e de quem está “de fora” pode influenciar no trabalho da mulher no esporte.

## 6. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José Carlos. Narrador da Rádio Globo e Apresentador da TV Bandeirantes. Entrevista concedida a Camila Carelli. Rio de Janeiro, 11 out. 2010.
- BAHIA, Juarez. **Jornal História e Técnica: as técnicas do jornalismo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1990.
- BRAVO, Thyssa. Repórter da Rádio CBN. Entrevista concedida a Camila Carelli. Rio de Janeiro, 9 nov. 2010.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- CALAZANZ, Deborah. **A Mulher e o Jornalismo Esportivo**. 2008. 41 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação em jornalismo) – Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- DABUS, Marilene. Repórter esportiva e assessora de imprensa aposentada. Entrevista concedida por telefone a Camila Carelli, em 28 out. 2010.
- GONÇALVES, A.; OLIVEIRA, P. **A História do rádio no Brasil**. 1982. 35 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MACIEL, Andrea. Repórter da Rádio Globo. Entrevista concedida a Camila Carelli. Rio de Janeiro, 9 out. 2010.
- MATA, M. C. et. al. **Mulher e Rádio Popular**. Manuais de Comunicação. n. 11. São Paulo: Paulinas, 1997.
- MATERA, Carla. Repórter da Rádio Tupi. Entrevista concedida por telefone a Camila Carelli, em 14 out. 2010.
- MENDES, Luis. Comentarista da Rádio Globo. Entrevista concedida por telefone a Camila Carelli, em 4 out. 2010.
- PAIVA, Raquel. **Política: palavra feminina**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PROVENZANO, Bruna; SANTUÁRIO, Marcos. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32. 2009, Curitiba. **Resumos**.
- SAMPAIO, Mário Ferraz. **História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Achiamé, 1984.

SANTO, Andréia. **A Evolução do rádio: da década de 20 aos dias de hoje**. 1995. 14f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SECURATO, S. B.; DASTRY, E. **Nós, Mulheres do Futebol**. São Paulo: Oficina do Livro, 2010.

SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar: O rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

XAVIER, D.; CERQUEIRA, F. **A Locução feminina no rádio carioca**. 2004. 246 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZUCULOTO, Valci. A Notícia no Rádio Pioneiro e na “Época de Ouro” da Radiofonia Brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26. 2003, Belo Horizonte.

## 7. ANEXOS

### ANEXO A - Questionários

#### Repórter da Rádio CBN: Antônio Carlos Duarte

**1. Você já trabalhou diretamente com alguma mulher no jornalismo esportivo?**

Trabalhei e gostei muito. Elas são muito dinâmicas e prestam mais atenção do que os homens em tudo.

**2. Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Eu nunca tive nenhum problema, mas sei de pessoas que tiveram principalmente com uma repórter do Jornal O Dia que era amiga do Romário e cansou de dar exclusivas para ela.

**3. Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Acho que o machismo no jornalismo esportivo já está acabando, mas acho que ainda existe um certo pé atrás de alguns profissionais, principalmente, no futebol com relação a mulher como repórter.

**4. Você acha que há pouco espaço para mulher no jornalismo esportivo no rádio? Por quê?**

Acho que mulher deveria ter muito mais espaço. Como disse anteriormente, existe ainda um preconceito que mulher não entende de esporte, o que é um absurdo.

**5. Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

Mulher tem que ser ela própria, não tentar ser “homem” e sim ser repórter acima de tudo.

**6. De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Com competência e sendo independente na sua maneira de ser e nunca se colocar por baixo dos homens.

**7. Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Felizmente não e espero que isso nunca aconteça senão serei o primeiro a criticar.

**8. Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Sim, porque são poucas as mulheres que trabalham no rádio. Mas o espaço tem aumentado com a mudança de mentalidade das chefias.

**9. Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

Algumas, mas hoje elas já procuram ler um pouco mais sobre o assunto. Mas talvez sobre detalhes do jogo, ainda fiquem a dever.

**Produtor da Rádio Globo : César Mocarzel**

**1. Você já trabalhou diretamente com alguma mulher no jornalismo esportivo?**

Sim, já trabalhei diretamente com pelo menos cinco.

**2. Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Não, jamais passei por essa situação, mas já vi assédio de atletas.

**3. Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Existe uma equivalência. O jornalismo esportivo, focado na parte do futebol, era muito ingrato para a mulher. As entrevistas após os jogos eram realizadas dentro dos vestiários. Talvez, por isso, a presença feminina era pequena. Independente disso, homem e mulher quando têm talento são completamente iguais na profissão.

**4. Você acha que há pouco espaço para mulher no jornalismo esportivo no rádio? Por quê?**

Como disse na resposta anterior, o espaço era pequeno por causa da logística dos repórteres. Também havia preconceito, coisa que hoje em dia é bem menor ou até extinto. O espaço é igual, embora as oportunidades sejam menores.

**5. Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

A mulher deve ser mulher acima de tudo. É claro que a forma de se vestir e a postura contam muito. Mas como em qualquer outra profissão, ela deve ser, acima de tudo, original.

**6. De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Não existe uma fórmula. O profissional (homem ou mulher) se destaca quando tem algo diferente. O profissional deve buscar ser diferente. Não adianta ser mais um, tem que ser O um.

**7. Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Sim. Lembro de uma pré-temporada do Fluminense, em Juiz de Fora. O ano era 2004 e foi minha primeira cobertura de longa duração fora do dia-a-dia do clube. Em dado momento, acho que uma semana após o início dos trabalhos na cidade mineira, houve uma coletiva de um dirigente do clube. Ao ser questionado por uma repórter que estava lá, ele foi curto e grosso: “Não vou responder sua pergunta, pois como você não deve entender nada de futebol e de administração esportiva, nada vai adiantar. Se fosse culinária, eu responderia com o maior prazer. Aliás, cozinheiro muito bem”. Uma certa revolta aconteceu e a repórter deixou a coletiva chorando.

**8. Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Pelos mesmos motivos ditos nas respostas das perguntas 3 e 4, não acho. Os tempos são outros. A igualdade de trabalho também.

**9. Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

Não. Inclusive acho que muitas mulheres sabem mais de futebol do que homens.

**Narrador da Rádio CBN: Evaldo José**

**1. Você já trabalhou diretamente com alguma mulher no jornalismo esportivo?**

Sim, com várias.

**2. Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**



Não, apenas presenciei numa entrevista coletiva de convocação para seleção brasileira para a copa de 98, a assessoria de imprensa da CBF ter colocado como um dos critérios "vamos começar pelas mulheres". O pessoal achou estranho, diferente, mas não houve nenhuma reação mais drástica.

**3. Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Até poucos anos, sim. Mas o cenário está mudando e a presença feminina é cada vez mais percebida com qualidade. Não acredito que alguém possa ter facilidade apenas por ser mulher, mas pela sua competência, seu preparo e dedicação à profissão.

**4. Você acha que há pouco espaço para mulher no jornalismo esportivo no rádio? Por quê?**

Não, talvez a narração esportiva no rádio seja ainda o único reduto onde o domínio é totalmente masculino. Por enquanto. Tomara que não dure muito e penso que seria interessante que as mulheres chegassem logo para dinamizar também esse espaço.

**5. Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

Segunda opção! Mole!

**6. De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Investindo na qualificação, no conteúdo, na inovação das produções, na valorização da interatividade e em algo que talvez o homem não seja muito forte: rádio é essencialmente sensibilidade. Nesse ponto, a mulher é (deveria ser!) imbatível.

**7. Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Honestamente, não.

**8. Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Penso que não, mas entendo que talvez uma certa tradição masculina (machista?) existiu durante muitos anos, principalmente no meio esportivo.

**9. Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

Só um pouquinho. E, assim, nem todas. Mas, isso já está mudando.

## **Repórter da Rádio Globo: Jorge Eduardo**

**1. Você já trabalhou diretamente com alguma mulher no jornalismo esportivo?**

Sim. Várias.

**2. Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Sim.

**3. Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Sim. O meio ainda é muito machista e só agora as mulheres têm começado a conquistar seu espaço. Por isso a evolução ainda parece imperceptível, mas já é grande para quem milita no meio.

**4. Você acha que há pouco espaço para mulher no jornalismo esportivo no rádio? Por quê?**

Há pouco espaço devido ao machismo. Mas é um machismo que atinge a todos os segmentos da sociedade. Não é um privilégio do meio rádio esportivo. Aos poucos esse paradigma está sendo quebrado.

**5. Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

Manter a feminilidade e se impor através dela. Caso queira adotar as características masculinas, ela se iguala e perde o respeito que as diferencia. Uma certa dose de distância "filosófica" potencializa o respeito.

**6. De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Exercendo a sensibilidade, a habilidade e a educação natas, inerentes ao sexo feminino. Características que humanizam o trabalho. Tanto na cobertura direta, quanto na convivência diária.

**7. Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Não digo preconceito. Digo prevenção em relação a cenas que poderiam ser consideradas desagradáveis para elas, mas que para os homens seriam mais naturais, como entrar em vestiários, por exemplo. Só que isso (entrar em vestiários) está a cada dia mais sepultado em um passado distante.

**8. Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Não. E preconceito é uma palavra muito forte. Diria que o que há, e realmente há, é uma falta de costume de se ter mulheres no dia-a-dia.

**9. Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

Sim. Ainda é assim, mas as coisas estão mudando. Meninos brincam de jogar bola desde que nascem e, logo, se habitua com os termos e ações utilizadas no futebol. O pai, o avô, o padrinho, o tio, sempre levam ao estádio. É algo quase que naturalmente genético. Porém, as meninas estão cada vez mais ligadas ao universo futebolístico e jogando bola também. Se analisarmos os públicos nos estádios facilmente notaremos a presença crescente das mulheres nos estádios. O que é excepcionalmente benéfico a elas na hora de entrar no mercado de trabalho. Elas já não se sentem mais um peixinho tão fora d'água!

**Repórter e narrador da Rádio CBN: Leandro Lacerda**

**1. Você já trabalhou diretamente com alguma mulher no jornalismo esportivo?**

Sim.

**2. Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Não.

**3. Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Não. Hoje os veículos avaliam muito mais a qualidade do profissional do que o sexo. Não importa se é homem ou mulher.

**4. Você acha que há pouco espaço para mulher no jornalismo esportivo no rádio? Por quê?**

Não. Basta que as mulheres batalhem por este espaço que vão ocupar as vagas. O que não pode acontecer é querer ingressar no veículo pelo simples fato de ser mulher. Elas podem ser tão competentes quanto os homens.

**5. Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

Para manter a feminilidade é preciso impor respeito, e isso é conquistado com trabalho e competência. Copiar ou reproduzir o comportamento dos homens não é a solução.

**6. De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Criatividade, competência e um olhar diferente.

**7. Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Não.

**8. Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Sim, pelo ranço.

**9. Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

Não. Isso é uma questão de preparo.

**Chefe de reportagem da Rádio CBN: Marcus Vinícius Pinto**

**1. Você já trabalhou diretamente com alguma mulher no jornalismo esportivo?**

Sim.

**2. Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Não.

**3. Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Depende de quem contrata. Se quem contrata tem a mente aberta, as oportunidades acabam por ser iguais. Acho que gênero independe. Desde 97 trabalhei com mulheres setoristas de clubes em jornais, rádio e TV. Só acredito que ainda são raros os cargos de chefia para mulheres no esporte.

**4. Você acha que há pouco espaço para mulher no jornalismo esportivo no rádio? Por quê?**

Não. Acho que o espaço é cada vez mais igual entre homens e mulheres. O problema é que quem faz esporte tem uma mentalidade muito machista e tende a discriminar e até mesmo a ridicularizar o trabalho da mulher.

**5. Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

Acho que se você muda sua forma de ser para se igualar a outros, você está aceitando que o sistema mude você. Não é preciso mudar sua atitude ou seu jeito de ser para se tornar respeitada.

**6. De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Com o talento natural. Em nenhum setor a mediocridade resiste ao talento por muito tempo.

**7. Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Algumas sim.

**8. Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Existe. Cada vez menos. No esporte de rádio o preconceito ainda é maior que em jornal ou TV, por exemplo. Mas aos poucos vai acabando.

**9. Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

Não. As informações estão cada vez mais disponíveis e não tem essa de o homem ser mais bem informado que a mulher.

**Comentarista do Sistema Globo de Rádio: Mário Marra**

**1. Você já trabalhou diretamente com alguma mulher no jornalismo esportivo?**

Sim

**2. Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Já trabalhei com mulheres e não percebi que ela estava sendo privilegiada por ser mulher.

**3. Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Não. As mulheres conseguem informações porque são boas de serviço. Outros tantos tem outras informações também por competência deles.

**4. Você acha que há pouco espaço para mulher no jornalismo esportivo no rádio? Por quê?**

Acho que existe preconceito. Muito homem é fraco ou não sabe nada e acha que a mulher sabe menos. O jornalismo esportivo é machista.

**5. Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

A mulher tem que ser quem ela é e mais nada. Comportamentos forçados dão margem ao preconceito.

**6. De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Como todo profissional, ela deve estar bem informada e buscar ainda mais estar no universo do esporte.

**7. Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Em Belo Horizonte, na cobertura do Cruzeiro, vi colegas excluindo uma outra colega jornalista por pura maldade ou preconceito. A assessoria não sabia o que ocorria, era uma atitude que partia dos colegas repórteres..

**8. Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Não

**9. Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

O conhecimento vem muito da cultura de futebol e da busca pela informação. Alguns homens foram criados com a bola e poucas mulheres foram. Elas talvez tenham que estudar mais, mas podem ser muito úteis e melhores que os outros.

**Repórter da Rádio Tupi: Mauro Santana**

**1. Você já trabalhou diretamente com alguma mulher no jornalismo esportivo?**

Sim, tive o prazer de trabalhar com duas das pioneiras da presença feminina na cobertura diária dos clubes: Márcia Ramos, que cobriu o Vasco para a 1440 AM, e Carla Matera, repórter do Fluminense para a Rádio Tupi. Antes delas, a Andrea Maciel já fazia o noticiário do Botafogo. Trabalhei também com Camila Ventura, que fez o Flu para a Band AM.

**2. Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Nunca. Nenhuma das profissionais acima tirava proveito do fato de ser mulher, mas do próprio talento.

**3. Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Para se destacar acredito que o gênero é indiferente. Desde que tenha espaço e realmente desempenhe um bom trabalho, a mulher pode sobressair. O espaço às profissionais tem sido cada vez maior, o processo é lento, mas contínuo.

**4. Você acha que há pouco espaço para mulher no jornalismo esportivo no rádio? Por quê?**

Claro que o espaço ainda é ridículo. O rádio é uma mídia antiga e carrega o ranço de sua época de ouro, de uma sociedade chauvinista e reacionária. Como foi um meio exclusivamente masculino durante muito tempo, é natural a resistência à presença feminina e o preconceito quanto ao trabalho da mulher no futebol.

**5. Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

A mulher não tem que deixar de ser feminina para satisfazer o machismo alheio. Claro que uma postura discreta é necessária para prevenir o assédio, mas é justamente o olhar feminino que pode ser o diferencial em contraposição ao rigor masculino.

**6. De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

A mulher encara o futebol de maneira diferente, essa visão detalhista, comparada aos homens, que observam as coisas de maneira mais ampla e quantitativa, revela coisas que poderiam passar sem ser percebidas. A mulher é mais cuidadosa, mas precisa aprender a ter praticidade e objetividade, fundamentais no rádio esportivo.

**7. Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Infelizmente, já presenciei assédio. É algo vergonhoso pois ressalta que ainda não há respeito à presença feminina no rádio esportivo e no futebol. Mas está mudando.

**8. Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Com certeza. Mas já foi muito pior. Deve-se muito ao árduo trabalho das pioneiras no meio a redução do preconceito, principalmente em virtude da postura íntegra e ética no exercício da profissão, impondo respeito.

**9. Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

É inevitável, assim como os homens não dominam assuntos tradicionalmente ligados ao universo feminino. Mas não vejo como impedimento, do contrário Joelmir Betting jamais poderia falar de economia, ou Marcos Uchoa passar informações sobre uma guerra. A internet e o pay-per-view democratizaram o acesso ao futebol, acabando com a sentença preconceituosa de que mulher só vê jogo para observar as coxas dos atletas. Hoje elas discutem regra do impedimento, questionam contratações e até criticam a maneira como o atacante bateu na bola, o que é deveras positivo.

**Repórter da Rádio Globo: Rafael Marques**

**1. Você já trabalhou diretamente com alguma mulher no jornalismo esportivo?**

Sim, com várias. No momento, trabalho com 5 no meu departamento, entre efetivadas e estagiárias.

**2. Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Nestes 11 anos de profissão, aconteceu sim, uma vez. O Fluminense estava em evidência pela campanha na Libertadores e Renato Gaúcho deu uma entrevista exclusiva a um revista de comportamento. Ele só vinha falando em coletivas, mas abriu essa exceção quando soube que era uma mulher (e bonita) que queria entrevistá-lo.

**3. Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Talvez tenha ainda por uma questão de linhagem. O rádio esportivo se consagrou alicerçado por homens, numa época em que o preconceito ia ao extremo. Em TV, site e jornal, não acho que haja tanta diferença na questão do gênero.

**4. Você acha que há pouco espaço para mulher no jornalismo esportivo no rádio? Por quê?**

Como escrevi antes, acho que sim, ainda há pouco espaço por uma questão de tradição, que no rádio é mais difícil de ser quebrada. Mas as tendências de mercado indicam justamente o contrário, e naturalmente as mulheres já estão ocupando este espaço.



**5. Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

Acho que ela deve encontrar o meio termo. É evidente que um excesso de feminilidade pode transmitir uma falsa idéia comportamental, mas uma mulher artificial não consegue se estabelecer num mercado altamente masculino. Ela deve ser natural, com postura e limites.

**6. De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Da mesma maneira que os homens, nisso não há muita mudança. As mulheres precisam fazer boas matérias, buscar notícias diferentes da mesmice, fazer perguntas consistentes em coletivas, elaborar textos ricos em forma e conteúdo, etc.

**7. Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Não me recordo agora de nenhum episódio em si, mas já testemunhei inúmeras vezes treinadores e jogadores respondendo mal a perguntas feitas por mulheres tipicamente por preconceito. Recentemente ocorreu com a Sabrina Grimberg, do Dia, numa coletiva do Muricy Ramalho.

**8. Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Não, acho que o tratamento é igual, embora, como já disse, o rádio venha absorvendo o mercado feminino há pouco tempo.

**9. Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

Acho que não, as mulheres devidamente interessadas e preparadas podem perfeitamente conhecer tanto ou mais de futebol que os homens. O problema é que não se percebe ainda um grande volume de mulheres interessadas, e isso se explica pelo componente histórico.

## **ANEXO B – Entrevistas**

### **Repórter da Rádio Globo: Andrea Maciel (Maria Chuteira)**

#### **Quando surgiu seu interesse pelo esporte?**

Bom, esporte eu acho que desde que me entendo por gente. Sou apaixonada por futebol e pela rádio, porque eu me acostumei a ver todo domingo, meu pai cinco horas da tarde pegar o radinho e ficar ouvindo. Era o Jorge Cury. E eu fui me apaixonado, me habituando. Eu não entendia muito no começo, achava que eles falavam muito rápido, mas fui me habituando com aquilo. E sempre gostei muito de futebol, então foi mais ou menos por aí. E depois quando eu comecei a fazer rádio, eu puxei logo para esse lado. Eu comecei em um domingo de manhã, em uma rádio lá em Teresópolis. Eu falava muito de futebol. Falava da rodada do sábado, da rodada do domingo, aí foi acontecendo.

#### **Desde pequena você já pensava em trabalhar com esporte?**

Não. Nem imaginava. Tanto que eu sou enfermeira, minha formação acadêmica é em Enfermagem, sou pós-graduada em UTI, então, a rádio foi uma consequência natural na minha vida e ela veio muito atrelada ao esporte. Quando começou minha vida de rádio, começou minha vida de rádio com esporte. A rádio começou porque eu trabalhava em um hotel, eu era recreadora, um dia o gerente me chamou para ajudar a apresentar um evento, daí eu comecei a fazer um programa, comecei a me identificar, encontrei meu jeito e fui ganhando proporção. Depois fui chamada para uma rádio no Rio de Janeiro, na época a Tropical FM e aí, as coisas foram acontecendo.

#### **Como foi sua trajetória profissional? Já começou no rádio?**

Comecei em Teresópolis, numa rádio chamada Rádio Teresópolis e eu já fazia isso, eu fazia um programa que se chamava “Adrenalina”, Andrea com adrenalina, e eu falava muito de futebol. Cheguei na Rádio Tropical por causa de um prêmio que eu ganhei. O JJ, aquele que faz o prêmio A Bola de Ouro, José Jorge, levou uma fita minha para o seu Armando Campos, que era o dono na Tropical, ele ouviu, gostou, disse que estava precisando de uma menina para trabalhar na equipe dele, me convidou e eu fui.

#### **Quando você aceitou fazer esse programa em que você ia falar de esportes, de futebol, ou quando você começou como setorista na Tropical, você pensou que poderia sofrer algum preconceito?**

Eu acho que você dita muito regra, preconceito às vezes eu tenho até hoje. E às vezes não é só com isso não, às vezes é pelo simples fato da gente ser mulher. A gente vê algumas situações em que ainda há preconceito, quanto a mulher, quanto a gordo, quanto a magro, então, ainda tem. Mas assim, de uma forma geral, acho que quando você começa, você tem que ditar a regra. Se você chega e alguém vai te mandar uma cantada, alguma coisa, você não pode se deslumbrar, você tem de ser profissional, tem de procurar ter uma linha. Mulher eu acho que tem que provar duplamente que entende. Quando você faz um comentário de futebol, você tem que ter muita certeza do que você

faz. Eu já tive uma experiência de estar num jogo e falar que estava impedido ou foi pênalti e o cara falar : “não entende nada!”, porque o cara discorda de você, aí que você sente o preconceito. “Porque é mulher não sabe nada, não sei o que lá...” Mas, muito raro, de uma forma geral, não tenho não, é muito raro.

**Quando você diz que a mulher tem de provar duplamente que entende, que ainda existe preconceito, você acha que essa desconfiança vem mais dos colegas, dos ouvintes ou dos atletas?**

Eu acho que de uma forma geral. Para sociedade, para você mesma, para os seus colegas. Eu acho que a mulher ainda tem que se superar em algumas coisas para poder ser respeitada, ela é mais cobrada. Não é nem que tenha que se superar, ela é mais cobrada, ela é mais visada.

**Não pode errar, não é?**

É. Mas é raro, não é todo mundo que é assim. A gente está falando de uma maneira geral, mas eu acho que ainda tem sim.

**Você acha que no rádio há mais preconceito em relação à mulher no jornalismo esportivo?**

Primeiro porque a televisão fascina mais, a imagem. Não sei se tem alguma coisa a ver com o fato de ser mulher ou não, porque homem também tem essas coisas às vezes. Televisão te dá uma visibilidade maior. A rádio eu acredito que talvez até pelo perfil de como é a estrutura de rádio, de você ser setorista, de acompanhar o dia a dia, de estar viajando junto com o clube, não é todo mundo que quer isso. Você tem que associar a vários fatores que são o talento e a disponibilidade. Eu acho que é mais complicado, talvez por isso. Talvez seja essa a explicação.

**Você acha que é mais das pessoas que estão no mercado de não terem o rádio como foco do que uma resistência do rádio em contratar mulheres?**

Eu acho que isso você deve ver até na faculdade. As pessoas devem falar mais em fazer televisão, não em fazer rádio. Eu acho que isso acontece de uma forma geral, não só com as mulheres. Como tem um número menor de mulheres no esporte, também tem na rádio. Mas acho que a televisão abriu um pouco mais esse leque. Talvez tenha até um pouco de preconceito do rádio também que dificulta, acho que tem um pouquinho dos dois.

**Você se lembra de alguma situação, principalmente quando você era setorista do Botafogo, em que você tenha claramente sido vítima de preconceito?**

Eu sou de uma época – aí, você vai falar que eu sou velha – mas, na minha época, a gente entrava em vestiário, a gente tinha uma proximidade, uma intimidade maior com o boleiro, com o jogador. Então, no começo, no dia a dia do Botafogo não tinha preconceito. Eu tive lá num jogo Vasco e Inter, que na hora da gente entrar no vestiário, o Celso Roth não queria deixar: “mulher não pode entrar no vestiário”, mas a gente acabou entrando. “Eu acho que o jogador pensa assim quando você chega: ‘ô, mulher nova no pedaço’”. Tem aquela coisa, não é, deles darem aquela de “homens”, mas aí

depois como você se mostra para eles profissionalmente, eles começam a te enxergar também profissionalmente. Então, a partir do momento que você vai conquistando teu espaço, tua confiança, você tinha as suas fontes, os seus contatos, suas boas entrevistas, suas matérias especiais, quanto a isso não tinha nenhum tipo de preconceito não.

**Nem dos colegas, em relação a alguma pergunta?**

Não, não. Eu também não sei se isso é o meu jeito. Aliás, eu acho que tem até hoje em relação aos próprios colegas, nós somos muito críticos não é: “pô, perguntou isso”, então, acho que não é só em relação à mulher. Em relação aos outros colegas também.

**Você acha que existe alguma diferença na distribuição de funções pela chefia, como colocar homens para fazer jogos ou serem setoristas e mulheres em pautas especiais?**

No que eu vivenciei não, porque eu trabalhava numa rádio, na Tropical, em que eu era setorista. Tinha homem setorista e eu, mulher, setorista. Depois, quando aumentou a equipe, eu até parei de ser setorista, pode até ter sido alguma forma de preconceito e eu não tenha percebido, mas acredito que não. E aqui na Rádio Globo, por exemplo, eu fui contratada não para ser setorista, eu fui contratada para ser a “Maria Chuteira”, então, já era muito específico. No que eu vivo, no que eu vejo, não tem não. Até porque a gente tem a Thayssa aqui, que faz de tudo um pouco.

**Muitos jornalistas dizem que as mulheres como setoristas não conseguem dar furos porque não tem o contato e a proximidade necessária com o jogador. Você acha que realmente existe isso? Faz diferença?**

Você entrevistou a Carla Matera? Ela te falou que não. Carla é um exemplo disso. Quantos furos ela deu? Eu acho que é de cada um. Tem um montão de repórter homem que nunca vai ter fonte nenhuma, nunca vai ter contato nenhum, porque, às vezes, é uma figura nula. Tem muito disso também, vai da característica de cada um. Tem gente que se lança, tem gente que é enturmada por natureza, acho que isso cabe muito do repórter, não tem a ver com o que tem no meio das pernas não, tem a ver com o que tem na cabeça.

**Para que a mulher seja respeitada no meio, você acha que ela deve adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, fazer do feminino um diferencial?**

Eu acho que ela tem que ser ela. Eu, por exemplo, falo palavrão, falo sacanagem, e tenho meu lado feminino. Eu acho que ela tem que ser ela. Não é porque ela está no meio de homens que ela tem que falar só palavrão, se não é a dela. Eu brinco, eu xingo, eu falo palhaçada, mas isso sou eu, tem gente que não fala. Você, por exemplo, é toda quietinha, não vai falar nunca, de repente brava deve até falar, eu não te conheço. Mas depende de como é o teu jeito, o teu estilo, acho que você tem que ser você, não adianta querer ir, sei lá, já querendo se mascarar, ou ir de “periguete”, toda gostosa, fatal, porque todo mundo vai te dar uma entrevista boa porque você é gostosa para caramba ou então, falando um monte de sacanagem, mandando um para “aquilo”, outro para não sei o quê, porque vão ver que você é como homem, vão te tratar que nem homem, isso eu acho que está errado. Você tem que ir lá pela sua cabeça. Se você gosta de ser perua, ir no saltão, de perninha de fora, aí o problema é seu, você vai ser assim sempre. Agora

não tem que pensar: “tenho que ir assim, porque vou lá”, acho que tem de ser você mesma, tem de ser original.

**Qual a maior dificuldade para uma mulher no dia a dia de um clube. Existe diferença ou as dificuldades são as mesmas?**

Eu acho que são as mesmas.

**Como a mulher deve fazer para se destacar no jornalismo esportivo do rádio?**

Não só no jornalismo como em qualquer coisa, tem que ser boa. Mais ou menos tem muita gente fazendo. Tudo que você se propõe a fazer na vida, você tem que ser boa para caramba.

**Você acha que tem pouco espaço para a mulher no rádio?**

Eu acho que tem muito espaço, tem que aparecer é gente boa. Aí, a gente volta no que a gente estava falando, se for boa uma hora ela vai brilhar. E se expor também, se lançar, não ficar parada. A gente tem que procurar. Na hora que o cavalo passar celado, tem que ir, mas eu acho que tem muito espaço ainda. De uma forma geral, o mercado está muito fechado para todo mundo, não tem emprego para todo mundo, mas se tem, tem para homem ou para mulher, não tem essa diferenciação. As mesmas chances que tem para o homem tem para as mulheres. Tem que ser bom. Se for boa, vai ser até o diferencial. Que eu acho que é o quê muitas rádios tem procurado hoje em dia, fazer o diferencial e eu acho que a mulher ajuda muito nisso na transmissão.

**Repórter da Rádio Tupi: Carla Matera**

**Quando surgiu o seu interesse pelo esporte e pelo rádio?**

Pelo rádio sempre existiu. Lembro da minha infância, da minha adolescência, eu sempre fui apaixonada por rádio. Talvez eu não soubesse o que eu queria fazer exatamente, mas sabia que era algo que eu gostava muito. Já o esporte caiu de pára-quadras na minha vida. Com 19 anos mais ou menos, eu fui trabalhar em rádio, só que eu era locutora noticiarista, eu apresentava os noticiários na Rádio Tupi. E aí, em 1999, no Dia Internacional da Mulher, o dono da Rádio, o seu Armando Campos, mandou eu ir para o Maracanã em um domingo e mandou eu ir acompanhar um evento que ia acontecer em homenagem às mulheres. Ia ter um torneio de futebol feminino. E eu fiquei desesperada porque eu não sabia nada de futebol e era uma equipe de esportes bastante conceituada. Eu só tinha ido uma vez ao Maracanã para ver o Papai Noel chegar de helicóptero. Nem era para ver futebol. E eu fui. Quando eu cheguei lá, as pessoas estavam na cabine discutindo se era 4-3-3 ou 3-5-2 e eu pensei que eles estavam falando de linhas de ônibus. Foi o primeiro “mico” da minha vida no esporte. Eu perguntei para onde eles queriam ir porque eu sabia todos os ônibus que iam para o Maracanã. Você imagina o quanto eu estava preparada para ir para o esporte. Só que foi muito legal nesse dia e no dia seguinte o dono me falou que estava me tirando do noticiário e me incorporando à equipe de esportes. E daí que eu comecei a gostar de verdade, a querer aprender e isso se tornou um grande desafio na minha vida. Mas não foi uma escolha, pelo menos no

primeiro momento, depois sim, depois foi uma escolha bem consciente de que era isso que eu queria para a minha vida.

### **Como foi a sua trajetória profissional, primeiro no jornalismo e depois no esporte?**

Eu comecei em 1992. A primeira vez que eu trabalhei em rádio foi em 1992 na Guanabara Bandeirantes, depois eu trabalhei em rádio comunitária em Copacabana, depois sai do rádio por um tempo, não por opção, mas pelas circunstâncias. Em 1996, eu fui para a tropical FM, aí fui locutora noticiarista. Em 1998, eu saí da Tropical e, em 1999, eu voltei e fiquei até 2000 quando eu fui para a Rádio Tupi. Fiquei na Tupi fazendo jornalismo, fazendo matérias policiais de 2000 a 2002. Junto com isso eu trabalhava na 94 FM. Eu ficava na Tupi de cinco da manhã às duas da tarde, ia para a 94 FM, onde eu fazia só futebol. Passei também pela Manchete e aí, em 2002, fui para a equipe esportiva da Tupi. Saí do jornalismo e fui para o esporte, onde fiquei até dezembro de 2005. Em janeiro de 2006, eu comecei na Rádio Globo/CBN de SP. Fiquei até dezembro de 2008. Em fevereiro de 2009 eu voltei para a tupi.

### **Quando você foi colocada na equipe de esportes, você pensou que poderia sofrer algum preconceito?**

Eu estava tão preocupada em não falar besteira, em não fazer besteira, em aprender aquilo que naquele momento passou a ser um objetivo mesmo meu, que eu não parava para pensar muito em preconceito. E eu não sei se eu tive muita sorte, mas as pessoas que me cercaram, foram ótimas. Eu tenho grandes amigos que me carregaram no colo praticamente. Esses amigos eu fiz no esporte. E que iam me ensinando, ensinando mesmo, tipo o beabá. Teve um que uma vez escreveu como eu podia dar a escalação de um time na abertura de um jogo, só para você ter idéia mesmo. Outro me explicava o que era um esquema tático. Meu pai, agora falecido, na época, ficou muito preocupado. Ele não queria que eu “pagasse mico”, então, ele me dava livros e mais livros de regras de futebol e me orientava e escutava tudo que eu dizia para falar se eu estava falando tudo certo, se tinha alguma coisa errada. Eu tive muito apoio. Nessa época, se eu te falar que eu vi algum preconceito, eu vou ser extremamente injusta, porque eu não sofri naquele momento nenhum tipo de preconceito. Aliás, preconceito é uma coisa que eu não sofri. Até hoje, depois de 11 anos só no esporte, eu não sofri preconceito. Eu acho muito engraçado as pessoas que até hoje têm algum tipo de preconceito. Teve uma vez que um técnico discutiu comigo, porque não gostou de uma pergunta que eu fiz na coletiva e é um técnico que eu adoro e sei que não tem nada contra mim também. Mas é um exemplo de preconceito. Aí, ele pediu para entrar no ar depois, porque ele admitiu que foi grosseiro no momento em que ele me respondeu. Então, no final do discurso ele disse: “eu queria dizer que a Carla é uma moça muito trabalhadeira e que, apesar dela ser mulher, é uma excelente repórter!” Existe o preconceito, mas ou você sofre com ele ou você acha engraçado. Eu prefiro achar engraçado. Eu acho meio inadmissível que em pleno ano de 2010 as pessoas ainda imaginem que uma mulher não é capaz de fazer determinada coisa ou que um homem não tem a condição de ter a sensibilidade feminina, enfim, eu acho isso uma grande piada.

### **Você deu exemplo de preconceito de um técnico, mas você se lembra de alguma situação onde tenha sido vítima de preconceito por parte de algum colega, ouvinte ou jogador de futebol?**

De colega eu nunca tive e se tive eu não percebi, eles todos escondiam muito bem. Mas técnico teve esse e teve outro também em São Paulo, que declaradamente não gosta de cobertura feminina, mas isso a gente passa batido. Quanto a jogador de futebol, o único problema é que, às vezes, no começo, quando eles viam uma mulher no clube, o primeiro pensamento era que era “Maria Chuteira”, que não estava lá para trabalhar, estava lá para paquerar eles, mas não cheguei a sofrer com isso não. Não rolou isso não.

**Hoje tem poucas mulheres trabalhando no jornalismo esportivo do rádio. Você acha que existe pouco espaço?**

Eu acho que é pouca disponibilidade talvez das mulheres em trabalhar em rádio, porque de todos os veículos, o rádio é o que exige mais. Você tem que respirar o rádio, não é uma coisa de você cumprir horário. Você está lá, acompanha um clube, viaja com aquele time, respira aquele time todo dia, está nos jogos, fica ligada, porque se acontecer alguma coisa você tem possibilidade de entrar no ar e, se você não entrar, você será cobrada por isso, então, por exigir tanta entrega e disponibilidade, acho que poucas mulheres estão dispostas a fazer isso. Dispostas a viajar direto, a carregar equipamento pesado, a montar equipamento em outro estado, em outro país, como já aconteceu comigo e você está sozinha e tem que se virar. Eu acho que é isso. Pelo menos quando eu penso nisso que você me perguntou eu só encontro essa explicação. Que é falta de disposição mesmo para tanta entrega.

**Você acha, então, que é mais uma questão das mulheres não terem disposição para enfrentar todas essas dificuldades, do que do rádio em não contratar mulheres?**

Exatamente. Eu acredito nisso. Porque quando você está disposta a alguma coisa, quando você demonstra que você quer mesmo, as pessoas vão abrir as portas para ti. Se você provar que está mesmo afim. Agora, se você chegar e falar “ah não, eu não carrego peso, eu não viajo sozinha.” Se você começar a colocar obstáculos, aí fica difícil. Aí você tem que trabalhar mesmo com outra coisa, ou em outro veículo.

**Quando você cobria o Fluminense, você identificou uma dificuldade maior por ser mulher?**

Não senti dificuldade, a única coisa que eu senti muita dificuldade por ser mulher é na hora de fazer ponta nos jogos. De ficar atrás do gol e comentar e falar depois do narrador quando ele chama. Eu senti dificuldade porque eu nunca joguei bola, então, qualquer homem faz isso com mais facilidade ou qualquer pessoa que já tenha mais intimidade com a bola faz isso com mais facilidade, porque ele sabe o efeito que a bola toma quando você dá um chute com o bico da chuteira, quando você bate de chapa, enfim, eles sabem exatamente qual efeito que é dado. E aí tem que ralar um pouquinho para entender esse tipo de coisa, não é uma coisa que é só teoria ou é só técnica, você precisa ter vivenciado isso. Quando eu senti que eu realmente tinha essa dificuldade, eu comecei a tentar buscar o meu próprio estilo. Já que eu não posso fazer melhor ou igual, então, eu vou fazer do meu jeito, porque aí pelo menos eu vou ser autêntica.

**Não é uma dificuldade de gênero, mas de prática. Uma mulher que tivesse jogado bola não teria essa dificuldade, não é?**

Com certeza, uma mulher que tenha intimidade com a bola, que saiba jogar futebol, com certeza vai fazer da mesma forma. Como eu não tinha experiência com o futebol,

eu nunca tinha jogado nem trabalhado antes com isso, essa foi uma dificuldade que eu encontrei.

**Você se lembra de alguma vez ter sido poupada de um trabalho por ser mulher, de repente na hora da distribuição das chefias você ter sido preterida, até sido vítima de preconceito?**

Não. Só quando eu estava grávida. Mas assim mesmo eu viajei até o meu oitavo mês. Eu fiz matéria e fiz jogo até o meu oitavo mês. Nesse aspecto eu fui muito preservada e até mesmo mimada, pelas próprias pessoas do clube. Os jogadores do Fluminense mesmo, eles ficavam desesperados de eu entrar em campo para fazer entrevistas. Eles mandavam eu ficar fora de campo e vinham até a mim para eu entrevistá-los, foram muito gentis, todas as pessoas, os roupeiros do fluminense carregavam mala para mim, enfim, por ser mulher especificamente, exclusivamente, eu não deixei de fazer absolutamente nada. Carreguei já 40 kg de equipamento para a Colômbia, para fazer jogo arriscado em um lugar complicado, eu montei equipamento sozinha sem operador, sem ninguém, e não fui poupada disso e nem gostaria de ter sido.

**A gente vê que o comportamento das mulheres que trabalham nos clubes é muito diferente. Você acha que a mulher para ser respeitada no meio deve adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, fazer do feminino um diferencial?**

Isso era uma preocupação que eu tinha muito forte. Principalmente no começo. Acho que a postura que você adotar não deve fugir da sua personalidade. Eu não me imagino me masculinizando para ser aceita no ambiente. Eu continuei usando o tipo de roupa que eu usava, camisetinha, calça mais apertada, eu nunca mudei a minha forma de me vestir. Agora, é claro que agente tem que ter um pouquinho de sensibilidade, você não vai aparecer no clube de mini saia, de saltinho 25, com uma mini saia que parece um cinto. Esse tipo de sensibilidade você tem que ter. Agora, perder a feminilidade? Perder as suas características? Deixar de ter a sua personalidade de falar com as pessoas do jeito que você tem que falar? Ou então, se fechar porque senão vão achar que você é perua? Não, de jeito nenhum. Até porque você passa muito mais tempo no clube, nesse meio do futebol, do que na sua casa, então, se você tiver que representar o tempo todo, não dá certo.

**De que maneira você acha que a mulher pode fazer para se sobressair no jornalismo esportivo do rádio, que diferencial ela pode apresentar?**

Tem que se apaixonar pelo que está fazendo, tem que fazer com o coração, tem que ter sensibilidade, a gente tem que usar todo os nossos atributos femininos, de paixão de capricho, de entrega, de sensibilidade, a gente precisa usar para se sobressair. Agora, uma coisa que não pode acontecer em hipótese alguma é jogar charme, pelo menos isso na minha opinião, jogar charme para conseguir por ser mulher. Não. A mulher tem condições de fazer isso como todo homem tem condições de fazer o que ele quiser. Acho que essa questão do gênero não chega a interferir tanto quando a gente fala em fazer bem feito, em trabalhar com honestidade e dignidade.



## **Narrador da Rádio Globo e apresentador da TV Bandeirantes: José Carlos Araújo**

**Conta um pouco da sua história no rádio, as mulheres que você conviveu neste meio e o que você lembra do trabalho delas.**

Tradicionalmente, as mulheres não tinham o mesmo espaço que os homens no rádio. Historicamente, as grandes locutoras de rádio surgiram no auditório da Rádio Nacional, como a Lucia Helena, que era locutora comercial e ficou tradicional do “Balança Mas Não Cai”, que era um programa de maior audiência de humorismo na Rádio Nacional e era repetido sábado à tarde. Ela fazia a propaganda do Eucalol, uma marca de sabonete de uma fábrica chamada Mirta S.A. Agora, de estúdio, locutoras comerciais tradicionais, as mais famosas foram Maravilha Rodrigues, na Rádio Eldorado, depois na Rádio Jornal do Brasil AM e também Anita Taranto, que foi a voz mais bonita que eu conheci de locutora. Uma das vozes mais lindas que eu conheci. Agora, se perguntar assim, qual foi a voz de mulher mais marcante através dos anos, eu diria que foi da Iris Lettiere, que começou trabalhando comigo e é a voz do aeroporto do Galeão. Por que ela se perpetuou através dos anos mesmo existindo uma discriminação, e existe, da voz feminina, ao ponto de alguns radiodifusores considerarem que a voz feminina não trás tanta credibilidade quanto à voz do homem? Porque foi feito um teste com varias vozes e viu-se que a da Iris Lettieri trazia tranquilidade, acalmava o passageiro que estava prestes a voar e tinha medo de avião. Ela fala sussurrando, do fundo da alma, e ela tem esta voz até hoje.

**Ela começou com você em alguma rádio?**

Ela começou comigo na Rádio Metropolitana, quando eu tinha 16 anos e ela tinha 15, por volta de 1956.

**Você citou a Lúcia, mas muitos autores falam que a Fluminense FM teria sido precursora na locução feminina. Quem foi a primeira, a Lúcia?**

A Rádio Fluminense foi uma rádio pauleira, FM, que hoje é ocupada pela Band News, mas não foram as primeiras locutoras, foi a primeira rádio a só ter locutoras. A Fluminense FM só tinha locutoras, era “A Maldita”, como era chamada. Lá, surgiram Milena Ceribelli, Monikinha Venerabile, entre outras. Eram só mulheres, mas não foram as primeiras não, elas sucederam todas essas que eu já citei. Inclusive, tinha uma na Tupi também, uma locutora de auditório, na mesma época da Lúcia Helena, na Rádio Nacional. Depois veio a Maravilha Rodrigues, locutora na Rádio Eldorado, um pouco antes de eu começar. A Rádio Globo comprou a Eldorado, eu era da Eldorado quando eu vim para a Rádio Globo. Eu era locutor comercial da emissora. Junto com a JB e a Tamoio, a Rádio Globo tinha a melhor equipe de locutores do Rio, mas não tinha mulheres. A JB tinha. A Maravilha Rodriguez depois de um tempo. A Maravilha era antes da Eldorado. Agora, voz igual da Anita Taranto não tinha. Acho que ela era da Marik Veiga. Ela era a que mais gravava comerciais. Foi da TV Rio, uma voz muito bonita e melodiosa, tipo da Iris Lettieri, mas com mais brilho. A Iris tem aquela voz que a gente diz que vem do útero, a da Anita era mais clara, mais limpa. Teve também a Graciete Santana, na Rádio Guanabara. Agora a Fluminense foi a primeira a ter uma equipe só de locutoras, como a Rádio Mulher em SP, a primeira a ter uma equipe só de mulheres cobrindo futebol, locutora, comentarista e repórter. Não durou muito tempo, não sei por quê. A própria TV Bandeirantes chegou a colocar uma mulher narrando, a

Luciana do Valle na época esposa do Luciano do Valle, mas também não vingou, não sei por que.

### **Na Rádio Mulher, foi em que época?**

Década de 80, em São Paulo. Era locutora, repórter, comentarista e operadora. No interior, ainda hoje, foi onde surgiu mulher como sonoplasta, como operadora de som. Era um fato novo. Mulher não aparecia como operadora de áudio.

### **Na minha pesquisa, eu não identifiquei nenhuma mulher como comentarista atualmente no rádio, não é?**

Nem na TV tem mulher comentando.

### **Tinha a Milly Lacombe na TV Record, não é?**

Ela agora está na TV naquela mesa redonda aos domingos à noite, com a Paloma Tocci, que foi da Band, e a Marília Ruiz.

### **E no esporte? Quais foram as precursoras no rádio esportivo?**

Eu me lembro da Denise Rocha de Almeida que foi Miss Flamengo e Miss Estado da Guanabara. Ela foi repórter de campo, antes ou depois da Marilene Dabus. A Denise era muito bonita, era minha ouvinte, mandava muita cartinha para mim, não sei nem se ainda está viva ou vive no Rio. Ela fez reportagem de campo na TV. Quando eu fui para a Rádio Nacional, em 1977, eu lancei a Juju com a Paquera Social. O que era a paquera social? Era uma repórter mulher, que circulava na tribuna de honra, no Saguão Primeiro. As pessoas chegavam e ela falava: “chegou fulano, mas ele está muito cafona, uma calça marrom, sapato preto”, era um quadro social dentro do futebol. No Maracanã, hoje, o camarote domina esse perfil, tem até entrada isolada. Quando não tinha camarote, era uma tribuna principal que juntava as pessoas mais importantes. A Paquera Social quem começou fui eu com a Juju, na época, só Jussara Carioca. Hoje tem a “Maria Chuteira”, mais famosa, fazendo reportagens, entrevista e tudo mais.

### **No campo hoje ainda não é uma coisa comum, não é?**

Tem a Carla Matera que começou na Tupi, antes na Tropical. A própria Maira Chuteira também começou na Tropical, fazendo reportagem de campo e cobrindo clube. Isso que a Thayssa faz hoje a Maria já fazia na Tropical. A Carla também era da Tropical. Peguei a Carla na Tupi, depois na Globo SP e voltou para a Tupi. Só essas. Aí você me pergunta por quê? Eu tentei várias na época que eu estava na Rádio Nacional, de 77 a 84, mas as mulheres naquela época tinham um comprometimento com a família, não podiam trabalhar domingo, não é como hoje que elas são mais independentes, tinha sempre esse impasse para trabalhar com alguma mulher no futebol. Hoje, as redações são dominadas pelas mulheres, as emergências dos hospitais. Hoje, até no judiciário, nos concursos, as juízas tem tido melhor aproveitamento.

### **Você acha que existe pouco espaço para a mulher no jornalismo esportivo do rádio?**

Há pouco espaço, primeiro por falta de vocação e segundo porque a mulher, culturalmente, passou-se durante muitos anos a sensação de que não entendia de futebol. E também, passou-se a idéia de que a mulher não passava credibilidade. Chegou uma época que aqui no Sistema Globo de Rádio não tinha nenhuma secretária. Vocação é o seguinte, é saber realmente o que ela quer. Hoje, eu vejo nos critérios adotados para a seleção que a jovem chega aqui e ela tanto serve para site, como para ler o jornal, o Globo no Ar, então, na minha cabeça, ela tem que ser direcionada para algo. É para o jornalismo, mas para qual segmento? Ela tem voz boa, é fluente, sabe improvisar? Hoje se coloca ao microfone quem nunca fez teste de microfone, nem de improviso. Aos 15 anos de idade eu fiz um teste com o uniforme do colégio Pedro II e passei. Era meu sonho, eu passei. Com carteira assinada e tudo. Nessa época ainda não havia faculdade de jornalismo

**Você já passou por alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Não. Eu já vi o contrário. Eu acho a mais completa jornalista mulher a Marluce Martins do jornal o Dia. Hoje ela está no Marca Campeão. Ela tem uma personalidade muito forte. Ela foi muito discriminada. Ela entrava nos vestiários. Na época, os jogadores corriam para colocar a toalha. Ela dizia: “eu não vim aqui para ver homem nenhum. Eu vim aqui para trabalhar!”. Aí, já deixava os caras mais “desarmados”. Ela foi discriminada até pelo Romário, que depois a reverenciou, chegou a ridicularizá-la. Ela era inteiramente independente e é uma profissional do mais alto gabarito. Nunca trabalhei com ela, mas convivi em Copa do Mundo, amistosos internacionais e acompanho o trabalho dela no jornal. Nesse dias mesmo ela fez uma baita entrevista com o Muricy, conseguiu segurar ele uma hora e meia depois do treino. Hoje ela é respeitada como não fora anteriormente.

**Você acha que o homem tem mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio ou o gênero é indiferente? Por quê?**

Eu acho que existem homens com vocação e homens sem vocação. Eu encontro vários. Homens que tem diploma e fizeram faculdade, mas não tem o perfil que eu queria trabalhando no jornalismo esportivo. E mulher também, a mesma coisa. Por exemplo, se você colocar a Maria Chuteira com o Flamengo, ela vai fazer uma cobertura tão boa quanto o repórter que cobre o Flamengo, que hoje é o Cláudio Perrou. Por que ela tem estrada, tem experiência. Acho que no início é mais difícil para uma mulher se adaptar. Lembro-me quando Renato era técnico do Fluminense, aparecia uma repórter nova, ele já queria “pegar”. Tem coisas assim. Eu sei de uma história desse tipo. A Seleção Brasileira comandada por um treinador muito volúvel, em Teresópolis. Aí, de repente, o treinador liga para o apartamento da repórter. “Você tem um jornal aí de hoje? Vou aí apanhar, pode?”. Ela disse: “pode”. Aí, ela ligou para dois outros companheiros e disse: “vem para cá”. Quando ele chegou lá, foi a maior cara-de-pau, encontrou os repórteres junto com ela. Ela deu um show de profissionalismo.

**Para ser respeitada como profissional você acredita que a mulher deve tentar adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

Eu acho que o comportamento profissional tem que ser igual. Que nem uma médica na emergência atendendo um paciente do sexo masculino. O atendimento é igual quando vai atender do sexo feminino. Quer dizer, os procedimentos são os mesmos.

**De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Com talento e diferencial, porque no ramo de reportagem, você junta todos e são poucos o que você diz: “esse cara aqui é diferente”. Por exemplo, o Cláudio Perroux é diferenciado, o Deni Menezes, o Eraldo Leite é a maior referência de reportagem esportiva diferenciado. Ninguém se compara. Agora, por ser uma referência, eles deveriam ter uma atividade maior para servir como referência para aqueles que estão começando. Hoje, por exemplo, no jornalismo de cidade do Rio de Janeiro, você vê nas redações, qual o repórter que se diferencia? Hoje, o Robson Aldir na Rádio Globo e o Brandão na Rádio Tupi e não tem outro. O Robson ainda fez faculdade, mas o Brandão foi feito na rua. Esse diferencial que valoriza o profissional. As empresas passaram a padronizar até salarialmente, nivelando tudo no mesmo padrão e não sabendo quem é melhor para ganhar mais. Produtividade. Você é melhor que os outros, então, você vai ganhar um salário diferenciado. Você é minha estrela. Existe na locução artística, esportiva, mas não existe na reportagem.

**Então, o que faria a mulher se sobressair seria o talento e esse diferencial?**

Até porque, existem empresas que contratam mulheres porque sabem que ela é o segundo salário da casa e vai pagar menos. Eu conheço várias empresas que fazem isso. Eu sou contra.

**Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Eu acho que a Marluce tem história para contar. Tipo, ela chegar ao vestiário e o Jair Pereira falar para ela não entrar. Ai ela falava: “Eu estou aqui trabalhando, não vim aqui para ver homem, não”. Ela tem uma vivência maior de discriminação. A Thayssa também deve ter uma cantada, um torpedo. Certamente tem.

**Acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

Muito mais do que nos jornais. No jornal você vê um número maior de mulheres. Você abre qualquer jornal e você tem um maior número de repórteres na área esportiva. No O Globo nem tanto, mas nos jornais especializados, às vezes, tem mais mulher até do que homem.

**Por que você acha que é mais difícil encontrar mulheres como repórteres no rádio do que nos outros veículos?**

Talvez pelos predicados. Por que o rádio esportivo mudou muito da época que eu comecei até hoje. Acho, inclusive, que hoje está descendo a ladeira em comparação com o que eu atingi no meu apogeu, vamos tentar reverter isso agora, porque o repórter

esportivo tem que conceber o seguinte: primeiro que ele tem que ter conteúdo jornalístico; segundo, ele tem que passar credibilidade tanto para o público, quanto para aqueles que ele faz contato diariamente; e terceiro, que ninguém aborda, o lado artístico. A partir do momento que você usa o microfone e a sua voz é que vai criar a sua imagem, é um lado artístico, que o rádio jornalismo abandonou essa visão. Então, tanto o locutor esportivo, quanto o comentarista, quanto o repórter no rádio, ele tem um lado artístico. Tanto é verdade que na Argentina e no Uruguai, o narrador esportivo é sindicalizado no sindicato dos artistas. Há quanto tempo eu não vejo chegar um jovem no Sistema Globo de Rádio e alguém vê onde esse jovem se dá melhor aqui dentro da empresa: “onde você gostaria de ficar? Na locução?”. Então, não vou colocar no site de jeito nenhum. Você vai fazer contra vontade, não é a sua vocação. É a mesma coisa o cara ter vocação para médico e você colocá-lo para fazer um plantão no judiciário. Não tem nada a ver. Então, se você quer ser rádio jornalista, trabalhar com microfone, então vamos fazer uns exercícios e corrigir os erros. Eu corrijo meus erros até hoje, de colocação, de projeção, de respiração, eu sei me corrigir. É isso que falta, esse lado artístico, essa visão no rádio jornalismo. E, com certeza, com isso tem perdido muitos valores, que passam por aqui e desaparecem.

### **Esse lado artístico de trabalhar com o microfone, você acha que favorece a entrada da mulher ou, pelo contrário, prejudica?**

Eu acho que muitas vezes a mulher rádiorepórter é colocada no microfone e ela se frustra porque não foi preparada para isso e abandona a carreira, porque todo mundo começa mal. Todo mundo começa errando, falhando, cometendo gafe, essa falta de acompanhamento e de iniciação pode estar frustrando várias carreiras.

### **Você acha que as mulheres ainda têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

Não, porque eu vejo muitas mulheres e convivo com elas. Por exemplo, na TV, a minha produtora na Band e a produtora que eu coloquei lá na CNT no Balanço Esportivo eram estudantes da Universo de jornalismo e sabem de tudo de futebol, acompanham tudo. A Thyssa mesmo, antes de começar a trabalhar com a gente, ela era torcedora e de acompanhar o dia a dia dos clubes. Ela sabe tudo de futebol, não que saiba mais que um homem ou menos, não tem isso não. Agora, ela tem que passar, com o tempo, essa credibilidade. A forma de comunicar é que não é treinada, não é exercitada, nem nas faculdades e nas empresas muito menos. Eu sou contra o critério de avaliação de estagiário que é feito nas grandes empresas, porque você pode ter um baita de um texto e não ser boa para rádio. Você pode ter uma bela voz, uma bela fluência, e ser excelente para rádio e não para o site. Hoje, eles misturam, mandam tudo junto. Isso eu sou contra, cada um na sua. Eu, por exemplo, jamais trabalharia em um escritório, eu não gosto. Já dei aula muitos anos, já trabalhei em televisão, rádio, jornal, colunista, faço blog, gosto de escrever também, só que o tempo não me permite fazer tudo isso com perfeição. Mas o que eu gosto mais é do rádio, então eu me dedico mais ao rádio. Eu faço televisão para ganhar dinheiro, mas também para alavancar o meu trabalho no rádio, tanto que eu junto na televisão Eu, Gérson e Gilson, que são a espinha dorsal de uma transmissão minha no rádio, que é para promover o meu trabalho no rádio.

## **Essa pequena participação da mulher no esporte no rádio, para você ainda é uma questão de preconceito, de falta de oportunidade ou é talento, vocação?**

Eu acho que a filosofia das empresas hoje prejudica. E tem outra coisa, às vezes a mulher é boa para fazer matérias especiais, produzidas, e na transmissão do futebol não render muita coisa e vice-versa, pode ser excelente na transmissão do futebol, mas não ser boa profissional para montar uma matéria de fim de semana de cinco minutos e tal. E eu também sou contra no rádio esportivo qualquer coisa que dure mais de dois minutos, porque quebra o “time” do rádio, a não ser que o Pelé esteja dando uma baita entrevista, caso contrário não. Eu sou favorável a velocidade no rádio, exatamente com matérias mais curtas e mais dinâmicas.

### **Comentarista da Rádio Globo: Luis Mendes**

As mulheres chegaram há bastante tempo às transmissões esportivas, mas foram poucas no começo. Eu me recordo de uma grande locutora da Rádio Nacional que quando estava no interior de São Paulo transmitiu futebol. Ela transmitia bem. Lúcia Helena era o nome dela. Tinha uma voz e um ritmo de transmissão muito bom. Foi a primeira mulher a meu ver que ingressou nas transmissões esportivas, principalmente no futebol. Depois foram aparecendo outras. Recordo também que a Cidinha Campos participou, no campo, da transmissão feita pela própria Rádio Nacional, creio eu, na noite em que o Pelé marcou o milésimo gol. Ela foi a primeira a entrevistar o Pelé e ela foi a primeira, antes de qualquer homem. Lembro também que houve uma Rádio em São Paulo, a Rádio Mulher, nos anos 60, cuja equipe esportiva era toda formada por mulheres. Só vozes femininas. E você sabe que a Rádio Mulher também tinha uma emissora de TV que existe até hoje. A Rádio acho que também persiste. Hoje, nós vemos na televisão muitas mulheres brilhando. No rádio, nós temos na Rádio Globo o bom trabalho da Thayssa Bravo, tanto fazendo matérias especiais, como nas transmissões esportivas. A presença da mulher não é de hoje, na década de 40, já havia mulheres trabalhando no jornalismo esportivo.

### **Em relação ao jornalismo esportivo no rádio. Foi o Nicolau Tuma que fez a primeira transmissão, não é mesmo?**

Nicolau Tuma foi o primeiro locutor famoso, antes dele, em São Paulo, transmitia um tal de Pamplona. Esse foi o pioneiro, depois veio o Nicolau Tuma, conhecido como locutor metralhadora. Logo em seguida, apareceu o Amador Santos, aqui no Rio de Janeiro. Depois Gagliano Neto, vindo de Pernambuco para São Paulo. Para mim, o locutor mais famoso da sua época. Em 1936, fez a primeira transmissão internacional, a Copa América para a Rádio Clube do Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1938, transmitiu também a Copa do Mundo direto da França. É curioso que eu conte isso, porque foi ele que me inspirou a ser locutor. Eu comecei a ensaiar, imitando o Gagliano. Depois, coincidentemente, fui substituí-lo na Rádio Globo. De 1944 até 1947, ele era o locutor esportivo da Rádio Globo e saiu para fundar a emissora Continental, que era especializada em esportes e eu o substituí. Aí, eu passei a ser locutor esportivo e fiquei oito anos transmitindo futebol pelo rádio, desde 1944 até 1955, quando fui para a TV. Voltei em 1970 para o rádio como comentarista, já estava com ritmo de TV que é

indiscutivelmente mais lento que o do rádio. Tínhamos aqui no Rio de Janeiro, quando eu comecei a transmitir, três locutores bons que empolgavam o público nessa época: Gagliano na Rádio Globo, Oduvaldo Cozzi na Marik Veiga, Ary barroso na Rádio Tupi e ainda havia o Antônio Cordeiro, na Rádio Nacional. Eram locutores que tinham um público grande e eu tive que enfrentar. Fui comendo pelas beiradinhas, que nem mingau quente, até chegar lá também. Esses foram os protagonistas das primeiras grandes transmissões de futebol no Brasil.

### **Depois, na década de 70, quem você destaca na locução esportiva do rádio?**

Na década de 70, Jorge Cury, Valdir Amaral, e o próprio José Carlos Araújo, que estava começando e já se pressentia que viria a ser o que hoje é. Inclusive, o Jorge Cury começou na época do Gagliano Neto, na Rádio Nacional, mas era substituto do Antônio Cordeiro, o titular. Ele aparecia menos, até porque a Rádio Nacional não dava preferência ao futebol, futebol era um detalhe, só transmitia jogos aos domingos, porque sábado tinha o programa do César de Alencar que tinha uma audiência estupenda e eles não tiravam do ar.

### **O que você se lembra do trabalho da Maravilha Rodrigues?**

A Maravilha Rodrigues era muito boa locutora, trabalhou na Rádio Globo, na Rádio Nacional. Ela trabalhava bem, fazia coisas no esporte também algumas vezes.

### **Você acha que ainda hoje, no século XXI, há pouco espaço para a mulher no jornalismo esportivo do rádio?**

Pelo número de estudantes que eu vejo nas faculdades de jornalismo, acho que há pouco aproveitamento. Porque há muito mais moças nas faculdades. Não sei se há mercado de trabalho para todas. Elas começam sempre como estagiárias e nem sempre são contratadas quando acaba o estágio. Acho que poderiam ser mais aproveitadas.

### **E por que não são?**

Não é preconceito. Porque ninguém tem preconceito com a mulher aqui no Brasil. Agora mesmo, nós temos três candidatas importantes para a presidência e duas são mulheres. Hoje em dia, as mulheres ocupam cargos de Ministras. Claro, ainda há mais homens, mas porque eles, efetivamente se preparam mais para essas profissões, porque é evidente que quando se formam as famílias, os pais sempre querem que os homens sejam doutores e não fazem muita questão que as mulheres da família vão estudar para médicas, advogadas ou para engenheiras, não se vê esse impulso dentro das casas de família. Eu sei por experiência própria, meus pais queriam que eu estudasse Direito.

### **Você acha que ainda existe a idéia de que as mulheres têm um conhecimento menor sobre o futebol e sua história que os homens?**

Eu acho que as mulheres quando se dedicam ao futebol conhecem tanto quanto homem. Todas as mulheres que gostam de futebol e falam comigo, muitas vezes, têm um conceito mais seguro sobre os assuntos de futebol.

**Você se lembra de alguma situação em que uma jornalista tenha sido beneficiada pelo entrevistado, em detrimento dos demais repórteres, apenas pelo fato de ser mulher, por exemplo, em uma entrevista exclusiva?**

Pode existir. Pode ser que um ídolo do futebol prefira dar uma entrevista a uma moça bonita do que a um barbado, isso é natural. Mas eu acho que também não há uma discriminação nesse sentido. É muito mais fácil dizer não para um homem do que para uma mulher.

**Então, você acha que a mulher tem até mais facilidade para se destacar no jornalismo esportivo no rádio do que o homem ou o gênero é indiferente? Por quê?**

A mulher tem mais facilidade pela educação. O homem traz do berço a necessidade de ser gentil com as mulheres, até para conquistá-las.

**Quando a mulher chega para trabalhar no esporte, para ser respeitada como profissional, você acredita que ela deva adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, manter a feminilidade e fazer dela o diferencial do seu trabalho?**

Eu acho que uma mulher não pode entrar num vestiário para entrevistar jogadores, eles ficam inteiramente nus lá, eles ficam constrangidos se uma mulher entra lá. Eu já vi mulher no vestiário depois da copa de 1962. Vi três ou quatro mulheres dentro dos vestiários com os jogadores passando nus. Eu acho que constrange os jogadores. No outro dia eu vi na TV que quando a Espanha ganhou a Copa, a Rainha Sofia foi ao vestiário. Aí, o jogador que fez o gol teve que botar uma toalha para falar com ela. Eu acho que as mulheres podem se prejudicar nesse ponto, quando os repórteres homens entram, mas aí, as emissoras de rádio deveriam escalar para fazer vestiário só os homens, deixando as moças sem essa função. Elas podem fazer tudo no campo, agora, entrar no vestiário é constrangedor, tanto para elas quanto para os jogadores.

**De que maneira você acredita que a mulher pode se sobressair trabalhando com jornalismo esportivo no rádio?**

Ela pode se destacar através de reportagens inteligentes, ela tem mais sensibilidade que os homens. Isso é indiscutível. Elas podem organizar entrevistas inteligentes, elaboradas e diferentes. Tem que ser diferente, isso que é importante. A nossa repórter Thayssa Bravo tem feito matérias muito inteligentes, boas reportagens.

**Lembra de alguma situação que tenha presenciado ou tomado conhecimento em que uma colega foi vítima de preconceito durante o trabalho?**

Eu não me lembro de nenhuma repórter ter sido vítima de preconceito. A Maria Chuteira quando começou em uma emissora FM, na época só essa emissora transmitia, não tinha preconceito nenhum. Ela fazia tudo, vestiário e ficava ali como se fosse um dos repórteres do sexo masculino. Não sofria preconceito.



### **Você acredita que exista mais preconceito em relação ao trabalho das mulheres no rádio do que nos demais veículos de comunicação?**

O preconceito tá desaparecendo cada vez mais. Todos os preconceitos. E a tendência é que eles acabem. Não existe isso de não contratar porque é moça. Não há motivo para isso, pelo contrário, por isso que há tantas mulheres hoje frequentando as faculdades de comunicação.

### **Mas elas não têm conseguido entrar no mercado de trabalho nessa área, não é?**

Essa intermediação tá muito fraca. Mas acho que até mesmo para os homens as dificuldades são grandes, porque hoje em dia acham que o cara que praticou determinado esporte sabe mais que os jornalistas que não foram atletas. Quando, na verdade, o cara que senta na arquibancada geralmente conhece mais futebol do que aquele que está dentro do campo. Porque o jogador tem uma visão muito pequena. Quem vê de cima vê muito melhor, tem visão panorâmica, vê tudo que está acontecendo.

### **Repórter esportiva e assessora de imprensa aposentada: Marilene Dabus**

#### **Você é uma precursora no jornalismo esportivo, foi a primeira mulher no Brasil a atuar nessa área. Quando surgiu seu interesse pelo esporte?**

Tinha um tio, Caxambu, que foi jogador de futebol do Flamengo, campeão em 1939. Jogou também no Palmeiras e no River Plate. Ele tinha aqueles álbuns de fotos e eu cresci vendo aquilo. Lá em 1955, eu comecei a ir aos jogos no Maracanã, com um irmão e um primo que nos levava de arquibancada. Depois, eu freqüentava a praia alí no Castelinho e meus amigos eram Carlos Niemayer, Sandro Moreira, Carlos Dolabela, Sérgio Noronha, João Saldanha (a família dele era amiga da minha família), então, a gente sempre discutia futebol e aí, um dia, em 1969, me ligaram da TV Tupi, perguntando se eu queria responder sobre futebol em um programa com o Blota Júnior, chamado Vença com o Vencedor, no estilo de O Céu é o Limite. Eu até falei que entendia mais do Flamengo do que dos outros clubes, mas fui. E, aí, eu comecei a responder e foi um sucesso. Moça de Zona sul, cílio postiço, mini-saia, em 1969, respondendo sobre futebol na TV e sendo Flamengo, era casa cheia. As torcidas começaram a ir com as bandeiras, para incentivar, comecei a dar entrevista para todos os jornais. Em uma dessas entrevistas eu falei que gostaria de escrever sobre futebol, aí a minha amiga Danuza Leão me ligou para dizer que o Samuel Wainer queria falar comigo. Ele era dono do A Última Hora e marido da Danuza nessa época. Eu fui conversar com ele e ele me contratou assim de cara para ser a primeira jornalista de futebol do Brasil. Já com coluna, com foto, com nome assinado, uma revolução. Aí, comecei assim, do nada. Naquela época não havia faculdade de jornalismo, peguei a última turma que pegou registro como profissional de imprensa e foi assim que começou minha vida. Mudei completamente, antes eu ia à praia, jogava, ia à boate, namorava, mas já trabalhava em alguns lugares, como secretária, enfim, aí entrei para um mundo novo, só de homens, cheio de preconceitos, não dos jogadores, muito por parte dos dirigentes, dos coleguinhas, que faziam piada, mas depois acabaram todos

meus amigos. Eles achavam que eu estava ali para arranjar namorado, isso para ser sutil, ou para ocupar o lugar deles. Sofri muita discriminação neste aspecto, dos jogadores não. Eram todos muito bem educados. Naquela época, os jogadores não ganhavam o dinheiro nem a notoriedade que tem hoje, esse destaque de celebridade. Eu ligava para o Pelé e ele atendia e me dava matéria por telefone, para o Jairzinho, para o Gerson, enfim, era outro tempo.

### **Quando você começou a trabalhar com esporte, quando você recebeu o convite da TV Tupi, naquela época, você imaginou que teria que enfrentar o preconceito?**

Não pensei nisso até porque era um mundo novo que se abria e eu não sabia como funcionava, não tinha expectativa nem a favor nem contra. Fui sentir isso no decorrer, logo no princípio porque depois vários ficaram meus amigos, era um preconceito muito velado. Eu sofri um preconceito muito forte por parte do Wilstrique, que era o técnico do Flamengo na época. Ele não dava entrevista para mim, eu pegava com os colegas que cobriam Flamengo comigo, com o Márcio Guedes, na época. Tinham alguns jornalistas que me passavam a matérias, porque para mim ele não dava entrevistas. Ele não dava porque “ali não era lugar de mulher”, uma coisa horrorosa, falava mal de mim, um horror.

### **O preconceito vinha apenas dos colegas de trabalho?**

Dos leitores não e vou deixar bem claro que os jornalistas “top”, armando nogueira, João Saldanha, Sandro Moreira, esses não tinham preconceito algum. Fernando Horácio que depois me levou para o Jornal dos Sports, esses não tinham, tinham eram os setoristas, aqueles que iam cobrir treino comigo. Mas acabaram todos meus amigos. Com dirigentes eram aquelas cantadas habituais que aí você tira de letra, você ri, enfim, mas nada que alterasse o rumo da minha carreira. Aí, eu saí do A Última Hora e fui para o Jornal dos Sports. Fazia muita televisão também, porque era uma novidade, então, eu era júri do Flavio Cavalcanti, participei de um programa da Cidinha Campos, que eram só mulheres, quem escrevia era o Manoel Carlos, na época marido dela. Fiz muita TV. Em 1976, me telefonou o João Carlos Magaldi, diretor da TV Globo da área de comunicação, dizendo que o Walter Clark queria falar comigo. Eu fui lá na TV Globo e era um grupo que queria apoiar um presidente para o Flamengo, mas não só apoiar por fora, queria entrar realmente, foi quando a gente fundou a FAF e o candidato escolhido, que inclusive eu fui convidar porque era meu amigo de infância, foi o Márcio Braga. Então, em 1976, nós fizemos um movimento de fora para dentro no Flamengo, elegemos o Márcio numa época de ditadura, onde não tinham eleições diretas para presidente, foi um assunto no Brasil todo, todo mundo então ficou de olho nas eleições do Flamengo, até o doutor Roberto Marinho foi votar no Márcio. O Walter levou. Aí, eu entrei com o Márcio para o Flamengo, nesse grupo: Magaldi, Walter Clark, Luis Carlos Barreto, enfim, um grupo forte. Fui trabalhar com o Márcio, aí parei de fazer jornal porque realmente não dava para fazer, para ir para a ru. Aí, já era 1977. Eu fazia um pouco de Assessoria de Imprensa, Assessoria dele, era diversificado. Você sabe quando você chega numa casa que você tem que arrumar tudo? Ensinava o porteiro, a telefonista, escolhia uniforme para os empregados, comecei a fazer um pouco da área social. Comecei a fazer o baile vermelho e preto que foi o maior sucesso na época. O baile do Flamengo, vermelho e preto, vinham os artistas todos da TV Globo, veio Alan Delon, todos os corredores de Fórmula Um. Foi um sucesso. Fiquei lá com o Márcio, toda vez que ele entrava eu entrava com ele, quando ele saía, eu saía. Ai fui Vice de

Comunicação do Antônio Augusto, fiz assessoria para vários presidentes, mas isso como amadora. E agora, dessa última vez quando o Márcio entrou, em 2004, eu voltei para trabalhar com ele, mas falei que só entraria se fosse para fazer só Assessoria de Imprensa. Não tinha mais idade, acabei de fazer 70 anos, então não tinha mais pique nem para ir ao clube todo dia, nem para correr atrás, então eu fiz uma Assessoria de Imprensa, montei um grupo no Flamengo, eu trabalhava em casa, cuidando do site do Flamengo e dos contatos com a imprensa, por telefone e email, com as editorias. Porque como quase todos que estavam nas editorias tinham trabalhado comigo, eu tinha uma penetração muito grande e um nome forte, porque nessa profissão você tem que ter credibilidade. Acho que em qualquer profissão. Então eu botei lá dois garotos para fazer futebol, uma menina que tratava dos esportes olímpicos e mais a parte de Marketing. Trabalhei esses seis anos fazendo Assessoria para o Flamengo. Quando em dezembro, o Márcio saiu, eu saí com ele e me aposentei. Agora tenho tempo de sobra até para passear com o cachorro no calçadão. Comecei a cobrir o Flamengo em 1969. Já fiz 40 anos de profissão. E uma coisa muito importante: foi inaugurada a Sala de Imprensa do Flamengo com o meu nome. É você deixar seu nome registrado lá para sempre.

### **Voltando a questão do preconceito...**

Eu acho que preconceito ainda existe até hoje, não é? Lá no Flamengo, por exemplo, não tinha mulher no futebol, só fazendo esportes olímpicos. O Globo agora recentemente começou a ter uma ou duas. Na TV, elas vão com a pauta pronta. Tem também a Marluce no Jornal O Dia e aquela menina, Soninha, em São Paulo.

### **No Globo, agora, tem a Tatiana, setorista do Fluminense.**

É, eu soube. Eu disse até para o Tuninho, outro dia, quando eu vi mulher fazendo: “abriram as pernas agora, não é! Agora pode!”

### **Mas no rádio o número é ainda menor. Por que isso? Você acha que no rádio esse preconceito é ainda maior do que nos outros veículos?**

Tem muita mulher na produção, mas para ir cobrir clube eu não vejo. No Flamengo nunca vi mulher nenhuma, A TV Globo põe algumas mulheres para aprender o ofício, mas como eu te falei elas não são setoristas, elas vão com a pauta feita já para fazer uma determinada matéria que a editoria pede. Mas rádio e jornal não têm. Você tá me dizendo que tem uma menina do O Globo no Fluminense, eu conheço a Marluce no O Dia, quem mais? Eu estou esquecendo alguém.

### **Tem a Márcia, no Botafogo, do jornal O Dia também.**

E também tinha outra menina do O Dia, que teve um problema, parou de trabalhar, foi para Santa Catarina. Eu adoro ela também, esqueci o nome. Mas são muito poucas. Para você ver, eu abri esse mercado em 1969, de lá para cá são exemplos pontuais, você conta nos dedos quantas mulheres tem fazendo futebol. Não sei se é uma resistência dos próprios órgãos de imprensa, se elas não têm interesse, eu não sei. Na faculdade como é, não se formam várias moças?

**E muitas para trabalhar no jornalismo esportivo, mas no mercado são poucas.**

E vão para os esportes olímpicos?

**Geralmente sim. Ou acabam desistindo do jornalismo esportivo e indo para outras editorias, como cidade, política, enfim...**

A resistência ainda é muito grande, porque eles acham que eles acham que futebol é coisa para homem. Eles ainda acham. No dia que eu consegui uma exclusiva com Pelé, logo no princípio, quando que estava no meu segundo ou terceiro dia no A Última Hora, o Brasil estava disputando as eliminatórias de 70 e o técnico era o João Saldanha. A seleção estava concentrada em uma casa ali em São Conrado, que era do Flamengo, e tava todo mundo na porta esperando, aí o João me viu e disse “entra Marilene, vem almoçar com a gente!”. Aí eu entrei para almoçar com a comissão técnica, porque os jogadores já estavam todos dormindo. Eu perguntei: “posso ficar para fazer uma matéria com alguém”, ele disse: “claro, fica aí”. Aí, desceu o Pelé primeiro. Eu era muito bonitinha, e de mini-saia, cabelinho curto, 20 poucos anos, aí ele chegou e eu perguntei: “posso fazer uma entrevista com você” e ele disse: “não vai me dizer que você entende de futebol?”. Eu disse: entendo! Até hoje ele me goza quando me encontra: “ela entende mais de futebol, que muito homem”. E quando eu cheguei ao jornal que eu disse que tinha uma matéria com o Pelé, o Samuel Wainer me perguntou: “mas e aí, quem mais estava?” e eu disse: “só eu!”. Ele disse: “exclusiva?”, eu disse: “é”. Minha primeira matéria de capa. Então você também tem essas sortes na profissão. Coisas que acontecem que te dão mais prestígio. Ou então, de repente, mais inveja.

**Não surgiu nenhum comentário, do tipo: “como ela conseguiu essa entrevista?”**

Eles acham que a gente se prostitui que mulher tem que ceder para conseguir as coisas. É aquela mentalidade machista. Ainda perdura, infelizmente ainda tem isso.

**Você falou da questão de ser menina, jovem e bonita. Para que a mulher seja respeitada no meio, você acha que ela deve adotar um comportamento mais parecido com o dos homens ou, pelo contrário, fazer do feminino um diferencial?**

Você tem que ter postura, não importa a sua roupa. Você tem que ter postura, dignidade, seriedade. Você pode estar de mini-sai ou de jeans, camiseta e tênis, isso não importa, a mulher não deixa de ser feminina porque está de jeans e tênis. Isso é menor. A principal condição é a seriedade e a postura. E a credibilidade que você vai adquirindo para as pessoas te respeitarem.

**Você se lembra de alguma situação, principalmente quando você era setorista do Flamengo, em que você tenha claramente sido vítima de preconceito?**

Não me lembro de nenhum. Eu fui processada várias vezes. Coisas da idade. Eu era muito atrevida. O Flamengo me processou uma vez. Eu cheguei na redação morrendo de medo, o Samuel Wainer dava gargalhadas: “nasceu com a bunda virada para a lua! Com dois meses de profissão e de Flamengo já é processada pelo clube?!”. Aí pegou o Evaristinho de Moraes, que era o melhor advogado da época, e botou para me defender. Aí era manchete em tudo que era jornal: “Flamengo processa moça!”, aquelas coisas. Tudo no Flamengo tem uma dimensão maior, ainda o fato de ser uma mulher dava mais

mídia ainda. Depois no Botafogo fui processada duas vezes. Era uma época muito difícil, em plena ditadura, teve uma história com um diretor do Botafogo, chamado Toniato. Eu tinha gravado a entrevista dele dizendo coisas muito prepotentes, porque a ditadura dava respaldo a ele e eu publiquei na íntegra. Tava gravado, botei lá na íntegra. Ele me processou, eu tive que me defender. Naquela época você fazia um corretivo só e ficava por isso mesmo. Mas é muito desagradável você perder quando você vai a julgamento, você tendo gravado. Mas a gravação não era prova. Não sei se hoje ainda é ou se não é, mas não era. Acho que hoje em dia só quando é autorizada pela justiça. Mas foi um tempo maravilhoso, curti muito, aproveitei muito, conheci muita gente, fiz muitos amigos, mudei de vida. Eu era uma menina muito privilegiada por ter nascido em uma família rica, então, a vida era muito fácil para mim, e de repente você entra em um mundo de jornalista que coincidiu com a ditadura em 1968, 1969. Aí, eu fui conhecendo pessoas engajadas no sistema, na contra-ofensiva, amigos meus que morreram, que foram para fora do país, você começa a viver uma outra realidade, foi um aprendizado muito grande. Eu sempre digo isso para as pessoas, minha vida mudou. Aos 28, 29 anos, minha vida mudou completamente.

### **Como era a questão das entrevistas nos vestiários? Você pegou essa época, não é?**

Nunca entrei em vestiário, não tem necessidade. Nunca precisei entrar em vestiário. A “Germana de La Mari”, que é uma jornalista da antiga também, é que brincava, ela dizia: “a única pessoa que eu conheço que entrou e saiu de vestiário foi a Marilene!”. Mas eu nunca entrei em vestiário. Era gracinha dela.

### **Dá para fazer as entrevistas depois, não é?**

Claro, eu sempre fui contra a imprensa entrar antes e depois. Deixa. Antes não pode de jeito nenhum porque eles estão concentrados para o jogo. Depois, deixa tomar o banho dele. Eu sou contra você pegar só dois jogadores para ir para a coletiva. Tentei mudar isso durante seis anos no Flamengo e não consegui. Eu queria fazer como eu fazia, sentava no campo para assistir treino, entrevistava quem eu queria. E depois, naquela época, não tinha assessor de imprensa de jogador, que também acho um horror. Não conheço nenhum assessor de imprensa, quando me ligam eu digo: “falo do Flamengo”. Não conheço assessor, não quero, porque ficou uma prepotência porque tem que passar pelo assessor de imprensa, menino de 12, de 13 anos, já tem assessor de imprensa. Além de ter empresário, também já tem assessor. Isso é um defeito grande, forte, que o futebol abrangeu, porque quem tem que falar é o clube. Agora, depois desse negócio de que só falam dois jogadores, todos os jornais saem com a mesma matéria, não pode, tem que chegar lá cada um com a sua pauta. De repente, vendo o treino, chama o seu fotógrafo e fala: “tira foto daquilo ali que eu vou fazer em cima daquilo”. Essa versatilidade, essa criatividade acabou.

### **Pelos jornais que você passou, você notou alguma diferença na distribuição de funções pela chefia?**

Eu comecei cobrindo Flamengo, porque eu conhecia muito bem o clube, as coisas do Flamengo e me botaram de cara para fazer o Flamengo. Mas aí, um ano depois eu conheci um jogador do Flamengo chamado Manicera, um uruguaio, que eu me apaixonei perdidamente por ele quando eu vi a fotografia dele no jornal, antes dele começar. Quando eu comecei a namorar o Manicera, eu disse para o Samuel, me tira do

Flamengo porque eu to namorando um jogador e não tem condições de eu continuar trabalhando lá. E eu não misturo trabalho com vida afetiva. Aí ele me botou para fazer Seleção Brasileira. Geralmente em todos os jornais eu tinha uma coluna e uma matéria de fundo. No Jornal dos Sports a última página era sempre minha. Inteira. E tinha sempre uma coluna, que se chamava “os imparciais”, que quem fazia o desenho era o Henfil. Eu escrevia sobre o Flamengo, Martinho da Vila sobre o Vasco, era sempre um torcedor apaixonado e declarado que escrevia para essa coluna. Eu não fazia jogo, porque eu fazia as matérias especiais. Eu entrevistava as mulheres dos jogadores, fazia uma coisa diferente do “rami rami”, do dia a dia do jornalismo.

### **Era uma escolha sua não fazer jogo?**

Eles me davam muita liberdade. Normalmente eu mesma fazia minha pauta. Não fazia jogo, porque normalmente tinha que fazer vestiário, tinha que ficar para fazer a matéria e voltar para o jornal, enfim...

### **Qual a maior dificuldade para uma mulher no dia a dia de um clube. Existia alguma diferença ou as dificuldades eram as mesmas?**

Nenhuma. Eu sabia o que eu queria, sabia fazer, conhecia, sabia escrever, nunca tive dificuldade alguma. E ia para tudo que era campo, não tinha problema nenhum. Solteira, 20 e poucos anos, no dia que eu ia fazer o Pelé, que ia passar pelo aeroporto rumo a Europa, às cinco da manhã eu ia. Chegava ao jornal, se tinha que fazer o Zico em Quintino, eu ia. Chegava na hora do almoço, falavam: “olha faltou alguém para fazer o Roberto atacante do Botafogo em Niterói”, eu ia. Estou te dando esse exemplo porque coincidiu de em um mesmo dia eu ter que fazer três matérias diferentes. Acontece. Naquela época mal e porcamente tinha um fax. Na Copa do Mundo, por exemplo, “A Última Hora” mandou apenas um repórter e um fotógrafo e a gente pegava as matérias aqui para fazer o jornal. Não tinha internet, não tinha celular, nada disso! Eu to de falando de coisas de 40 anos atrás.

### **Como a mulher deve fazer para se destacar no jornalismo esportivo do rádio?**

Mostrar serviço. Tem que entrar em igualdade de condições e mostrar serviço. Tem que ter retidão. Dignidade é a primeira coisa. Tem que ter dignidade em qualquer profissão. Seriedade, respeito e aí vai competir no mercado. O mercado tá aí, o diferencial vai ser o trabalho dela. Para pode mostrar que está fazendo melhor que os outros. Aí não tem homem e mulher, é tudo igual, é mercado de trabalho.

### **Repórter da Rádio CBN: Thayssa Bravo**

#### **Quando surgiu o seu interesse pelo esporte e pelo rádio?**

O interesse pelo esporte foi um pouco tardio, o que até hoje me prejudica um pouco, porque eu tenho pouca memória e a memória no futebol é importante. Eu acho que é a editoria em que a memória é mais exigida no jornalismo. Então, esse interesse de trabalhar com futebol surgiu no último ano da faculdade. Na verdade até o sexto período eu trabalhei com jornalismo político e gostava bastante. Aí, no último ano de faculdade

eu fui fazer um estágio que não existe mais, o estágio multimídia, que era um convênio entre o Sistema Globo de Rádio e o Infoglobo. Nesse estágio a gente rodava as editorias da rádio e do jornal também, do Globo e do Extra. Então, eu passei a viver um pouco do dia a dia de política, quando eu passei pela Nacional; de Cidade, que na época era outra coisa que eu achava legal; e de esporte que até então eu não tinha despertado muito. O que eu gostava muito era de ir aos jogos, gostava muito de torcer e eu ficava encantada com o espetáculo da torcida, não com o jogo em si. Eu ficava muito tocada como 60 mil pessoas podiam cantar a mesma coisa, a hora de escalar os times, aquilo tudo me empolgava, me tocava lá no fundo, mas eu não havia descoberto que eu podia fazer parte disso de alguma forma. E aí, quando nesse último ano de faculdade, eu vivi as editorias de política e de cidade, eu não senti algo diferente, eu não me vi fazendo aquilo. Eu não gostei essa que é a verdade. E quando eu passei pelas editorias de esporte - e ao mesmo tempo eu fiz um estágio de seis meses no meu último ano de faculdade na TV Esporte Interativo - eu gostei muito dos assuntos, da forma mais leve com que você aborda e da forma como você lida com a emoção das pessoas. Que é, se agente voltar lá traz, o motivo pelo qual eu decidi fazer jornalismo. Eu gostava muito de tocar as pessoas com as palavras, com o texto e tal. Só que eu nunca imaginei que eu ia fazer esporte. E aí, trabalhando lá na TV Esporte Interativo, outra coisa que eu gostei foi o clima da redação de esporte. É um lugar mais legal de se trabalhar, menos pesado. Eu via as pessoas saindo da redação de colete à prova de balas e eu não me imaginava fazendo aquilo, eu ia ter dor de barriga, porque eu não estou preparada para esse tipo de tensão, a violência no Rio é muito grande. Eu gostei muito do esporte. Então, embora eu tenha gostado muito do esporte do Globo e do Extra, onde eu gostei mais foi aqui na Rádio Globo/CBN. Primeiro porque eu tive mais oportunidades de “botar a mão na massa”. E segundo, porque eu achei que era um negócio que mexia ainda mais com a emoção das pessoas: o rádio. Mais ainda que o jornal. Então, foi algo que realmente me encantou. Quando eu passei aqui pela rádio no meu estágio, eu fui a vários jogos, e assisti aos jogos da cabine, então, você vê aquilo tudo assim na sua frente. É difícil explicar sentimento. Eu senti que aquilo era legal, aí eu deixei claro que eu gostaria de ficar no esporte, só que eu não fiquei inicialmente. Eu fiquei lá no O Globo. Eu iria ficar o primeiro semestre nos jornais de bairro e o segundo na editoria de Cidade. E aí no finalzinho eu quebrei o pé, jogando futebol pelo campeonato do O Globo. Na verdade, antes disso, o jornalismo da rádio queria que eu viesse para cá, só que eu quebrei o pé e o jornalismo daqui tinha pressa. Então eu acabei ficando lá no O Globo na editoria Rio e nos jornais de bairro. Comecei lá depois que eu recuperei meu pé, porque eu fiquei dois meses mal e tal. Aí, na segunda ou terceira semana, abriu uma vaga no esporte aqui da rádio e me chamaram. Eu não pensei nem duas vezes.

### **Foi já tinha pensado em trabalhar no rádio ou você descobriu no rádio?**

Não. Eu descobri no estágio, mas, por exemplo, na faculdade, na minha semana de calouros, antes de começarem as aulas, eles fizeram uma série de oficinas, de rádio, de TV, de jornal, e eu escolhi fazer a de rádio. É engraçado porque eu fiz minhas melhores amigas nessa oficina de rádio. Foi algo que ficou um pouquinho em mim. Depois eu acabei estagiando com política, com assessoria de imprensa, coisas que não tinham nada a ver com o rádio. Mas eu sempre gostei muito de jornal, de rádio e TV. Gosto de praticamente tudo. Mas, assim, internet é algo que não me atrai muito. Eu acho que essa coisa do veículo é importante, mas eu sempre soube que eu queria fazer esporte. A partir do momento que eu conheci, eu falei: “eu quero esporte”. Mas aonde ia ser eu não tinha a menor preferência. Eu gostava muito de rádio, mas gostava de jornal também. E

se eu tivesse ficado lá no esporte do O Globo também, eu acho que eu estaria feliz. Eu gosto muito de rádio, mas eu vejo em cada veículo uma beleza especial. O rádio tem a emoção, a instantaneidade, o fato de você, no caso de algumas emissoras, remontar uma coisa mais antiga que é gostoso. No jornal, a coisa do texto que eu sou apaixonada, e na TV o apelo da imagem é sensacional.

### **Você já está há quanto tempo no Sistema Globo de Rádio?**

Eu fiz o estágio e fui contratada em fevereiro. Em fevereiro de 2011, eu completo três anos.

### **Quando você decidiu que queria fazer esporte, você pensou que poderia ser vítima de preconceito?**

Engraçado, não pensei muito não. Acho que passou mais pela cabeça dos outros, das pessoas que estavam próximas de mim, tipo minha família. Eles não entenderam nada: "Nossa! Esporte?" Tem amigos que eu encontro até hoje, amigos de escola e tal, do início da faculdade, quando eu nem pensava nisso, que ficam espantados. Eu sempre fui muito feminina, as pessoas têm um estereótipo de que quem vai trabalhar no futebol tem que ser machão e é ridículo isso. Não é nada disso. Então todo mundo, "ah você, no esporte, como assim? De onde você tirou isso e tal." Então, eu não pensei nas dificuldades, algumas até vieram depois, mas quando eu escolhi, eu pensei no diferencial que eu tinha por ser mulher. Eu pensei: "estou entrando em um trabalho em que eu sou uma coisa meio rara", especialmente no rádio, na TV nem tanto porque tem muita mulher, mas no rádio eu pensei: "eu tenho um diferencial que é o fato de ser mulher". Que talvez até no jornal não tivesse muita diferença, mas que no rádio tem muita diferença.

### **Ao longo desses três anos você sente que ainda existe preconceito? Se existe, vem mais dos colegas, dos atletas ou dos ouvintes?**

Não. Eu acho que existe dos colegas a desconfiança inicial, você tem que conquistar a confiança dos outros por ser mulher. Se você fosse um homem e chegasse numa coletiva, todo mundo ia no automático pensar que você entendia de futebol e que sabia o que estava fazendo. Quando você chega e é uma mulher para fazer algum evento, cobrir alguma coisa, imediatamente, as pessoas vão prestar atenção em você para ver se você realmente sabe, se você veio preparada, se você é "Maria Chuteira", se você está ali porque você quer ou se você caiu ali de pára-quadras. Essa desconfiança ainda me incomoda, porque a mulher ainda não é algo natural no meio. As pessoas ainda estranham. Agora, eu acho que com o tempo, com um trabalho bem feito, e sempre se exigindo mais do que se você fosse um homem, você consegue conquistar essa confiança. Agora, vai ter sempre aquilo, quando você cometer um erro, vai ser porque você é mulher e não entende nada de futebol. E, por exemplo, se você vai para uma coletiva e é um homem, você pode até ir meio perdido, mas eu procuro ir sempre preparada, porque é como se você constantemente tivesse que provar alguma coisa. Isso é muito ruim. Agora, eu acho que em relação à coleguinha te dando mole, jogador de futebol te cantando, isso hoje melhorou muito hoje. É claro que a gente ouve histórias absurdas e que existiram. Mas acho que tudo depende da postura que você tem. Se você tem uma postura profissional, uma postura séria - até um certo ponto também, porque você não vai chegar lá e não falar com ninguém - mas se você tem uma postura



profissional, as pessoas não vão fazer esse tipo de coisa, ou então, vão fazer só a primeira. Eu, graças às mulheres que existiram antes, não tive nenhum grande problema hoje. Em relação aos ouvintes, eu acho que eles até curtem muito o fato de ser mulher. Eu tenho uma recepção muito legal, muito mesmo, diariamente pelo Twitter, o bate-papo. Durante as transmissões eu não acompanho porque eu estou no banco, mas às vezes eu tive a oportunidade de olhar rapidinho, é só elogio. Foi uma identificação muito legal que eu acho que a gente conseguiu conquistar. A gente, que eu digo, equipe da CBN. Claro que eu já recebi crítica, mas a maioria tem uma receptividade muito boa.

**Você identificou que no rádio a presença feminina ainda é pequena. Por quê? No rádio a resistência é maior?**

Eu acho que é um pouco de tudo. Algumas emissoras - por sorte não é o caso da nossa - ainda têm alguma resistência, porque você tem em muitas emissoras uma galera que a gente diz que é das antigas, ou seja, pessoas que ainda carregam algum tipo de preconceito. Só que eu acho também que muita mulher não se interessa. Tem o lado do preconceito, mas tem o lado de que, desculpa, mas a maioria das minhas amigas não fala de futebol comigo. É uma coisa rara. Você mesma, eu falo: "poxa, a Camila é diferente, porque a Camila gosta." Eu quero conversar sobre futebol, eu tenho que conversar com os meus amigos. Não é também só o preconceito, é o interesse da mulher que vem crescendo. Vem crescendo com um futebol mais profissional, vem crescendo com o marketing no futebol, com a segurança nos estádios. Hoje a mulher se sente segura para ir à maioria dos jogos, quando não é um clássico nem nada disso. E tem essa coisa que eu estava te falando da voz feminina, que é um diferencial. E na TV, não é um diferencial só da voz, mas do rosto da mulher. Porque, teoricamente, o público é masculino, então quer ver mulher. E isso é ruim ainda, isso mostra um pouco do preconceito que ainda existe. O fato de a mulher estar ali porque ela é bonitinha. Isso é ruim, porque tem muitas bonitinhas que são muito boas, mas infelizmente tem algumas que estão ali só porque são bonitinhas. Não é bom isso. Mas eu acho que no rádio a tendência é crescer mais. Você vê a Carla Matera, ela tá há tanto tempo no rádio, é um ótimo exemplo, é uma pessoa que eu miro muito nela, sou fã dela. Eu acho que deve crescer sim, mas eu acho que no rádio as coisas ainda são um pouquinho mais difíceis. Por exemplo, no jornal tem mais mulheres hoje do que no rádio, não só na televisão. No O Dia tem várias mulheres, no Extra tem, no O Globo tem a Tatiana.

**Você se lembra de alguma situação em que você tenha sido, claramente, vítima de preconceito?**

Claramente não. Mas tem algumas pessoas que eu sinto que ainda te acham bobinha. Acham que você não está ali porque você se preparou, mas porque você caiu de pára-quedas. Isso me incomoda. São só, assim, casos não confirmados. Tem um de um técnico que me tratava muito mal quando tinha as coletivas e vieram me falar que era porque ele não gostava de mulher e, inclusive, tratava mal outras mulheres. Eu me recusei a acreditar e algum tempo depois realmente apareceu uma outra explicação. Era o meu time de coração, que ele achou que fosse um e na verdade era o time que ele treinava. Ele achou que eu fosse flamenguista e tal, enfim, é péssimo também a pessoa te tratar mal porque ouve dizer que você torce por um time. Eu espero que não tenha sido isso, mas algumas pessoas ainda têm um certo preconceito, mas é muito velado hoje em dia. Antes era uma coisa escancarada. O velado é até mais perigoso. Hoje é uma coisa que você sente, mas não tem como provar. Às vezes eu sentia assim "esse

cara não ta me dando a mínima”. Fora os casos de jogadores que você está entrevistando no banco de reservas e o outro está te olhando de cima em baixo e falando bobagem. Se você quer entrar nesse meio, você tem que ser um pouco surda.

**Você acha que na hora da distribuição de funções pela chefia a mulher é discriminada ou poupada de algum trabalho por ser do sexo feminino?**

Eu acho que não. É o que eu te falei, as mulheres estão entrando aos poucos, estão conquistando seu espaço aos poucos, e conforme elas vão conquistando elas vão sendo reconhecidas. Por exemplo, a Carlinha quando estava na Rádio Globo de SP, ela era ponta fixa do Oscar Ulisses, que é o Garotinho de SP e ela se destacou, ela trabalhou e o Oscar viu nela um potencial que passou a fazer jogo com ela o Maércio Ramos, que está há séculos com ele, que é o Gilson do Garotinho. E ela, mesmo que o setorista do clube fosse outro, ela que fazia a ponta. Então é assim, eu acho que ela trabalhou e foi reconhecida, não acho que é preconceito. Eu acho também que a mulher tem que enfrentar os desafios e não pode ficar nessa de coitadinha e de preconceito não, tem que ir conquistando seu espaço. No meu caso é um pouquinho diferente, o caso da Carlinha acho que é legal porque da Rádio Globo de SP que tem uma baita audiência. A CBN está crescendo aos poucos, mas eu acho que eu também em pouquíssimo tempo, estou fazendo coisas importantes. Em pouquíssimo tempo, eu fiz grandes jogos, fui colocada muitas vezes em jogos principais e muitas vezes não fui. Mas nada por eu ser mulher ou não. Não vejo dessa forma, fui pautada para reportagens super legais, fui pautada para reportagens malas, como todo mundo. É bom falar também - porque a gente fala muito da questão do preconceito e ele existe - tem coisas boas de ser mulher. Muitas vezes, infelizmente por um lado, te tratam melhor porque você é mulher. Você pede alguma coisa e a pessoa te trata melhor, infelizmente a vida é assim. É o caso da pessoa que está na estrada pedindo uma carona, se é um homem o cara não para, se é uma mulher ele para. Muitas vezes pode até ajudar. Tem um exemplo legal da Carlinha também. A Carlinha fez algumas matérias em que ela pegou o jogador sozinho e sentou com ele. O cara se abre mais com você, porque você é mulher. Ele vê às vezes uma figura maternal, uma irmã, sei lá, Freud deve explicar. Às vezes, ele se sente muito mais à vontade para falar sobre assuntos que mexem com a emoção dele com a gente. E no jornalismo, isso é muito bom. Por exemplo, em uma matéria sobre a família do Ronaldo. Ele não porque é muito inatingível, mas, sobre a família do Vanderlei Luxemburgo. Aí, a gente vai até a casa dele. Talvez eu seja melhor recebida pela esposa dele, pela filha do que um repórter homem. Eu acho que a mulher está sendo também chamada para esse meio porque tem pautas muito legais onde o olhar dela pode contribuir muito.

**Você acha que a mulher para ser respeitada deve adotar um comportamento mais parecido com os dos homens ou fazer do feminino um diferencial?**

Eu acho que ela tem que ser quem ela é. Eu acho que ela não tem que mudar. Tem uma repórter do O Dia que gosta de se vestir de tênis, com camiseta larga, de calça jeans, então, ela vai continuar se vestindo desse jeito. Tem repórteres, a Aline da Band, por exemplo, ela gosta de usar salto alto, então, ela vai para o treino de salto alto. Se ela se sente bem daquela maneira, acho que ela tem que usar. Claro que você - e isso não acontece - não vai de saia curta, de mini blusa, porque aí você vai ser taxada de uma pessoa que ta ali para outra coisa e não para trabalhar. Mas é curioso você perguntar isso, porque no início, quando eu comecei a frequentar os treinos, eu era muito insegura das pessoas pensarem que eu estava ali por outro motivo, então eu não ia muito

feminina, sempre de tênis e tal. Conforme foi passando o tempo, eu fui me sentindo mais segura, as pessoas já me conhecem hoje, já sabem como eu sou, já sabem de onde eu vim, já sabem que eu quero estar ali porque eu quero estar ali, então, hoje eu não vou botar um salto plataforma, mas se eu quero botar um sapatinho com um salto assim curtinho, eu boto. Eu vou de saia, antes eu não ia de saia. Hoje eu vou de saia até o joelho com sapato baixo, com tênis. Hoje eu passo um pouco de maquiagem, antes nem maquiagem eu passava. Conforme eu fui me sentindo mais segura, eu fui me sentindo mais à vontade para ser quem eu sou, porque eu sou assim, eu não uso saltão, nada disso, até porque eu sempre tive namorado baixinho, mas eu sou uma pessoa que gosta de se sentir mulher. Então, eu procuro ter esse lado ainda.

### **Você acha que existe alguma dificuldade para a mulher no dia a dia do clube por ser mulher?**

Eu acho que tem um pouco. Tem algumas coisas que não se faz mais, antes o pessoal entrava em vestiário, hoje não tem nada disso. Mas tem uma coisa em viagem, quando você está no mesmo avião que os caras, às vezes pode ser um pouco constrangedor. Você sabe que o fato de você estar ali faz com que eles se sintam tolidos, eles não falam tanta besteira, não falam tanto palavrão, não fazem tanta piada obscena, como eles fariam, porque jogador de futebol é assim, fala muita bobagem, no meio é bem complicado. E, por exemplo, teve uma vez na Libertadores desse ano que eu fiz as férias do Perrou durante a Libertadores, então eu fiz duas viagens com o Flamengo: para o Chile e para Caracas. E foi vôo fretado e a gente foi dentro do vôo. Eu era a única mulher do avião. Era um negócio bem esquisito, você dormir ali com um milhão de homens. Eu me senti um pouco constrangida, mais por eles do que por mim. No ambiente do clube fala-se muita bobagem também, muito palavrão, e muitas vezes: “ah não fala isso porque a Thayssa está aí!”, eles fazem isso às vezes também. E aí, você tem que ser um pouco surda também.

### **Isso te incomoda?**

Não me incomoda porque eu acho que quando eu topei entrar para o meio eu sabia que era assim, que era muito masculino e tal. Eu fico chateada às vezes. Se o cara solta um “PQP”, não tem nada a ver pelo amor de Deus, mas se ele solta um “vou fazer isso com a sua mãe, vou fazer vou acontecer”, uma coisa que leva para um lado mais sexual, passa do limite do respeito, aí eu saio da sala. Eu não falo nada, eu não bato boca com ninguém, mas eu saio da sala, enfim, é bem raro. Quando eu estou, e em muitos treinos têm outras meninas também, o pessoal costuma dar uma maneirada.

### **O que você acha que a mulher deve fazer para se sobressair no jornalismo esportivo, principalmente no rádio, como a Carla?**

Eu acho que em primeiro lugar pelo conhecimento, porque eu acho que até hoje ainda tem essa visão de que mulher não entende nada, então, o fato de entender eu acho que é um baita diferencial, de você se esforçar. Eu, por exemplo, não tenho muita memória, mas eu procuro estudar e adoro fazer matérias de coisas antigas justamente para treinar

isso. Então, primeiro a coisa do conhecimento eu acho importante e segundo aquilo que a gente falou do olhar, que a mulher tem um olhar diferente, tem uma presença diferente que muitas vezes leva a matérias diferentes. Talvez se você der uma pauta para um homem e a mesma pauta para uma mulher, a mulher entregue algo voltado para um outro lado que hoje no esporte não tem, que é um outro diferencial, e acho que o fato de ser bem humorada, de ser uma pessoa simpática, todo isso no ar eu acho que conquista o ouvinte. Muitos ouvintes brincam: “É a mulher perfeita, porque é a mulher que é simpática, bem humorada e que gosta de futebol.” Acho que se você consegue reunir isso tudo, para o ouvinte você fica uma pessoa que ele passa a querer ouvir, passa a querer no rádio dele, na vida dele.

### **Você acha que ainda existe pouco espaço para a mulher no rádio esportivo?**

Eu acho que tem. Deixa eu ver se eu consigo me expressar direito. Eu acho que você tem que ser muito boa para conseguir um espaço, tem que lutar para caramba, tem que ter sorte. Você tem que ter a sorte de encontrar um chefe que te veja com bons olhos, como graças a deus eu tive desde o início, que veja potencial em você, você tem que dar a sorte de ser respeitada pela sua equipe, e tudo isso é muito mais fácil para o homem. Para um cara que é mediano, reunindo tudo, voz, conhecimento, no ao vivo, se ele é bom, se ele não é, bom trânsito nos clubes, o cara pode ser mediano que ele vai conseguir uma vaga, a mulher tem que estar sempre tentando se superar. Eu acho que o caminho da mulher é mais difícil, não é que não tenha espaço, mas talvez seja mais difícil porque tem essa desconfiança, tem ainda essa visão da mulher como objeto por algumas pessoas e daí você tem que dar sorte de despertar o melhor nas pessoas que você vai encontrar.